

SERÕES

COMPRAR
ABR. 1940



LIVRARIA FERREIRA

132, R. DO OURO, 138 — LISBOA

N.º 46 — ABRIL

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Praça dos Restauradores, 27 — Telep. 805

Typ. do Anuario Commercial — Praça dos Restauradores, 27

PARQUE VACCINOGENICO DE LISBOA

FUNDADO EM 1888

Vaccina animal contra as bexigas—Verdadeiro cow-pox

30, Avenida D. Amelia, 30

Proprietario e Director: CARLOS MONIZ TAVARES

Endereço telegraphico: Vaccina

Numero telephonico: 548

Os animaes que servem á producção da vaccina, escrupulosamente escolhidos, só são inoculados depois de estarem uns dias em observação e adquirida a certeza do seu bom estado sanitario.

A vaccina, antes de ser posta á venda, em tubos ou placas, soffre exame bacteriologico e ensaios clinicos, de modo a poder assegurar-se a sua pureza e efficacia.

Tubos ou placas com vaccina para 1 a 5 pessoas	500 réis
Tubos ou placas com vaccina para 10 pessoas	800 »
Frascos com vaccina para 50 pessoas.	4\$000 »

A vaccina deve ser empregada tal como está nos tubos ou placas sem addicionamento de substancia alguma.

A vaccina deve ser conservada ao abrigo da luz e da humidade e em local cuja temperatura não exceda 20° centigrados, sob pena de se attenuar a sua virulencia.

Vaccinações no Parque, em todos os dias uteis, das 2 ás 4 horas da tarde	1\$200 réis
A's quartas feiras, vaccinações com vaccina tirada da vitella, com o animal á vista.	2\$000 «

Preços especiaes para vaccinações em collegios

FORNECIMENTOS PARA CAMARAS MUNICIPAES

Para **Africa e Brazil**, acondicionamento especial de fórma a assegurar a chegada da vaccina ao seu destino em perfeito estado de conservação e efficacia.

Todos os pedidos de vaccina feitos pelo correio ou por telegramma, são satisfeitos immediatamente, seja qual fôr a quantidade

Summario

MAGAZINE

	PAG.
ALFREDO DA CUNHA (<i>Retrato</i>)	
(<i>Frontispicio</i>)	262
LIÇÃO DE LINGUISTICA (<i>Versos</i>) por ALFREDO DA CUNHA	263
EM CASA DOS ARTISTAS — BULHÃO PATO	
(<i>3 illustrações e 1 vinheta</i>) por MARIA O'NEILL	265
MALDITA POR QUÊ? (<i>Versos</i>) por CAMILLO CASTELLO BRANCO	269
O ENGERIDO E A SEREIA	
(<i>5 illustrações</i>) por JUSTINO DE MONTALVÃO	270
A IRENE (<i>Versos</i>) pelo VISCONDE DE S. BOAVENTURA	277
A TRAGEDIA DO CALVARIO (<i>Versos</i>) por J. REGALLA	278
A FIANDEIRA DO MINHO	
(<i>6 illustrações e 1 vinheta</i>) por ALFREDO GUIMARÃES	279
A CASA ANADIA	
(<i>4 illustrações e 1 vinheta</i>) por BULHÃO PATO	284
PORTUGAL PITTORESCO (<i>2 illustrações</i>)	287
PASTORILISANTES (<i>Versos</i>) por ALBERTO CORRÊA	288
EM TERRA DE LOBOS — NO PAIZ DOS REBANHOS	
(<i>6 illustrações</i>) por A. DE SOUSA MADEIRA PINTO	292
PENSAMENTOS (<i>Versos</i>) por CARLOS AFFONSO DOS SANTOS	298
UM IMITADOR DE SHERLOCK HOLMES	
(<i>4 illustrações e 1 vinheta</i>) por MARIA O'NEILL	299
TRANSVIADA (<i>Versos</i>) por ERNESTO LEITÃO	306
OS BASTIDORES DO NIHILISMO	
(<i>1 illustração e 1 vinheta</i>) traducção do inglez por EDUARDO DE NORONHA	307
REMINISCENCIAS DO ALÉM (<i>Versos</i>) por* DOMINGOS MAGARINDO	316
ORIGENS DO PORTUGUEZ DO SUL	
(<i>2 illustrações e 1 vinheta</i>) por F. ADOLPHO COELHO	317
A TUA TRANÇA (<i>Versos</i>) por J. FIGUEIREDO	324
CARLOS REIS	
(<i>1 retrato</i>)	325
QUEBRA-CABEÇAS	326
ECCOS E REFLEXOS	
(<i>52 illustrações e 1 vinheta</i>)	327

A MUSICA DOS SERÕES

SUR UN THÈME POPULAIRE, por ALBERTO SARTI 4 paginas

DIRECTOR LITTERARIO

Eduardo de Noronha

Serões

ADMINISTRADOR

Caldeira Pires

Propriedade da **LIVRARIA FERREIRA**

REVISTA MENSAL ILLUSTRADA

Redacção, administração, officinas de composição, impressão, photogravura e encadernação

Praça dos Restauradores, 27

LISBOA

(PASSAGEM DO ANNUARIO COMMERCIAL)

Telephone 805

ANNUNCIOS

A administração dos *Serões*, revista mensal de importante tiragem e larga circulação — não só em Portugal (Ilhas e Colonias), como no Brazil —, oferece nas paginas supplementares dos *Serões*, nitidamente impressas e em optimo papel, uma **Secção especial de annuncios**, que antecederá o texto de cada numero d'esta publicação, nas seguintes condições:

Por uma só inserção		Por um anno, ou sejam, 12 inserções	
1 pagina	6\$000 réis	1 pagina	70\$000 réis
1/2 pagina	3\$500 »	1/2 pagina	40\$000 »
1/4 pagina	2\$000 »	1/4 pagina	20\$000 »

Os clichés, quando o annuncio fôr illustrado, serão fornecidos pelo annunciante. A administração dos *Serões* encarregar-se-ha, quando o annunciante manifeste tal desejo, de mandar fazer qualquer cliché, sendo a sua importancia paga separadamente.

Pequenos annuncios: 5 linhas, em columna de 1/3 da largura de pagina, 300 réis cada inserção.

Condições de assignatura

A assignatura dos *Serões*, é computada por trimestre, semestre ou por anno, correspondendo o seu inicio aos mezes de janeiro, abril, julho ou outubro, e o seu pagamento feito adiantadamente:

Portugal, ilhas, colonias e Hespanha....	{	Anno	2\$200 réis
		Semestre	1\$200 »
		Trimestre	600 »
Para o Brazil (moeda fraca)	-	Anno	12\$000 »
Para outro qualquer paiz estrangeiro...	-	Anno	15 fr.

NUMERO AVULSO, 200 RÉIS

ADMINISTRAÇÃO DOS *Serões*

Praça dos Restauradores (Passagem do Annuario Commercial) 27

Telephone 805

LISBOA

As nossas capas de luxo

Com o n.º 42, completou este bello magazine portuguez — **Serões** — o 7.º volume da 2.ª serie.

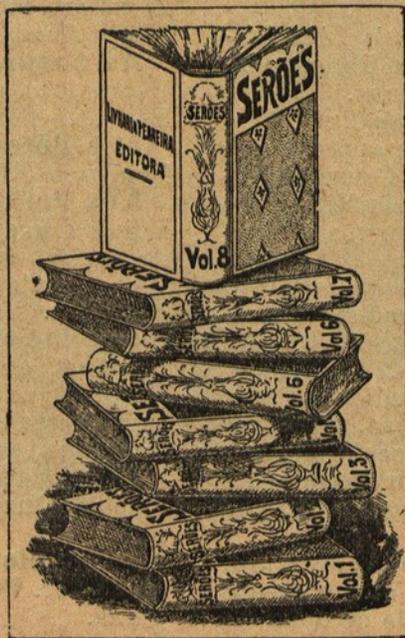
Os nossos estimaveis assignantes que desejarem utilizar-se das capas — de bello effeito em fundo de percalina vermelha a ouro e negro — pódem enviar-nos os 6 numeros para encadernar, juntamente com a importancia de 300 réis (custo da capa), 100 réis (de empaste) e 100 réis (de porte do correio), ou seja, **500 réis**, que dentro de cinco dias receberão o volume encadernado.

Os **Serões**, assim acabados, mais evidenciam ser a publicação, relativamente, mais barata que se faz entre nós.

1.ª Série

QUATRO VOLUMES

A 1\$200 réis cada



A 1\$200 réis cada

SETE VOLUMES

2.ª Série

NOTA. — O maço a remetter-nos deverá ser embrulhado em papel consistente, atado com cordel forte, para que os numeros não soffram com o transporte. O pacote, devidamente estampilhado com sello de 80 réis, deve ser dirigido á

Administração dos SERÕES

Praça dos Restauradores, 30 — LISBOA

Revista bibliographica universal

Obras do Conde de Monsaraz. Dois volumes de versos. Contém um: Do ultimo romantico, paginas soltas e Severo Torrelli. Contém outro: Catharina de Athayde, O grande Marquez, lenda do jesuitismo. Edição esmeradissima da livraria Ferreira.

Embrechados. *Conde de Sabugosa.* Segunda edição primorosa da livraria Ferreira.

Os delinquentes passionaes e o criminalista Impallomeni. *Emmanuel Lasserre.* Traducção em portuguez. Edição muito cuidada da livraria Ferreira. Cento e oitenta e sete paginas.

A questão agraria. *Antonio Lino Netto.* Estudo interessantissimo. Tresentas e cinquenta paginas.

Ações catalyticas. *Antonio Lino Machado Guimarães,* Licenciado em Philosophia Natural. Cento e sessenta paginas.

Os nossos amigos. *Anna de Castro Osorio e Paulino de Oliveira.* Livro approved e adoptado para as escolas pelo Conselho Superior de Instrucção Publica de Minas Geraes. Contém doze contos e numerosas illustrações.

Uma lição da historia. *Anna de Castro Osorio.* Livro de leitura approved pelo mesmo conselho que approved o anterior. Oitenta paginas e numerosas gravuras.

La Mort de Philae. 37.^a edição. *Pierre Loti.* E' uma narrativa deliciosa, tendo por thema o Egypto, cheia de côr local e escripta no estylo suggestivo e evocador do eminente homem de letras francez. Preço 3 fr. e 50 cent.

La Tournée du Petit Duc, de *Willy.* N'uma edição elegantissima, o auctor dá-nos um romance moderno, recheado de observa-

ção, com personagens typicas, de um grande relevo. Preço 3 fr. e 50 cent.

Les Porteuses de Torches, de *Jehan d'Ivray.* Além de uma edição primorosa, com vinte e duas gravuras de pagina, é uma novela onde a phantasia corre parelhas com o exame pormenorizado e optimamente reproduzido de scenas de vida actual. E' uma novela que empolga o leitor desde o primeiro ao ultimo capitulo. Preço 3 fr. e 50 cent.

Ce qu'il faut savoir d'hygiene, dos professores *R. Wurtz* e *H. Bourges.* Contém onze capitulos sobre todos os assumptos de hygiene, singela e proficientemente redigida, com o texto elucidado por gravuras.

Principes de thérapeutique, por *A. Mauquat,* medico em Nice. Doze capitulos, 365 paginas. Edição cuidadissima.

Au coeur de la vie. *Pierre de Coulevain.* Impressões de viagem. 412 paginas. 3 fr. e 50 cent.

Les détours du coeur. *Paul Bourget.* Romance. 380 paginas.

Les Vrilles de la Vigne. *Colette Willy.* Edições de «La vie parisienne». Compilação de varias narrativas attrahentissimas. Duzentas e vinte e quatro paginas. Preço 3 fr. e 50 cent.

Les Médicaments usuels. *Dr. Alfredo Martinet,* antigo interno dos hospitaes de Paris. Therapeutica clinica. Terceira edição. Quinhentas e desaseis paginas com gravuras intercalladas no texto.

L'education de soi même. *Dr. Paul Dubois.* Duzentas e sessenta e quatro paginas.

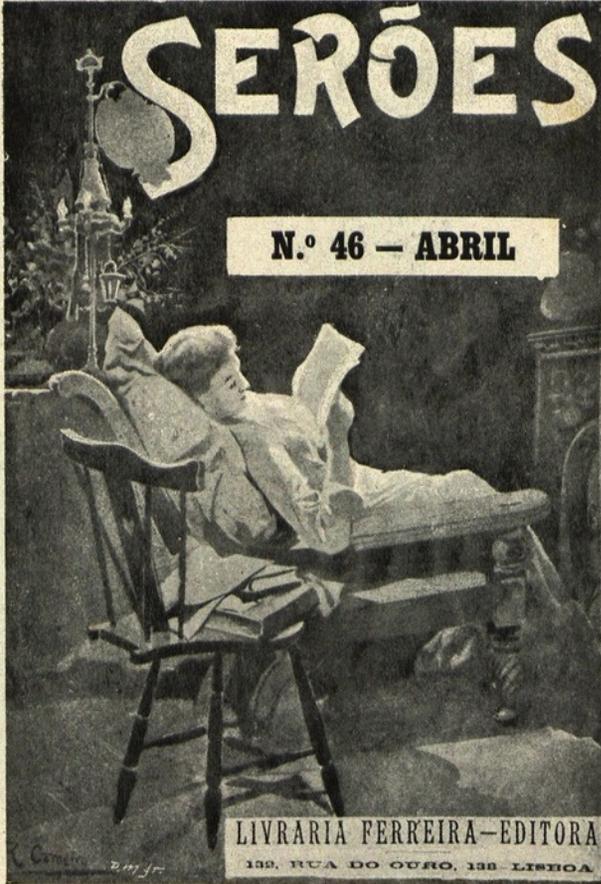
Juvenilia. *Odilon Nertoi.* Com o retrato do auctor. Poesias. Cento e trinta e seis paginas.

Todos estes livros se encontram à venda na Livraria Ferreira, Rua do Ouro, 132 a 138, Lisboa.

Avis. — Les titres de tous les ouvrages dont deux exemplaires auront été envoyés à la redaction des *SERÔES*, seront le sujet soit d'un compte-rendu, soit d'une mention spéciale, selon l'opportunité reconnue de la publication

SERÕES

N.º 46 — ABRIL



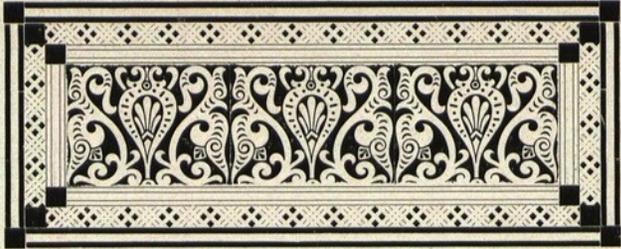
LIVRARIA FERREIRA—EDITORA

139, RUA DO OURO, 139 LISBOA



Alfredo da Cunha

Poeta, escriptor e jornalista. O «Diario de Noticias» deve-lhe a sua orientação calma e sensata. Sob uma apparencia franzina occulta indomável energia, uma grande bondade de alma, um genio ponderado. E uma individualidade em relêvo no nosso meio litterario, jornalístico e social.



Lição de linguística

AMOR, substantivo masculino ;
do latim *amor*.

(De todos os dicionários)



Seja quem fôr que te adextre
No ensino da nossa lingua,
Seja quem fôr o teu mestre,
Vê-se-lhe bem que tem mingua

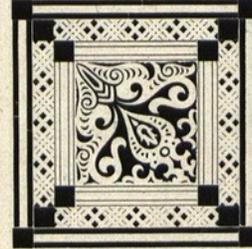
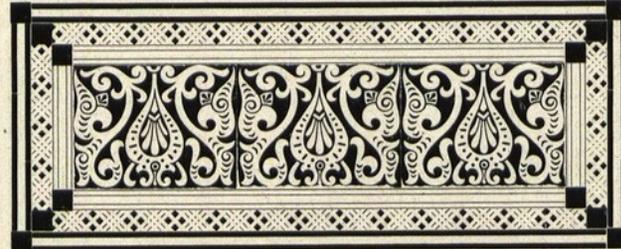
Do que vale mais que a sciencia
E que as regras da grammatica,
Porque lhe falta a experiencia
E tudo ignora da pratica.

Cita-te mil dicionarios,
Com outras tantas theorias,
Tratados, vocabularios,
Insulsas philologias ;

Cita-te um livro genial
Que inventa origens profundas
De palavras que afinal
São d'outra parte oriundas.

— Obra que explica e ensina
Que o que chamamos «amor»
Vem da palavra latina
Que lá indica o auctor.

São mentiras, bem o creio,
Quanto de ler eu acabo
N'esse livro de erros cheio
Do principio até ao cabo.





Acceito sem reluctancia
Que o amor é substantivo,
Porque está n'elle a substancia
De quanto no mundo é vivo ;

Que além d'isso é masculino
Tambem admitto que o seja,
Visto que amor feminino
Não é couça que se veja,

Ninguem sabe em que consiste,
Como nasceu, quanto dura,
E é duvidoso se existe
Ou existiu porventura ...

Mas derivar do latim,
De paternidade estranha,
A paixão que brota em mim,
Não é verdade, é patranha.

Que seja a lingua latina
— lingua de padre prior —
Mãe de palavra tão fina,
Repelle-o o meu proprio amor !

.....

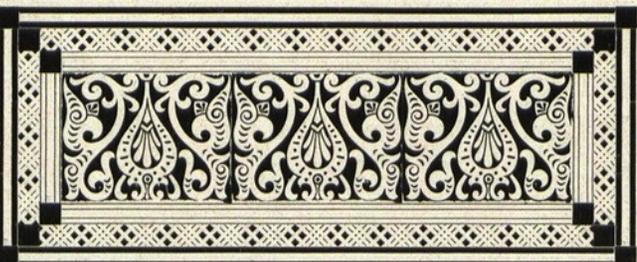
O amor, da alma é que vem,
D'ella tira a sua origem,
E as forças todaç que tem
A outra alma se dirigem.

A raiz está no peito,
E a sua derivação
Bem a aprendi, com effeito,
Em tempos que já lá vão !

N'aquelle ditoso dia
Em que eu, na luz d'um olhar,
Li toda a etymologia
D'essa palavra sem par ;

Quando puderam teus labios
Dar-me do amor a saber
O que eu nunca em livros sabios
Sem ti pudera aprender ...

Alfredo da Cunha.





Em casa dos artistas

Bulhão Pato



IMMORTAL auctor da *Paqueta*, aquelle rutilo e deslumbrante espirito que attrahe quantos se lhe approximam, é hoje um lindo velho, com uma gentilissima cabeça,

que tenta, provocando o pincel dos artistas, e foi na minha creancice um bello homem.

Vejo-o ainda na Trafaria, quasi sempre acompanhado por seus sobrinhos, Raphael e Nuno, e por seu afilhado Antonio, vestindo o elegante trajo de caçador com que depois Luppi o retratou.

Eu era então muito creança e, d'esse tempo, só conservo distinctas as impressões que vivamente me feriram a imaginação. Lembram-me os vultos e não me recordo geralmente das feições. Duas pessoas, porém, me ficaram n'aquella época nitidamente gravadas no espirito. D. Maria da Piedade, irmã do eminente escriptor, e Bulhão Pato que deslumbrava os meus olhos e a minha imaginação.

Eu achava-o bello, encantador, e tinha como que a intuição da sua grande superioridade.

O seu pittoresco trajo de caça, que lhe valorisava a figura gentil, dava-lhe aos meus olhos de creança um immenso relevo; parecia-me um heroe de lendas maravilhosas deslocado na terra entre os homens aos quaes em nada se assemelhava. Assim, desde que elle entrava em nossa casa, cessavam

para mim as brincadeiras: parava a distancia de modo a vêr e ouvir, sem despertar a attenção dos meus, e, chupando malcreadamente o dedo polegar da mão direita, entre-tinha a esquerda a torcer e destorcer as bordas do bibe. Esta attitude valeu-me inumeras reprehensões; era machinal sempre que me alheava de mim e me dispunha a estudar os outros, o que talvez não creiam, mas é uma das mais gratas occupações das creanças.

Estudando, pois, Bulhão Pato, admirava-o profundamente, e tanto, que tenho na memoria desde então versos seus, escriptos por brincadeira, a proposito d'um dôce feito e mandado por minha mãe a sua irmã, versos que elle esqueceu, e talvez os outros. Tão devotadamente os recolhi na memoria que hoje, que tudo deslembro facilmente, acodem-me sem o menor esforço aos bicos da penna. Ah! vão. Elle, se os lêr, sentirá talvez uma lagrima humedecer-lhe as palpebras. A recordação d'um passado radioso de mocidade e espirito é sempre saudosa. Fôram dirigidos a meu avô:

General, pede o meu voto?

Pois francamente lá vai.

Não é voto de «S. Bento»,

Nem tambem lisonja ao pae.

Pondo as mãos nos Evangelhos

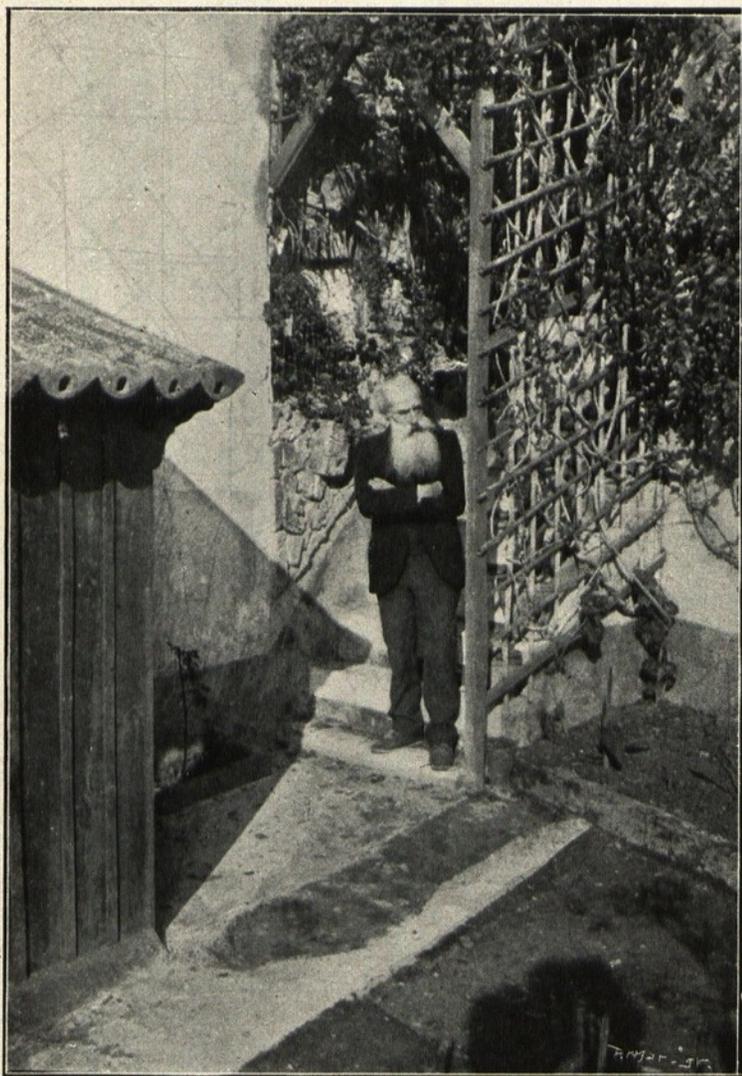
Juro ser bôa a compota,

Mais do que bôa obra prima

Obra de D. Carlota.

Annos depois, creança ainda, via-o semanalmente em casa d'um nosso grande amigo, hoje fallecido, ouvia-o recitar com recolhimento, e d'esses serões. para mim de dôce recordação, são Bulhão Pato e Thomaz Ribeiro as pessoas que me deixaram mais grata impressão.

Parece-me que o estou vendo, n'um gesto



BULHÃO PATO NO JARDIM DA SUA VIVENDA

que ainda hoje lhe é habitual, passar os dedos pela farta cabelleira ao passo que recitava versos encantadores que me deixavam n'alma um rasto de melancolia e prazer!

*Foi d'essa casinha branca
Que a avesita voou...*

Terminava assim a ultima poesia que ali lhe ouvi.

Ora se um espirito de creança, sem des-

envolvidas faculdades de apreciação, era assim deslumbrado e attrahido, como satellite por um astro, que impressão não produziria a sua personalidade inconfundivel n'aquelles que estivessem preparados para a poderem estivar á sua justa altura?

O talento d'este mestre é facetado como um diamante; cada ponto que fitamos parece-nos sempre o mais luminoso.

Como prosador, a elegancia e propriedade da expressão, os recursos inexgotaveis da nossa lingua que elle conhece e trata como poucos, dão aos seus trabalhos grande realce e põem-lhe nos labios sorrisos de desdem sempre que vê recorrer a estrangeirismos para exprimir mal em lingua alheia o que tão bem diriam na sua. E não se fica em sorrisos. Vêja-se:

Nada

*Livros de grande lombada,
E tudo, fio a pavio,
Uma estupenda maçada!...
Do paiç... nem o arrepio
D'um bico salgado... Nada!*

*Nas serras da nossa Beira,
Um magusto de castanha,
E circundando a lareira,
Olhos de força tamanha,
Que matam por brincadeira!...*

*A cantar a canna verde
Uma cachopa de Aveiro!
Chispando como um valverde,
De tamanquinha e sombreiro,
Com que o mais santo se perde...*

*Revoluteando a bailar,
Arrecadas, rendas brancas,
Olhos em braça a saltar,
Batendo as roliças ancas,
Derreada sobre o par!...*

*No Alemejo, manhã fria,
Pelos bravios montados,
A retumbar a alegria
D'alguns moços bem plantados
Que lá vão á montaria!...*

*Nas nossas vastas campinas
Novilhos brincões mugindo,
Pelas tardes crystallinas,
Entonados, investindo,
Provando as forças taurinas!...*

*Com os passados alentos,
Propiciarmos o futuro,
E ás ruínas dos monumentos
Arrancarmos o oiro puro
Dos nacionaes sentimentos!...*

*Nada!... Extrangeiras figuras,
Repintadas bem ou mal,
Que ás primeiras raspaduras
Deixam vêr o original
A rir das caricaturas!*

Não são estes versos prova, se prova fôsse precisa, de que Bulhão Pato como poeta, artista e critico, é exímio?

As suas descripções participam do brilho dos olhos com que viu, as suas georgicas criam bucolicos, e as suas temíveis e temidas satyras, capazes de causarem frio á pedra e calor ao lume, são, por todos os que prezam as letras patrias, admiradas com desvanecimento.

Elle descreve a natureza como ninguem. E' natural. Durante a sua longa vida conversou sempre tanto, tanto com ella que, reconhecida de ter captivado tão gentil espirito, ella contou-lhe a bandonadamente os seus mais intimos segredos. Como elle os comprehendeu todos sabemos.

Ha tempo, por uma linda manhã (não me lembra a época do anno) fui ao Monte visitar aquelle querido mestre; encontrei-o passeando na sala, de olhar incendiado

face rosada, como se o fogo do coração lhe custasse a conter.

— Interrompi-o no melhor de qualquer composição? perguntei.

— Não, não me interrompeste. Repetia umas singelas quadrinhas que improvisei hontem a um recém-nascido que ia a enterrar.

Depois, levando-me á janella do seu quarto, ajuntou indicando-me com a mão o local.

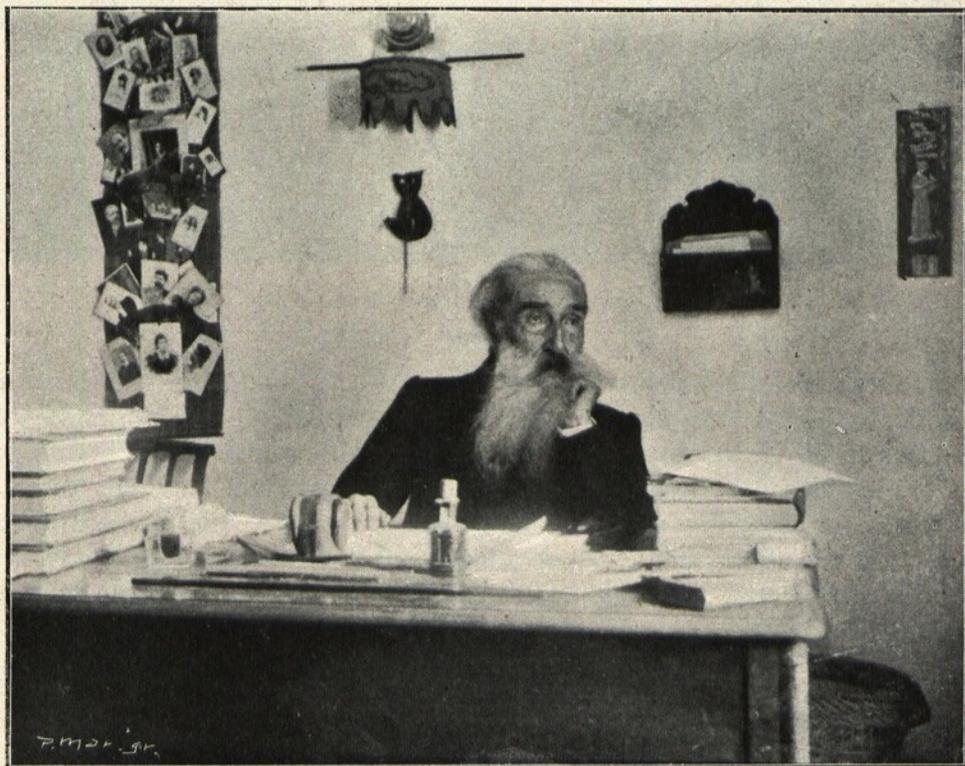
— Descia eu aquella encosta, além, era quasi sol posto. O caixãozinho era levado por creanças e os raios agonisantes do sol envolviam o pequenino ser como n'um ultimo e meigo affago... Recebi uma dolorosa impressão. Ouve o seu resultado.

E com voz sonora, cheia de modulações suavissimas, verdadeira voz de poeta, começou:

Dois beijos

*Dois beijos tiveste um dia...
Da aurora, quando nasceste,
E á tarde quando morreste
Do sol que tambem morria.*

*Foi ditosa a tua sorte
Nos instantaneos lampejos...
Quantos não tem d'esses beijos,
Nem na vida nem na morte.*



BULHÃO PATO NO SEU GABINETE DE TRABALHO

O sol, no espaço de um dia,
Que mais podia fazer,
Que dar-te um beijo ao nascer,
E um beijo quando morria?

Quando terminou nenhum de nós tinha os olhos enxutos.

Falei do seu sentimento. Quanto á sua graça e ao seu espirito não conheço nada mais delicado e leve, ou mais pesado e cortante, segundo pede o assumpto.

Exemplos d'uma e de outra fórma, tirados das suas memorias, mas que lhe ouvi dos proprios labios. E' elle que fala:

«Um dia na Arenosa entraram mais dois

Respondi-lhe de improviso com estes dois embrechados:

E' filho de Pena Cova
Este doutor transcendente.
Arreda de lá tal penna,
Que traz a cova ao doente!

De Pena Cova sahiu,
Fernando de Mello um dia.
Sabem que fez? Quem diria!...
A quantos doentes viu,
Co'a penna a cova lhe abriu!

Embainhamos os floretes e reconciliamos-nos em seguida ao nosso jovial duello.»

Contando uma e graça dissima questão com uma peixeira, questão a que chama a sua *Oração da corôa*, e que não reproduzo aqui porque já vae longo o artigo para o espaço de que me é dado dispôr, depois de descrever com o seu habitual chiste a incomparavel scena na qual venceu a vendedeira em *bellas* palavras termina com esta magnifica phrase:

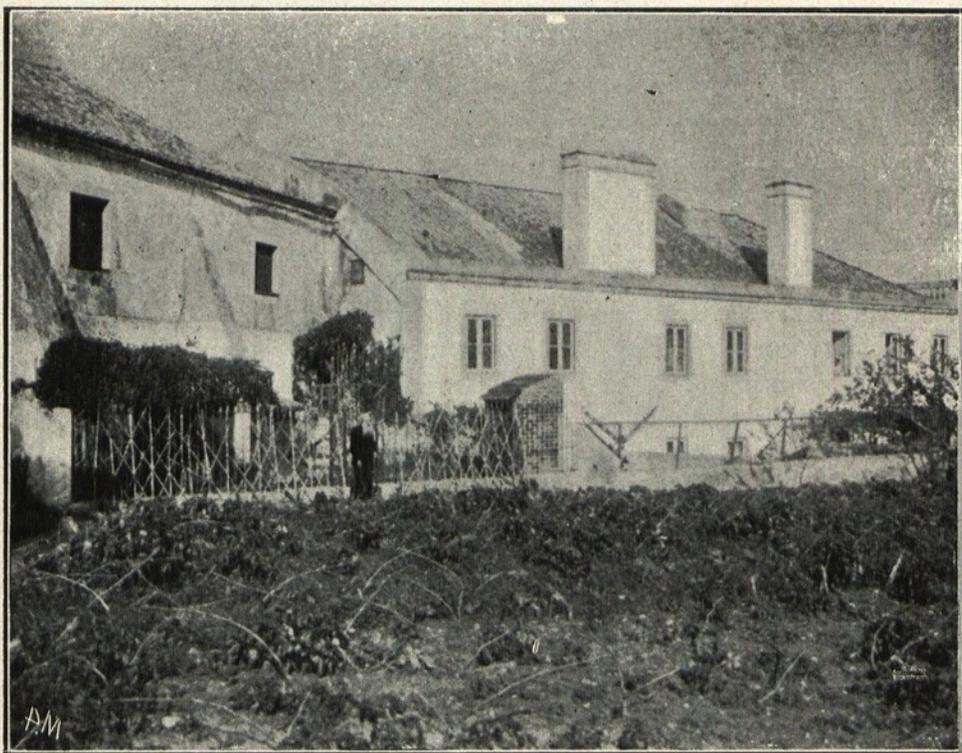
— Se me dá para entrar em S. Bento, calcule o leitor onde hoje estaria!...

Ouvir-lhe contar o passado é vêr erguerem-se ante nós seres que, conhecidos de nome, elle nos mostra com palavras que excedem photographias.

Como elle diz os seus versos! que fogo! que paixão! que vida!

E o homem, o homem pelo lado grave da palavra?

Vale o litterato; se fôra possivei, mais talvez. Liberal de convicções arreigadas, amante do progresso e da civilisação, nimia-



A VIVENDA DE BULHÃO PATO

hospedes: José Dias Ferreira e Fernando de Mello. José Dias teria vinte e quairo annos; era lente da Universidade, fôra deputado e fizera um discurso que prenunciava o grande e futuro orador; Fernando de Mello, medico, falava com facilidade e elegancia, um pouco ornamentada a phrase no estylo coimbrão do tempo.

A' noite, quando a palestra se animara, entrou a metter mão commigo. Cruzamos os ferros. A um bote imprevisito que eu lhe atirei, perguntou-me com mordente ironia:

— Porque não disse isso em verso?

mente apaixonado por todos os problemas sociais, Bulhão Pato, que já fez oitenta annos, se tivesse nascido hoje, seria, pelos seus pensamentos e sentir, o homem de amanhã.

Elle está tão novo de espirito e coração, que, ouvindo-o, nos espantamos da sua sadia vivacidade: tem o coração nos labios, a alma nos olhos. E é tão raro isto hoje no nosso meio e na nossa época!

O amor, a liberdade, a natureza tem no seu coração fervente culto. Sempre que se refere a esta ultima sahe-lhe dos labios este brado entusiastico:

— Nada mais bello!

Bulhão Pato ganha em ser conhecido. Quanto mais intimamente o tratamos aconte-

ce-nos o contrario do que é vulgar: descobri-mos-lhe qualidades novas em vez de defeitos.

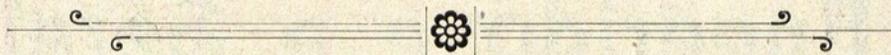
A sua modestia é unica. Chega a dar aos outros a impressão de que não conhece o seu merecimento.

Se me perguntarem qual das multiplas formas d'este pujante talento me é preferida responderei sem hesitar:

— A satyra.

O ultimo livro do decano dos poetas portuguezes é um verdadeiro thesouro e o seu suggestivo titulo, *Faixas de fogo morto*, mostra que elle, ao contrario dos que critica no seu *Nada*, tem tal abundancia de idéas, que transbordando do volume vieram poisar na capa.

MARIA O'NEILL.



Maldita!

Maldita! Maldita! eis a voz que eu escuto
Nas sombras da noite, se geme o tufão;
Ao longe lá ouço bramir a tormenta,
Não menos medonha no meu coração.

.....
Março de 1862.

Anna Placido.

MALDITA POR QUÊ?

Maldita! Que importa que o mundo te brade,
Que a infamia na fronte te escreva: «Maldita!»
O Christo, no lenho da dôr infinita
Tambem foi maldito da raça precita,
E Christo era um Deus.

Para cada martyr, crê-me,
Um anjo baixa dos ceus,
Que ao Senhor leva uma prece
Como a teve os labios teus.

Maldita! Por quê? Mãe que adorasteu filho
Que desces com elle aos abysmos, cuidando,
Que a paz te convida, e voltas chorando,
Maior desventura na terra buscando,
Com ancia de mãe!



ENXUGANDO AS REDES

O Engerido e a Sereia

(Scenas da Beira-Mar)

(Conclusão)

VII



AL a esquadilha das lanchas, balouçando na derradeira vaga, atraca á margem, o areal, ainda ha pouco quasi deserto, coalha-se instantaneamente d'uma multidão formilhante e ruidosa.

Dos casebres baixos e caiados, em cujas vidraças o sol arde, ao alto da praia, toda a população desce correndo, pelas estreitas ruellas areadas, onde eternamente paira o fartum acre do peixe e da salmoura.

Agitando as saias curtas, com os cabazes da *salga* e as canastras do peixe, em fórma de berços, á cabeça, todas as vareiras afluem, preparadas para a faina de escorchar, lavar, *revenir* e acamar a sardinha, que em seguida wagons, carros de bois e machos d'arrieiros, carregam aos milhões, para os mercados da cidade.

Em bandos, a canalha inumeravel faz uma gritaria estridula, cabriolando na maré, com os corpos nús que lembram, ao sol, maravilhosas miniaturas de bronze fulvo, entre a brancura palpitante das espumas.

E' a hora viva, a hora d'apothose da labuta e do leiloar. Toda a população válida, sonora e activa, moureja, corre, agita-se, berra, alterca sobre o vasto areal louro. Nas casas, apenas ficam os doentes e os velhos, sentados ás portas, fumando as ultimas cachimbadas de veteranos do Oceano, com olhos cançados — tão tristes, de já não enxergarem as ondas! . . .

Nada mais pittoresco e fulgurante de côr, vida, movimento, de que essa immensa mancha a poilular de fórmas e cambiantes em que um pintor ou estatuario encontrariam, a cada relance, motivos d'arte incomparaveis.

Em frente do azul ardente da bacia, irradiando em cada aresta de vaga reverbéros de chamma e relampagos de safras, todo aquelle turbilhão movediço de povoléu, em que gritam as notas escarlates e amarellas das saias de baeta e dos lenços azues, roxos, brancos, verdes; — toda aquella onda humana que sem cessar se renova, agita e desloca em attitudes cada qual mais flagrante, sobre o infinito deslumbramento do mar, torna evolutivos aspectos de vida barbara.

E sobre este brazeiro de tintas, sobre esta kermesse de fórmãs, os últimos raios do sol esbatem-se quasi horisontaes, tremulando n'uma poeirada de fogo; — pairam, chammejando, ao rez do areal, n'uma imponderavel nevoa de fumo doirado, onde o movimento das figuras destacam phantasticamente, d'um relêvo imprevisto de tons para embriagar a retina exthatica d'um colorista.

VIII

Entretanto, aos pares, correndo, com as calças arregaçadas sobre os joelhos, vão os pescadores acarretando dos catraios, nos gigos atulhados, as sardinhas colhidas nas peças vareiras ou nas *tortas* á poveira.

Em cardumes luzentes, com reflexos limpidos d'escamas azuladas, esvaziam-nas sobre o areal amarello. E em breve, por toda a praia aiastram aquelles charcos de prata liquida, rebrilhando, mordidos da luz, entre o negrejar da gente que os circunda.

Pago o *dizimo* ao guarda do fisco que vae de grupo em grupo com seu ar importante, cofiando o bigode, começa o leilão entre a gritaria do tropel vociferante que no dia seguinte, logo ao romper d'alva, correrá... as ruas distantes da cidade, lançando aos ares, com a mão em porta-voz sobre as boccas escancaradas, os pregões estridulos:

— Viva da costa! quem n'a quer a saltar vivinha!...

Sobre o alarido confuso da multidão, sobem no ar os clamores dos arraes, herculeos e roucos, com os cadernos das contas branquejando nas mãos pelludas:

— Quem merca a lóta?

— Está em dez mil réis!

— Quem a merca, gente, quem merca a lota barata!

E os lanços vão subindo.

— Está em quinze! Dá quinze e meio!...

— Quem dá mais?

— Dá vinte!

— Dá trinta e é de graça!...

— Ai que rica! ai que rica lota!

Para atraír os compradores, as mulheres lisongeiras e avidas como ciganas, teem diminutivos de carinho, palavras de mel!

— Vá! que é tão vivinha, amôres!

— Compraide-me, compraide-me a mim, que sou tão fresquinha, meus soes!

Mas logo mudam de attitude, ante uma offerta mais diminuta. Descompostas em ataques de furia, ao menor pretextto, arregaçam as mangas, redopiam os saiotos, batem palmadas nas faces e nos traizeiros.

A cada instante, rebentam disputas. Com as cabeças estorcidas em esgares de megeras, puxam os cabellos despenteados, como se fossem arrancal-os, em crises epilepticas. Impulsivas, com as mãos nas cintas, os bustos curvados para os adversarios, silvam pragas extraordinarias, d'um pittoresco, d'um imprevisto de expressão inimitavel, acompanhadas do cortejo de juras tradicionaes d'essa raça nomada de zingaros do mar, entremeadas de signaes da cruz, de gestos obscenos, e de invocações á Virgem e a todos os santos.

Aproveitando-se do tumulto; entretanto, pequenos larapios de dez annos, escoam-se por entre os grupos, como gatos, e com uma perna estendida, vão rapinando as sardinhas, figadas entre os dedos dos pés, como tenazes vivas.

— Quem n'a quer tão linda! quem n'a quer tão linda! — gritam, ao mesmo tempo, as *arraias* das outras lotas de sardinha, que os pescadores, sem descançar, vão descarregando dos catraios.

— Eh! malinados!

— Ah! raio, que te esgano a alma!

Cada vez mais, a algazarra da multidão cresce, sobre o mar sonoro. E d'aquelle tumulto vem uma vertigem de vida animal, de saude exuberante, de força impulsiva e brutal. Soam palmas, pregões, gritos d'uma grosseria barbara e plebeia. Sobre o areal irradiante, sobre a agua fulgente, a luz vibra, como uma fumarada fulva. O cheiro acre do peixe, do mexoalho, dos caranguejos, dos montões de escamas pôdres, suffoca, no ar môrno, onde a brisa só a espaços exhala as fresquidões salubres, os halitos salitrosos e iodados da aura marinha. Bandeirolas escarlates tremulam como labaredas, sobre o furmilhar da turbamulta.

E' uma mescla torvelinhante da gente do mar e da terra, vinda da costa ou do interior; — arrieiros do norte, com os machos vergando sob as cargas de canastras, agitando, sob as môscas, as colleiras de fios de coiro e de trança vermelha, em que tilitam os guizos; — moços de lavoura, de

camisas de estopa suja e calças de cotim remendado, em tamancos, o chapéu bra-guez enebado sobre as cabeças glabras e trigueiras; — raparigas das aldeias, de len-ços garridos cruzados nos peitos enormes, encostados á canga arabe dos bois, fitando os olhos de herviboras n'aquelles rapagões athleticos da beira-mar, que passam orgu-lhosos e fulvos, sem fazer caso d'ellas, com o desdem da sua raça aquatica pela do in-terior dos campos; — vendeiras adolescen-tes, com cestos acogulados de pecegos ro-zeos, de melões louros e de figos morenos, mostrando a pôlpa côr de carne sumarenta; — regateiras da cidade, de pelles encar-quilhadas, d'uma fealdade de miseria e doença que resalta ainda mais entre aquel-les bellos animaes fortes a quem o ar do largo dilatou os pulmões e a que o sol tostou como bronzes; — mendi-gos curvados, em farrapos, estenden-do a mão secca á esmola de sardi-nhas; — e pelo meio, cães magros, ganindo, corri-dos a pontapés, e voltando sempre, de focinho fare-jante.

Um manco, com o taboleiro pendente sobre o peito, apre-gôa:

— Linhas, atacadores, dedaes!

Outro, zarolho, cantarola:

— Olha a historia do «Frade a mai'la Freira» e da «Princeza Magalona» ou o «Almanak do Borda d'Agua» a dez réis! . . .

Um cego, guiado por um pequenito de olhos de febre, soluça á guitarra o *Fado do Emigrante*. E as raparigas param um mo-mento, a escutar aquella muzica triste e aquellas trovas roucas da poesia de Portu-gal, em que se fala de Amor, de Miseria e da Saudade.

De joelhos na areia, uma garotita de seis annos embala ao mesmo tempo, a sua bone-ca, feita de farrapos, e o irmãosito que cho-ra, de pernitias gordas ao ar, deitado n'uma canastra, como um Moysés recém-nado.

— Quem quer escorchar, quem quer es-corchar? — gritam as *arraias*, escancarando as guellas até ás orelhas, donde pendulam as grossas argolas d'ouro macisso.

Acoradas no areal, em torno dos mon-tões vendidos, as vareiras velhas, como bru-xas, escorcham com navalhas ferrugentas as cabeças chatas e luzentes da sardinha, e arremeçam para o lado, em monte, as tri-pas arroxeadas, sobre as quaes esvoaçam enxames zumbentes de moscas verdes.

— Lavadeiras! Eh raparigas! quem quer lavar? . . . quem quer lavar? . . .

E as mais novas, mergulhando na agua os artelhos finos, curvam-se para agitar na vaga os *repicheis* cheios. Depois, n'uma fila alegre, voltam correndo, a rir e a cantar,

fortes e esbeltas, com os dentes brancos como grei-ros de sal a luzir nos rostos tostados. Aos seus pés, as ondas rasteiras correm atraz d'el-las, rindo tambem, em risadas borbu-lhantes d'espuma.

Na luz morren-te, as suas figuras harmoniosas desta-cam em relevo, soltos os cabellos que os derradeiros re-flexos parece vo-

talizarem, n'um vapor d'oiro fluido.

De cima das lanchas, seguem-nas, com olhares de desejo, os namorados, despejando sem fim, como uma onda de abundancia, as sardinhas dos pobres. . .

IX

Entre o rancho das que n'essa tarde en-chiam o areal, nenhuma mais maneirinha e airoso do que a *Sereia*.

Lavando as sardinhas no *repichel*, a cada movimento dos braços nús, os seios virgens erguiam-se e baixavam-se como duas ondas de carne sobre as ondas d'agua. Os cabellos soltos nimbavam-lhe a cabeça hellenica d'uma fluctuação d'oiro que a luz idealizava. A certos momentos, quando se ria ou can-tava, resplandeciam até ao fundo as pupil-



LANÇAMENTO DE REDE DE PESCA NO RIO DOURO

las como duas gottas d'agua marinha, que filtrassem dois raios de sol. Nos seus labios carnosos humidos e frescos como as cerejas, os dentes eguaes luziam, d'uma alvura tão brilhante que pareciam illuminar-lhe o rosto. A saia arregaçada, que as ondas molhavam, modelava-lhe como n'um marmore, as fórmas perfectas.

De toda a sua belleza harmoniosa e luminosa de Venus rustica, emanava a fascinação que outr'ora attraiu e captivou, na terra estrangeira, as almas nomadas e aventureiras dos navegantes barbaros, do Norte, quando pela primeira vez extasiaram os olhos glaucos na graça ardente das virgens morenas do Sul, depois de errarem entre os nevoeiros, nos longos mares desertos.

Toda a noite da vespera, todo esse infinito dia de verão, emquanto os outros da companhia deitavam as rêdes, o *Engerido* pensara n'ella, preso no desvairamento de esse amor exclusivo, absorvente, que só as almas que vivem na solidão são capazes de sentir, n'um olheamento quasi mystico e fóra da vida.

Já não podia mais suffocar no peito aquella chymera de timido, que trazia no peito, como um thesouro escondido. O seu coração de vagabundo, tanto tempo adormecido acordava — como uma ave presa, a agitar as azas anciosas.

Assim que a viu n'essa tarde, quando a *Vai com Deus* arribou á praia, foi como se de repente lhe ardesse nas veias um sangue novo. E aquella pobre diabo meio doido e sempre silencioso, que nascera com uma alma de poeta, contemplativa e candida, sentiu que não podia viver mais sem desabafar toda a amargura divina d'esse sonho inviolavel que o allucinava.

Já as outras varinas iam correndo em fileira, pelo areal. Gradualmente, os seus vultos esfumavam-se na sombra que ia subindo da terra como uma nuvem de fumo.

Na margem, a *Sereia* ficara sosinha, fitando um navio que n'esse instante passava, todo empavezado de vélas, na barra fulva do horisonte. Do meio disco de fogo do sol, espargia-se sobre a agua um leque de raios de chamma que crivavam as vagas dormentes. Brandamente, o mar ia escurecendo em tons d'um roxo cada vez mais denso.

O *Engerido* abeirou-se d'ella, enleiado, com o coração a bater, os labios tremulos:

— Clara linda! . . .

Ella voltou vivamente a cabeça, n'um movimento de surpresa. E ao vel-o no trage esfarrapado de briche, todo encolhido deante d'ella, com as mãos enormes estendidas n'um gesto de mendigo, passou-lhe nos olhos enigmaticos, de côrça e de deusa, um relampago de crueldade e de desprezo.

Grasnando, as gaivotas revolteavam, desciam em vôos rapidos á tona d'agua; depois emergiam sacudindo as azas gottejantes, com uma sardinha reluzindo nos bicos longos. Os seus grasnidos, do som aspero das roldanas enferrujadas, rasgavam a paz da hora religiosa.

Immovel, fitou-o um momento, com a cabeça inclinada sobre a espadua, uma das mãos no quadril. As ondas, uma apoz outra, vinham lambe-lhe os pés, como féras amorosas.

— Que é que tu queres de mim, creatura?

Esteve assim um pouco de tempo, a olhal-o, com esse olhar cruel das mulheres que teem a consciencia da sua realza physica. Depois, encolhendo os hombros, n'um trageito d'asco, deu dois passos para se affastar.

— Em nome de Christo, escuta-me! . . .

E sem vêr mais nada, como se todo o mundo se concentrasse n'aquelle rosto, como se todo o esplendor do sol poente reardesse n'aquelles olhos que o cegavam, elle sentia que o seu destino se ia decidir n'essa hora. Tremiam-lhe as pernas, como n'uma vertigem. Com uma voz que lhe irrompia da alma, aos arrancos, como a agua d'uma nascente occulta, continuou:

— Porque foges de mim? Que mal te fiz, para me deitares assim ao desprezo, quando morro por te vêr? . . . Se soubesses como te quero mais que á vida e ao sol que me alumia! Se soubesses quantas coisas que trago no sentido para te dizer! . . .

As gaivotas piavam. As ondas riam. . .

Ella parara, de novo a olhal-o com os seus magicos olhos verdes.

— Quando estou só, ás noites, por esse mar largo, a pensar em ti, havias de ter pena de mim se me escutasses. . . Mas á tua beira, não sei que é. . . O coração perde a fala. . . Por ti, dava todo o sangue das veias, e nem que me arrancassem os olhos em vida, havia de ver-te sempre, luz dos meus olhos! aqui, dentro do peito! . . .

Que doidas palavras lhe disse ainda? . . .

Poeta algum do mundo poderia exprimir-as, tão humanas, como n'essa linguagem inimitável dos simples, quando amam: palavras que correm, ardendo, do coração do povo, como o sangue, como as lágrimas; divinas imagens supremas, arrancadas das profundidades da alma primitiva; lyrismo espontâneo e rústico como devia ser o do primeiro homem que o primeiro raio de luz do amor espiritualizou, no mysterio do mundo recém-creado!

Falava alto, como se delirasse — sem se lembrar que havia outra gente, passando junto d'elles, outros ouvidos que o escutavam. Poderia desemcadastrar-se o mar e invadir a terra, que não arredaria um passo, alheado de tudo, como se estivesse só com ella, fóra da realidade, fóra da vida.

As vareiras que andavam lavando o peixe paravam; os pescadores que desciam das lanchas, com os remos e as rédes aos hombros, agrupavam-se, n'um magote que ia crescendo, approximando-se cada vez mais, para ouvir o que elle dizia.

Mas na allucinação, na febre do seu sonho, o pobre tonto não via os gestos de troça que o apontavam, não ouvia as chuvas que o apupavam.

Só a ella via, luminosa, deante d'elle. Com os olhos na face magra, a arder n'uma cegueira extatica, n'uma exaltação dolorosa que lhe fazia arquear o corpo e a alma, sentia o desejo instinctivo de se ajoelhar, de erguer as mãos como deante d'uma Deusa . . .

— Tem pena de mim, *Sereia*.

Tocou-a na mão a tremer. Ella repelliu-o bruscamente; e com uma gargalhada que cobriu o rumor do mundo, ouviu-a dizer:

— Vocês não querem vêr o espantalho, que tresloucou?

Foi como se acordasse, atordoado, com a bôca aberta, os braços caídos, paralisado de angustia e de vergonha.

— Olhae, gente, olhae o *Engerido* que quer casar com a *Sereia*!

— Quanto juntaste de dote, ó zueira?

— Chamem-lhe doido! . . . Vêde se não escolheu logo a mais rica da praia! . . .

— Não te basta a *Gaivota*, perdido!

— Vae pedil-a ao pae, que elle dá-te o dote com um arrôxo, mandrulho!

E n'um alarido de troça selvagem, a turba apupava-o.

— Oh zueira!

— Oh zorro larouco!

— Oh ricóco! oh ricóco!



PESCA EM MAIKO

Com o bandedulho balofo, sacudindo o vinho como um odre, o Malhão desatou a dançar, cambaleando deante d'elle:

Ora vae tu!
Ora vae tu!
Ora vae, vae
Que eu não posso,
Ai! ai! . . .

Espantado, encolhido, de cabeça baixa, olhando sem

vêr, com a expressão inquieta e doida d'um cão cercado, parecia ter perdido a voz e o movimento. A cara ardia-lhe como se a escaldasse todo o lume da terra. Atravez d'uma nevoa fulgurante de vertigem, aquelle côro de gargalhadas e apupos, a que se juntavam todos os echos da praia — pregões, disputas, berros, gritos agudos, grasnidos asperos de gaivotas — enchiam-lhe a cabeça do zunido surdo e verberante d'uma concha immensa que lhe buzinasse junto do ouvido. Veio-lhe um impeto de furia, de romper por entre o grupo. Um garoto puxou-lhe pela camisa. A fralda saiu-lhe por um rasgão das calças. Quiz correr sobre elle. Outros saltaram-lhe em roda. Empurraram-no. E no meio do bando torvelinhante, avistou a *Sereia*, que o apontava, batendo as palmas, n'uma alegria cruel.

Estendeu para ella as mãos a gaguejar,

como uma creança, com as lagrimas a envidraçar-lhe os olhos desvairados:

— Em nome do Christo, cala-te, que me partes o coração!

N'isto sentiu um choque molle, viscoso e fetido que lhe escorreu sobre o rosto, lhe escureceu a vista...

Fôra o *Maio*, o namorado preferido de Clara, que por traz lhe enfiara na cabeça a ceira cheia de tripas e de cabeças escorchadas de sardinhas, que uma rapariga trazia.

Suffocado, aturdido, soltou um grito como se em vez do sacco de palha o cobrissem com um capacete de ferro em braza. Sem poder falar, abafado por aquelle escafandro grotesco, arquejando, tentava arrancal-o, debatendo-se, sob os punhos da chusma que se atropelava para lh'o segurar, sob o rosto. Mas subito, o *Maio* soltou uma praga, com a mão no ar, a escorrer sangue:

— Cão, que me mordeste!

E n'um arremeço de colera, deu-lhe um encontrão tão violento que o fez cair de costas, agitando as pernas no ar, com a ceira na cabeça.

Então, foi um delirio. N'uma sarabanda, n'uma algazarra, a garotada precipitou-se sobre elle, a espolinhar na areia. As vareiras batiam as palmas. Curvados sob os molhos das rêdes e as canastras atulhadas, os pescadores semi-nus, tostados, gargalhavam, com risos enormes, que lhes sacudiam os troncos herculeos. E com as mãos nos seios, a *Sereia* ria como uma doida:

— Ai raparigas, que eu não posso mais!...

Aos empurrões, a canalha pulava, rebolando por cima d'elle. Puxavam-lhe pelos pés descalços, cobriam-no de areia.

A alegria furiosa, a alegria selvagem do povo, tão animalmente impulsiva e prompta para a crueldade como para a piedade, agitava n'um turbilhão de hilaridade a turba apinhada, transpirando de calor, embriagada de força e de agitação.

Na sombra dubia do crepusculo que acarvoava as fórmãs, aquella mancha tumultuaria de caraças alvares, de visagens bestiaes, d'olhos luzentes e boccarras escancaradas até ás guellas, fazia uma agua-forte caricatural, monstruosa e goyesca.

Attraidos por esse riso enorme que abalava a praia, os que leiloavam e labutavam, ao pé das lanchas ou das lotas, accorriam.

E vendo o pobre diabo, de costas no chão, como um caranguejo, a debater-se sob o enxame da canalha, o côro de gargalhadas engrossava.

X

N'um arranco, que lhe inchou as veias no pescoço, entre a camisa rasgada, o *Engerido* conseguiu voltar-se. E, sacudindo a criançada que o manietava, viram-no emfim, n'um supremo esforço de athleta, pôr-se em pé, arremeçando a ceira que foi bater na cara do *Maio*, á frente do grupo que de subito abriu roda quando elle surgiu. Samsão ruivo, disforme, com a horrivel cara transfigurada, mascarrada de escamas, de tripas, d'areia, de sangue e de lagrimas...

De punhos cerrados, avançou com os olhos alienados ardendo d'um fulgor tão fixo, que o *Maio* recuou, encolhido...

Mas quando todos esperavam qualquer coisa de terrivel, uma lueta furiosa, um crime talvez, viram-no subitamente cambalear, como fulminado, levou as mãos crispadas ao pescoço... E, revirando as pupilas esgazeadas, com a expressão visivel e horrivel dos cegos a quem o chão falta debaixo dos pés; n'um longo urro surdo, rouco, como o mugido do touro ao cair de joelhos, vomitando o sangue negro, na arena, rodou sobre as pernas, caiu de chofre, a escabujar n'um ataque epileptico.

A turba oscilou. As cabeças atonitas curvaram-se. E ainda sem a noção precisa do que se passava, enquanto uns recuavam, outros, por traz, precipitavam-se para vêr.

Mas, um movimento entreabriu o grupo. E appareceu uma rapariga de cabellos soltos sob o lenço azul, com a saia ensacada e as mãos sujas do peixe escorchado.

Era a *Gaivota*, a escorraçada a quem todos atiravam chascos desde que um homem a perdera e caira na desgraça; a *arrolada* que o vento da má sorte levava e de novo trouxera, uma noite, á praia, como as suas irmãs do ar...

Empurrando os que se apinhavam deante d'ella, ajoelhou-se na areia, ao pé do *Engerido*. Com ternura animal e divina, abriu-lhe a camisa sobre o peito arquejante. E como uma mãe precoce, que mal sabe ainda o gesto que afaga e que protege, amparou-lhe no regaço a cabeça tragica que as convulsões estorciam.

— Olha a *Gaiivota* a mail-o noivo!

Houve um riso. Outras chufas soaram:

— Oh Clara Linda! tu não tens zelos?

Uma colera de indignação e revolta levantou a cabeça da humilhada. Exclamou, fitando-os:

— Excommungados sejaes, corações de pedra! Vêde como o puzesteis, que pôde aqui findar, o pobre de Christo!

Debruçaram-se, estupidos de assombro. E com a mesma inconsciencia com que até esse instante o tinham escarnecido e brutalizado, todos se puzeram a lastimal-o, de subito intumecidos pela reacção da piedade,

— Quem tem uma chave, que lhe faz passar o mal?

Uma vareira tirou da algibeira de chita bordada, uma chave, limpou-a ao saiote vermelho, pouzou-lh'a sobre o peito.

Arqueado na areia, com as pupilas injectadas, a bôca espumante, o *Engerido* debatia-se, sob as mãos que o seguravam.

— Parece um congro no anzol! — disse o *Malhão*.

Ninguem lhe achou graça. Os mesmos que ha pouco teriam rido, egualmente, fitaram-no com censura:

— Cal-t'ahi, barriga de sapo!



MERCADO DA RIBEIRA NOVA

expontanea e impulsiva como o odio, no coração do povo — que como o dos animaes inferiores. é mais proximo da Natureza.

— Tem razão, coitadinho do homem!

— E' o mal que lhe tira a razão e que o faz torcer assim!

— E' o prime'ro ataque que lhe dá?

— Até pôde abafar, com o sangue na garganta!

— Abri-de-lhe melhor a camisa, que sufoca!

— Toma tento, rapariga, não lhe chegues a mão, que pôde morder.

— Agarrem-lhe nos braços. Segurem-lhe bem as mãos, que se pôde esganar.

— Vae coser a borracheira para outro sitio, pote de vinho! . . .

A cada arranco, uma bola parecia inflar o pescoço do *Engerido*, descia, subia, como se o suffocasse. O suor escorria-lhe do cabello ruivo sobre a testa suja. O sangue que irrompia do beijo mordido, misturava-se-lhe á baba.

— E se morre?

— Não pôde ficar aqui, n'este estado!

— E' leval-o p'ra casa!

— Onde é?

— Lá ao fim da praia!

Quatro pescadores, dos mais rijos, pegaram n'elle, ergueram-no; dois pelos hombros, os outros pelas pernas.

— Iça!...

— Peza como um gigante!

Em padiola, levaram-no, a caminho da barraca desmantelada, onde dormia. Na noite que caíra, accendiam-se já os archotes. A' frente do grupo, um, erguido no ar, ardia, esfumaçando.

O clarão agitado na marcha, fazia ondear as sombras, sobre a praia. E illuminada pelo reflexo avermelhado, a *Gaivota*, desgrenhada e rôta, lembrava uma figura de lenda e de tragedia — uma das trez que no Calvario, seguiam, chorando, o Crucificado...

XI

A voz forte de um arraes, eccoou sobre os commentarios da turba.

— Então, gente, toca a trabalhar!

No meio das outras, Clara Linda correu, sacudindo as saias sobre as pernas torneadas.

O movimento e a lucta, um instante interrompidos, recommçaram: — Risos, gritos, pregões, disputas — todo o alarido confuso

da vida que cria, destroe e passe sem se importar com as alegrias ou as dôres que vae deixando no seu rastro.

E d'ahi a pouco, uma voz de crystal e oiro, como a agua das fantes, limpida e virgem, — a mesma voz sensual e feiticeira, que nos arraias e nas sirandas fazia tremer os homens até á alma; — a voz de Clara

Linda subia, cantando:

Oh! meu amôr, nada, nada!
Oh! meu amôr, nada, não!
Eu nada tenho em meu peito,
De que não tenhas quinhão!...



LANÇAMENTO DE UM BARCO

No claro-escuro tintureteano da praia, esburacado de clarões de archotes que davam ás figuras tons espectraes e se reflectiam, tremendo na

agua, phosphorecencias côr de sangue, as gaivotas esvoaçavam, piando sobre as ondas — que pareciam fazer côrô á voz da Eterna Sereia.

E na vastidão da noite e do mar, aquelle canto tinha não sei que de ironico, de bestial e de futil...

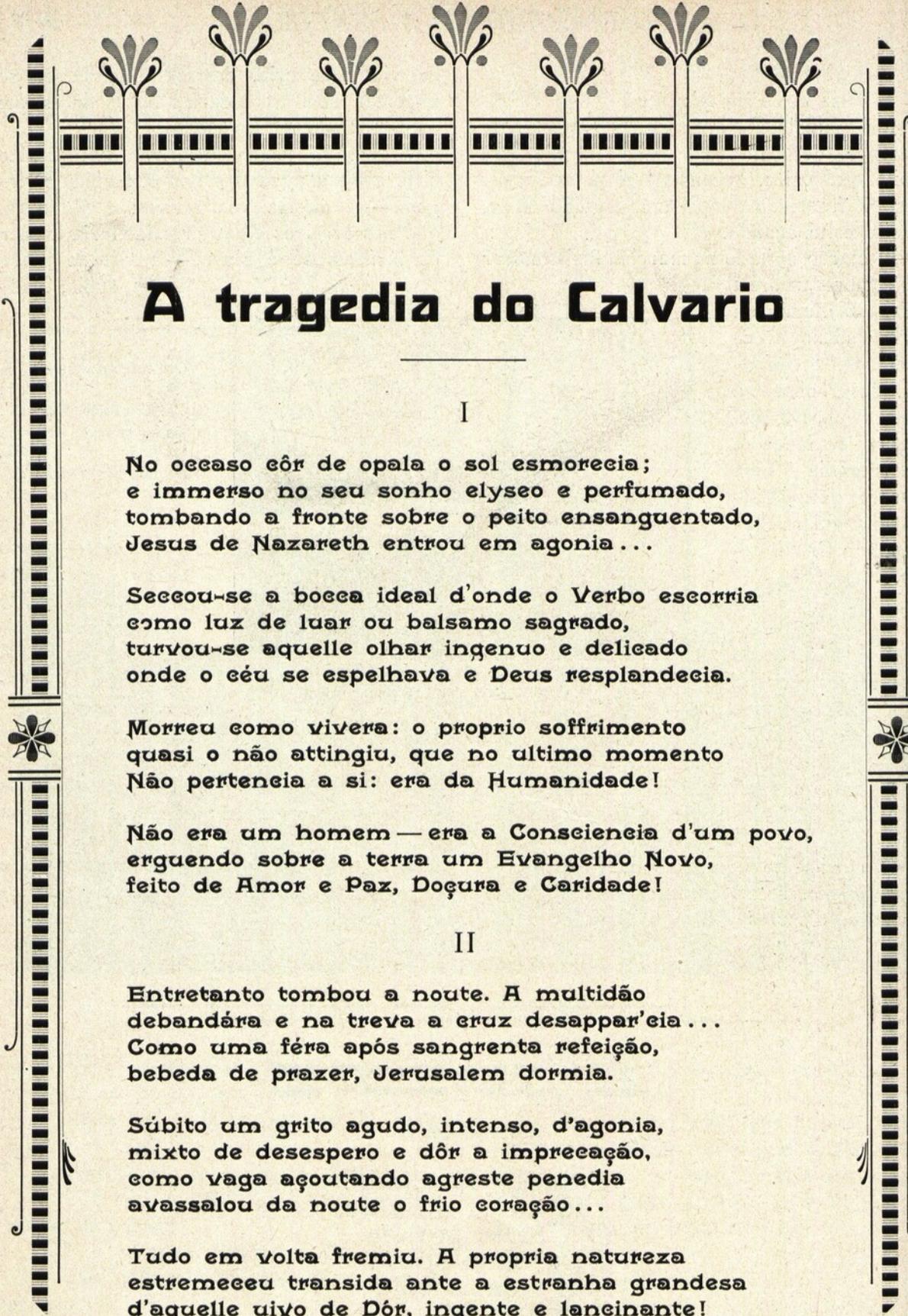
JUSTINO DE MONTALVÃO.

À IRENE

(Minha adorada netá)

Creança tão linda,
Tão cheia de vida,
O Céu te proteja
Com almo sorrir
E a vida te seja
Perenne florir!
Tu gosa, creança...
A flôr, tua irmã,
Revive e floresce
A' luz da manhã.

Visconde de São Boaventura.



A tragedia do Calvario

I

No occaso côr de opala o sol esmorecia;
e immerso no seu sonho elyseo e perfumado,
tombando a fronte sobre o peito ensanguentado,
Jesus de Nazareth entrou em agonia...

Seccou-se a bocca ideal d'onde o Verbo escorria
como luz de luar ou balsamo sagrado,
turbou-se aquelle olhar ingenuo e delicado
onde o céu se espelhava e Deus resplandecia.

Morreu como vivera: o proprio soffrimento
quasi o não attingiu, que no ultimo momento
Não pertencia a si: era da Humanidade!

Não era um homem — era a Consciencia d'um povo,
erguendo sobre a terra um Evangelho Novo,
feito de Amor e Paz, Doçura e Caridade!

II

Entretanto tombou a noute. A multidão
debandára e na treva a cruz desappar'cia...
Como uma fêra após sangrenta refeição,
bebada de prazer, Jerusalem dormia.

Súbito um grito agudo, intenso, d'agonia,
mixto de desespero e dôr a impreeação,
como vaga açoutando agreste penedia
avassalou da noute o frio coração...

Tudo em volta fremiu. A propria natureza
estremeceu transida ante a estranha grandesa
d'aquelle uivo de Dôr, ingente e lancinante!

E quando despontou a lua, junto á cruz,
uma mulher beijava as chagas de Jesus:
era a Mãe que velava o filho agonisante...

A fiandeira do Minho



FIAR, para muita gente, é *matar o seu tempo*. Mas esta lida da róca, para a lavradeira minhota, constitue uma prenda de mãos,

que em creança se aprende e d'algum modo contribue para o «*amanho da sua vida.*»

Meninas prendadas, a quem tudo apetece por curiosidade, e a quem, geralmente, mingúa para o trabalho rude certa habilidade instinctiva (que outra não é a habilidade da camponeza), porque as velhas dos contos de fadas usavam do rolo da estopa, do fuso corredôr, e possuíam certo escaninho de massarócas, constitue o *fió* mais uma prenda da sua

graça. Porém, ver fiar nas pequenas ou grandes cidades, quer por prenda quer por precisão, para encontrar a ingenua maneira original da gente aldeã, é procurar um pinto em oiro entre as areias d'uma praia infinita.

Em verdade, só a camponeza sabe fiar; tem graça, fiando.

Só a camponeza, e a *Fiandeira do pintor Malhóa*, que, independentemente, é uma obra d'Arte. Essa, sim. Essa sabe apertar a linhagem no cingidoiro de carneira bezerra, sabe ajustar na cinta a canna amarella da sua róca, e aporfia no redopio do fuso, beijando, adoçando nos labios puidos dos beijos á sua duzia de netos, a melhoria do seu linhal.

Reunindo, temos ainda uma personagem de Camillo, a *Tia Luiza*

das *Gaias*, da *Engeitada*, que á porta do seu casinhoto, em Santo Antonio das Taipas, fiava, ao sol, o linho dos bemfeitores. Nunca escrevo d'esta velha de romance, tão propria, tão espontanea, que me não recorde com saudades d'aquelles bonitos arredores das *Gaias*. Pelo cahir das folhas e ao sol humido do S. Martinho, é que se deve evocar essa fiandeira octogenaria, obra de milagre, quasi divina pela sua expressão pictoresca. E evocal-a ainda sosita, meia cega, nas quatro paredes da sua casa d'esmola.

Tudo se apaga, porém: as gerações passam; os usos mudam continuamente; e o que em tempos foi mister de gente idosa, é hoje tarefa de rapariga. Boa camponeza, afadigada no seu trabalho e no asseio da vida urbana, chama-se-lhe, por uso, *mulher de casa*. Sabe cavar nas terras de renda, cegar no lameiro, sachar no milheiral, e ajuda a toda a especie de trabalho agricola. Dentro de casa sabe dos arranjos da cosinha, com um paladar inexcédível; se tiver sido creada de abade, tanto melhor; e além d'isso tem as suas prendas de costureira, de fiandeira, de engomadeira, da feitoria das rendas e miótes, e até de *coiffeur* (de *coiffeur*, affirmo) porque nas Caldas das Taipas existe um estabelecimento, organizado no pateo d'uma casa aldeã,

com o seu prato annunciante, como o do barbeiro Nicolau do *D. Quixote*, onde uma mulhersinha dos arredores se dedica ao *arduo myster*, ao preço de dez reis.

Um caso isolado, é claro.

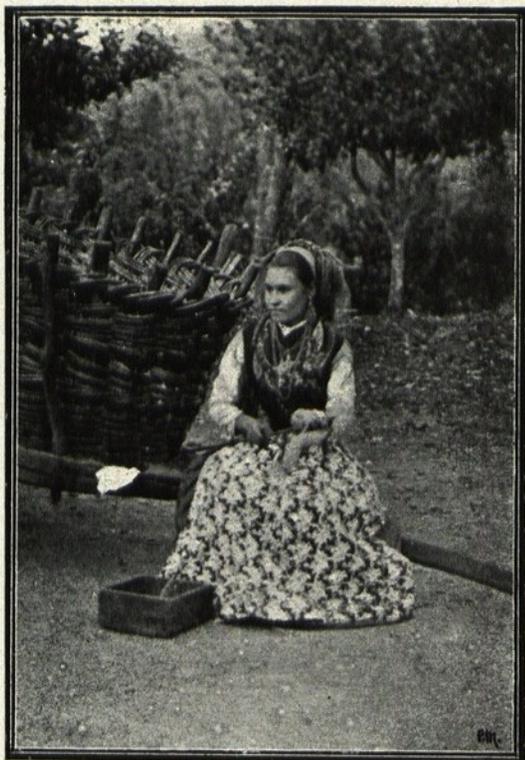
*

Tudo tem suas penas de cultura: as ideias, as creaturas, os troncos, — tudo o que vive. E esta *Odyssea* do linho tem seus tormentos.

De chapelão viseiro, aos punhados de semente, lança o lavrador o germen da sua colheita humilde. E recolhe, pelos inicios do verão, aquele *chãosinho* d'hervas secas, que mais tarde ha-de vestir e estimar.

Foi tempo, foi. Outr'ora a colheita do linho era singular de fartura, porque se tornava util. Hoje, não. Chega-

ram os pannos do fabrico a vapor, menos consistentes, sem duvida, mas mais economicos para utilizar. E ahí temos nós a entrarem para o arranjo da casa portugueza do norte (a casa mais conservadora) pannos *crús*, pannos *domesticos*, pannos *familia*, que os vapores inglezes e hespanhoes descarregam nos portos de Leixões e Lisboa. O progresso tem d'estes contrastes: amolga a feição emotiva das coisas, tira-lhes o encanto espontaneo, regional, e da-lhes um aspecto uni-



versalista, inexpressivo. N'um paiz pequeno, como o nosso, quando as cidades de maior vida procuram, com maior ou menor sinceridade, essa remodelação de hábitos, de feição incólôr, moderna, só a provincia, e sobre tudo o campo, restava attingir semelhante *necessidade* do nosso tempo, por homogenea das suas tendencias de sociabilidade politica.

Por isso, o campo ou o viver do campo, tinha de contribuir com o desmoronamento do seu estado familiar, tão solido, tão pictoresco, tão português. E como a vida ou as necessidades da vida interna de cada lar, por mais encanto que reünam, não podem viver apenas para os idyllios da écloga, facil é determinar que o que agora principia a disolver-se, virá, em breve, a perder os mimos particulares do seu character.

O movimento inevitavel das civilisações...

Como dizia, o linho colhe-se nos inicios do verão, já amarello, n'um trabalho agricola a que chamam *arrin-*

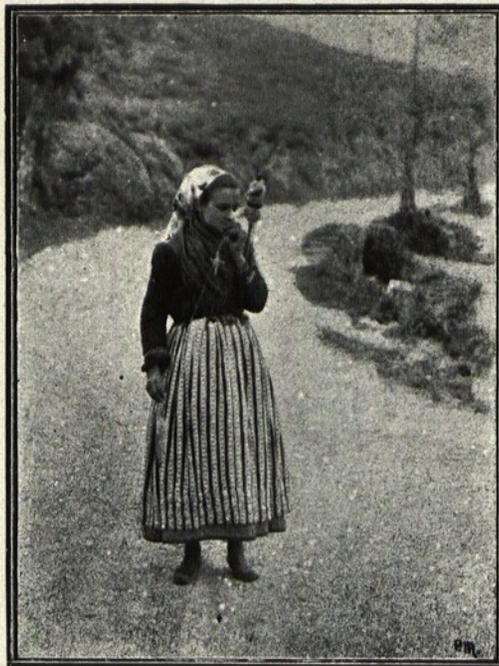
ca. Aqui a primeira *étape* d'este hervivero afilado, que dá çanceiras interessantes. Depois a lavagem: o linho amólhado e preso, que é posto no fundo d'um d'esses rios verdes, de margens em vinha ou pinheiral, comprimido por grandes rébos.

Dura alguns dias a limpeza do terrão. A cantiga o confirma:

*Ha oito dias que espero,
e choro desde o primeiro;
tens-me presa, meu amôr,
como ao linho n'um ribei-
ro...*



E logo, limpa da terra, a farrapada do linho, rala e humida, é estendida sobre os campos rasos da colheita, a enxugar á grande vida do sol.



Quando se colhe um linhal, por minguido que elle seja, grande numero de gente affue á casa do lavrador. Elle é preciso cardal-o, espadelal-o, crival-o, assedal-o; até que, em pasta, se veste a róca, e os dedos se aprofiam em correr. Depois da sécca começa o grande afazer das espadeladas, tantas vezes á luz mortça das candeias de ferro; e, como nas noi-

tadas de pisa do lagar, tangem-se cordas d'arame pelas casas da visi-

nhança, junto á espadéla da namorada:

— P'ra semana temos folia!

— Aonde?

— Ali, na espadeláda do Serigal.

— Bravo!

— Até lá!

— Até lá... Adeus.

Nas *Pupilas do Senhor Reitor*, de Diniz, apparece o espectáculo d'uma esfolhada, animado pelo extremo interesse do escriptor inimitavel. As espadeladas são assim. Falta-lhes, apenas, o estímulo do *milho-rei*. Mas quanto a cantigas e a abraços, a encenação é a mesma.

Ha noites bonitas por esse paiz fóra; noites a que a massa escura da folhagem, o silencio pesado dos sitios no isolamento, e um crivo frio d'estrelas, dão toda a chographia de uma provincia. Noites em que as creaturas mal dispostas do mundo, encontram, n'uma paz infinita, o lugar e hora necessarios ao seu espirito. Porém, como as noites do verão no Minho, penso não poder encontrar eguais em terra alguma de Portugal.

Sobre tudo com arraial de campones.

Sob um celleiro da região (agasalho das colheitas agricolas) ergue-se um alpendrado de telha-vã, tinto de pixe entre as soleiras de granito, em frente do qual se eleva uma escada

de pedra, rude. Ali ou na eira, moças e velhas, caseiras pobres e ricas, de espadela na mão e o linho assente no ripeiro, moirejam pela noite alta, entre acordes de harmonium, o palpito do derriço, e os desafios dos inspirados do campo. Venha a gente fina, cambiada entre uma insaciavel lucta de desejos nos arrais citadinos da civilisação, olhar de relance, siquer, este entretenimento ingénuo das noites d'agosto, no socegado logar das eiras; e terá, certamente, a noção mais exemplar do que é a anciedade humana: em si tão exagerada e impulsiva, pela maneira exterior do seu viver; e n'este povo tão serena e tão propria, seguindo como a agua humilde d'um ribeiro, ao seu destino, dentro da sua condição.

Tudo isso á volta do linho.

Depois é fial-o, córal-o, lançal-o á teia. E uma vez riqueza da arca, a costureira faz o resto: as camisas do uso, as saias *de baixo*, (multiplicadas no dia de romagem), e os lenções com renda d'agulha — Deus sabe se para o leito dos noivos, se para cobrir o rosto branco dos mortos...

*

Contei-lhes tudo isso para explicar levemente, essa *Odyssea* curiosa, do linho. Mais seria possivel indicar, se



um artigo de *magazine* fosse uma especie de cinematographo-falante, reproduzindo esses episodios tão curiosos, quanto desconhecidos.

No entanto, pelas estradas do Minho, no tejadilho da mala-posta regional, especie de torre de Babel (como escreveu um grande artista), ou nos logares cheios de commodidade das carruagens de luxo; d'um modo qualquer, — será facil surpreender apascentando o gado ou sentada entre os paneos de cravos da sua escada rustica, esta fiandeira do norte, modelo das mulheres afdigadas, posta na vida para o trabalho continuo, e sempre senhora do melhor riso e da melhor graça. Onde quer que a encontrem, fresca, limpa, virtuosa, quer no desenho da saia trabalhada, quer no alisado dos cabellos sedosos, quer, ainda, na novidade do seu mistér, onde encontrar-lhe esse modo de ser



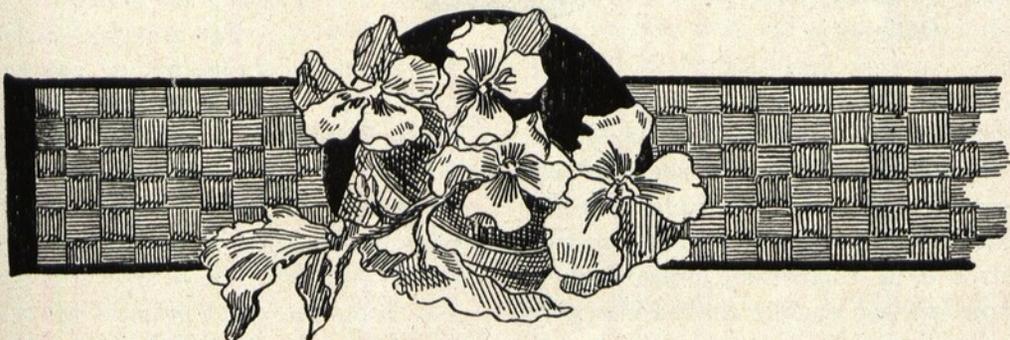
tão enleiado e tão natural, pelo qual ella é, no quadro da sua paisagem, um elemento de optima e engraçada decoraçào.

Creatura tão bondosa como honesta, nasce e apagasse nos campos do seu logar, como as flôres que por lá arrimam na volta de cada anno.

Absorve-se no labirinto do seu problema caseiro. Toda ella é da vida. E isto porque se ha terra rica em Portugal, mas onde cada canto seja d'uma familia, é o Minho — productora fabrica de gente economica, trabalhadora, paciente, para a qual a vida, do nascer ao pôr do sol, é causa de tarefas continuas e de suores continuos.

Foi por este motivo que principiei afirmando que o fiado, como todo o trabalho da camponesa do Minho, por mais pictoresco, por mais devertido, era sempre um genero de contribuição para o arranjo urbano.

ALFREDO GUIMARÃES.





A casa Anadia



ASSEI hontem por lá. Portas, janellas, tudo cerrado. O que aquillo foi! . . .

D. José de Sá Pereira, conde da Anadia —
o José

Anadia, como lhe chamavam — aos quinze annos, embora tutelado, estava sobre si.

Arranjaram-lhe reputação — falsa e empeçonhada da malidicencia com que se baba a inveja macilenta e mordaz. Diziam, por menospreso, que frequentava o Retiro dos Pacatos; o Papagaio, a Perna de Pau e o Colete Encarnado. Frequentava, tinha esse bom gosto, como o tem agora quanto ahi ha de mais escolhido na intelligencia e na educação — que lá vae para comer o peixe frito ao ar livre, a alface perfumada de pimpinella, creada nos alfbres mimosos e regados pela nora gemente, beber o copo tirado do pichel espumante e sem confeição, gostar a açorda de coentros e de espinafres, improvisada á ultima hora por um amator de boa mão para adubar appetitosos bocados; tudo isto nos

espairecidos e graciosos retiros das hortas de Lisboa.

Acudam-lhe, em quanto é tempo, que vão desaparecer os deliciosos retiros: basta ser coisa nacional para darem cabo d'ella!

Conde de Anadia, estivesse onde estivesse; na feira da Agualva ou na de Sacavem, falando cigano com o seu compadre Botas, era sempre um gentil homem.



CONDE DE ANADIA

Não ha muitos, na chusma de ricassos: viscondes, condes, marqueses com que se pavoneia por toda esta terra a burguesia dominadora!

Na sua casa não se davam festas ruidosas, mas que trato intimo e que sumptuosidade em toda a especie de objectos de arte n'aquella casa!

Entre muitas obras de estrangeiros de notavel merito, havia quadros de Sequeira e

Vieira Portuense.

Raczynshi dá preferencia aos d'este: *Venus* e o *Amor*, e a *Condessa de Othoguia* armando os filhos cavalleiros, são encantadores.

A proposito das obras de prata o auctor das *Artes em Portugal* diz: «Os vasos de

prata que a condessa possui são especimens admiraveis das obras de ourivesaria do *Cinquecento*. Não ha nada mais bello e de melhor gosto no genero.»

E' singular, que n'essas obras, não cite a que sobreleva a todas e foi batida pelas proprias mãos de Cellini.

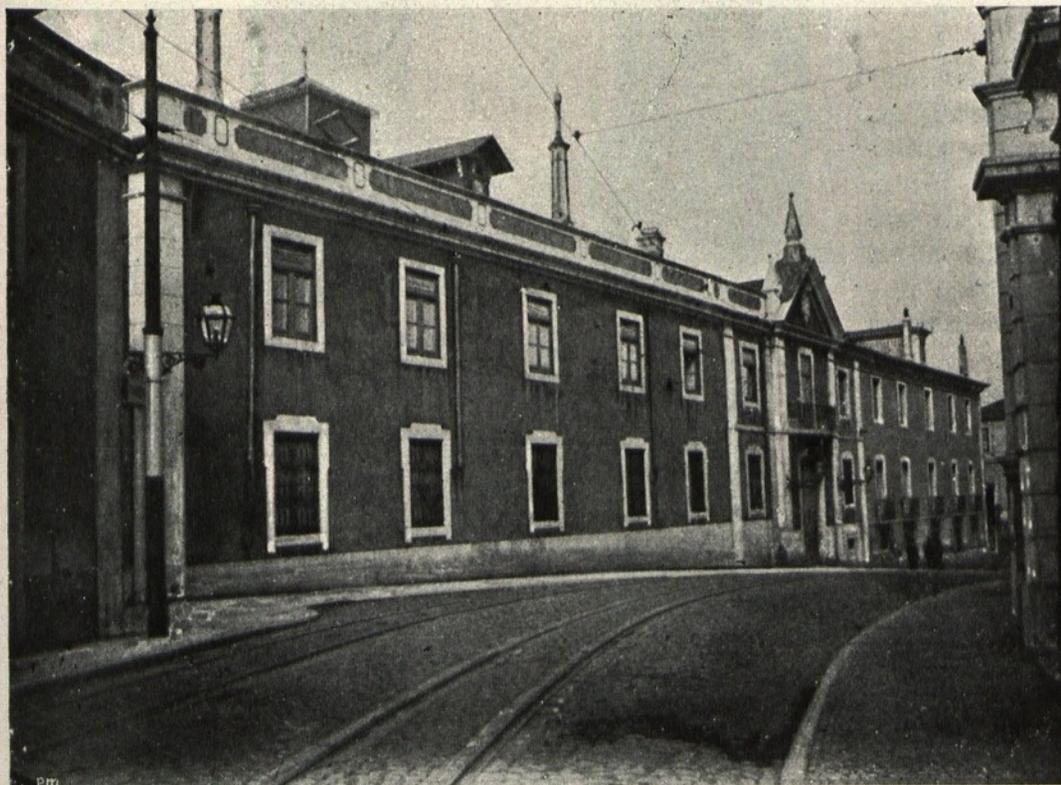
Por morte do conde D. José, para parti-lhas dos filhos, vendeu-se em Londres por vinte contos de reis, e, segundo me disseram, o comprador revendeu-a por mais do duplo.

A avó de José Anadia, estou a ve-la na

Vizeu, Condeixa, Figueira e aqui (Lisboa) é objecto dos maiores encomios. Não conheço ninguem que não a estime e diga bem d'ella.

O seu Castello de Mangualde perto de Vizeu, é talvez o mais sumptuoso de Portugal, e tornou-se celebre pela hospitalidade dos seus proprietarios.»

Conde da Anadia, em S. Carlos ou n'um baile, viu D. Anna de Moraes Sarmiento.



PALACIO DO CONDE DE ANADIA, NA RUA DE S. JOÃO DOS BEMCASADOS

sua berlinda de esmalte amarelo, puchada a duas mueres de Alter do Chão. Vivera nas primeiras cidades da Europa, e largo tempo em Roma. Muito intelligente, devotada ás letras e ás artes, primorosa no trato, e, como a marquezia d'Alorna, de sangue peninsular e vivo.

Conhecia quando ella estava já na idade propecta, mas conservando ainda o lume das pupillas como se estivesse na força da vida.

Raczynshi descreve-a nas seguintes linhas: «E' impossivel ter maior bondade. Assim é, que em todos os logares onde ella tem propriedades, nos arredores de Coimbra,

filha mais nova do visconde de Moraes Sarmiento, nosso ministro largos annos em Londres. Enamorou-se perdidamente d'ella.

Que admira, se a gentilissima menina era uma flôr dobrada e opulenta dos sonhados jardins de Armida.

Em poucos dias casavam.

Depois de rapida viagem ao seu solar dos Paes de Mangualde, vieram para Lisboa, de onde rara vez saíram.

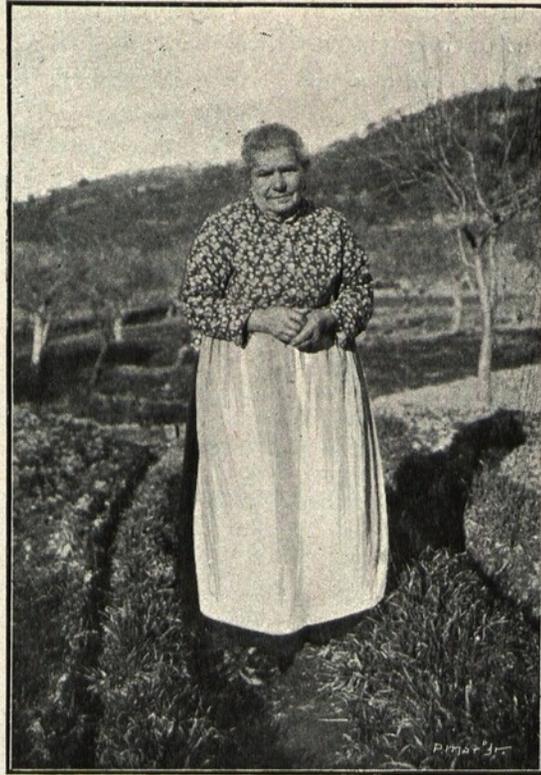
O conde da Anadia era alto, elegante, rosto de colorido ardente, beiços vermelhos, olhos côr de avelã, portuguezes e de viva scintilação.

Inteligente, e, com quanto lhe fallasse cultura litteraria, possuia gosto nativo. Em tudo o denunciava: na simplicidade do trajo, na escolha de uma joia antiga, no anel, na corrente, nos sinetes do soberbo relógio, nos seus trens governados por Antonio Simão, um dos aurigas mais afamados de Lisboa.

Os jantares, sempre primorosos, nos dias festivos tornavam-se banquetes, onde o mais illustre discipulo do Matta tinha rasgos de Napoleão nas baterias da cosinha.

Que mesa! Os centros antigos do mais fino lavor; soberbos candelabros, cristaes de Boemia e Veneza, loiças em que os padrões do Oriente se mediam com os exemplares relativamente modernos das fabricas da Europa.

O velho mórdo-mo em pé, atraz da cadeira do Conde, immovel, dirigia com os olhos os criados. E no meio de tal grandeza e rigor no serviço, uma intimidade familiar,



A TIA NARCISA, DO RETIRO DA «PERNA DE PAU»

um á vontade que dispunha deliciosamente o animo de todos os convivas. Nada de hirto e convencional.

Vinhos francezes de primeira ordem.

Da velha cava saía o Doiro e Madeira como raros provam hoje: Córgo, Sercial Pallido, Terran Treas, Verdelho, Malvasia das propriedades do Conde de Carnaval.

A parte as da corôa não havia em Portugal joias como as do palacio Anadia: rubins, esmeraldas, safiras, perolas, brilhantes. Só dois brilhantes de uns brincos antigos que pertenciam a irmã mais

nova do conde, D. Maria das Dôres, foram vendidos por dois contos de réis a um ourives do arruamento, e por preço baixo.



O RETIRO DA «PERNA DE PAU», NA ESTRADA DE SACAVEM

Aos jantares e serões frequentes, vinham os irmãos da condessa, que eram numerosos, e uma irmã, D. Carlota, casada, ao tempo, com D. Simão Anadia, e, por morte d'este, em segundas nupcias, com o marquez de Oldoini, ministro da Italia em Portugal; tambem, como a irmã, gentilissima senhora.

O mais velho dos irmãos, marquez da Fronteira e de Alorna, bello homem na estatura e no porte, musico de talento e um mestre ao piano.

Que trechos soberbos dos grandes auctores nos deu n'aquelles deliciosos serões!

Os intimos eram Simão Aranha e Luiz Aranha com sua mulher, D. Isabel da Camara, irmã mais nova do conde de Carva-

lhal, a minha querida Izabel, criança que trouxe ao collo, e senhora exemplo de virtude como esposa e mãe, cujo perfil grego revelava os dotes da sua alma de eleição.

Deixou uma filha em tudo exemplar condigno de tal mãe.

D. Manuel d'Almeida (Lapa), general Bezerra, José Palha, José d'Avellar, Domingos Martins Peres e eu compunham o circulo limitado d'aquellas encantadoras reuniões.

Quasi todos esses caíram, ha muito, na terra do esquecimento.

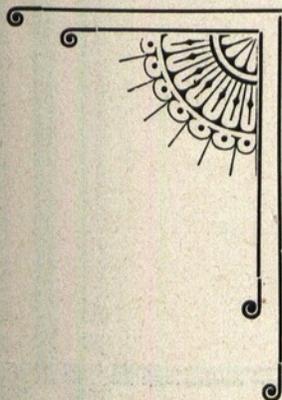
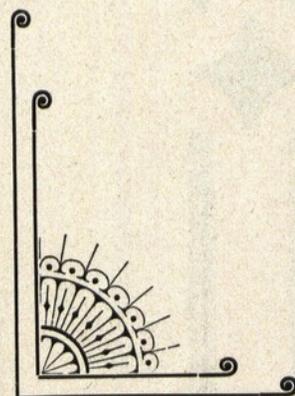
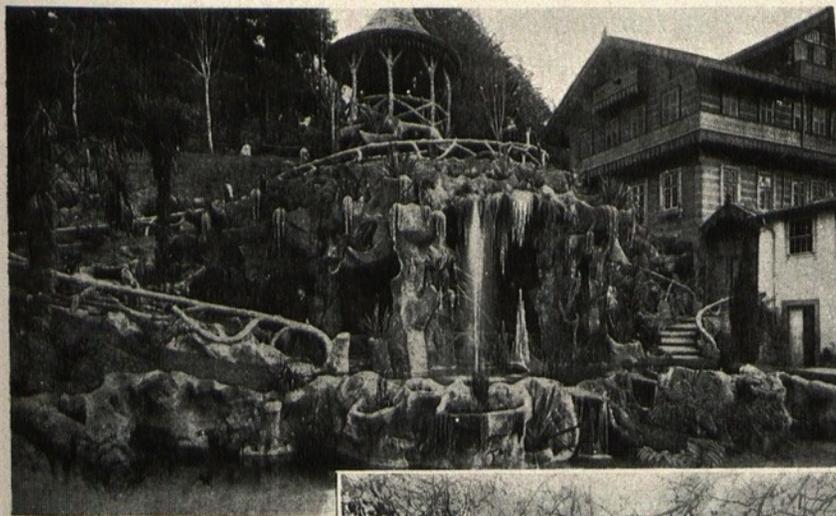
Aqui está por que passando hontem pela casa Anadia, pintada agora de côr de rosa flammante, se me afigurou triste e negra... como a tumba!

Monte Caparica — 1908.

BULHÃO PATO.



Portugal pittoresco



Aspectos do Bom Jesus de Braga

Pastorilisantes

Para o altar a Bulhão Pato

Offerece um devoto

Quem me dêra — ai! quem me dêra!...

Deitar-me com a Primavera

N'um leito de rosmaninho!...

Ai e ó ai!

N'um leito de rosmaninho!...

Ser o amor dos meus amores...

Ser o pai de tantas flôres...

Com ella dormir sosinho!...

Ai e ó ai!

Com ella dormir sósinho!...

Sol rutilante,

Abençoado, fecundador!

Ai! quem é que se deita ao pé da minha amante

— Do meu Amor?!...

Milho loiro! Estrigas d'oiro!

Que abençoado thesoiro!...

Graças a Deus, que alegria!...

Ai e ó ai!

Graças a Deus, que alegria!...

Toalhas brancas — limpeza;

Pão fresco em cima da meza...

Pão nosso de cada dia!...

Ai e ó ai!

Pão nosso de cada dia!...

Terra de Deus
— *Terra da Ancia e do Trabalho* —
Ai! quem é que fecunda o pão que dou aos meus,
E o agasalho?!...

Ai! quem me dêra ser fonte
Da aguinha fresca do monte,
Matar a sede a quem passa!...
Ai e ó ai!
Matar a sede a quem passa!...
Ser um regalo na lida,
Ser um consolo na vida,
Ser um bem cheio de graça!...
Ai e ó ai!
Ser um bem cheio de graça!...

Aguas bemditas!
Aguas do Céu — de fonte adrêde!
Ai! quem é que vos solta nas horas aflictas
De quem tem sede?!...

A noiva, tecendo o linho,
Faz o enxoval do seu ninho,
E' feliz como ninguem!...
Ai e ó ai!
E' feliz como ninguem!...
Quando casar, que ventura!
Terá lençoes com fartura,
Terá camisas tambem!...
Ai e ó ai!
Terá camisas tambem!...

Noivas em flôr!
Noivas de arminho e de belleza!
Ai! quem é que vos enche o coração d'amor,
E de pureza?!...

O fumo sáe das herdades,
Na torre deram «Trindades»:
«Vamos com Deus, que é já noite...»

Ai e ó ai!

«Vamos com Deus que é já noite...»
Entra o curral a boieira,
Come-se o caldo á lareira:
«Toca a deitar!... Boa noite...»

Ai e ó ai!

«Que Deus nos dê boa noite!...»

Somno profundo,
Tranquillo, reparador,
Ai! quem é que te manda aos pobres d'este mundo,
Consolador ?!...

Morrendo, velhos doentes,
Erguem as mãos penitentes,
Sáe o «Bemdito» da igreja...

Ai e ó ai!

Sáe o «Bemdito» da igreja!...
Nas casas, vozes orando;
Nos caminhos, revoando:
«Bemdito e louvado seja...»

Ai e ó ai!

«Bemdito e louvado seja...»

Almas de crentes,
De velhos santos, sem um crime,
Ai! quem é que vos fez assim tão innocentes ?!
Quem vos redime ?!...

Fora d'horas — noites calmas —
Nos pinheiraes andam almas
Psalmodeando orações!...

Ai e ó ai!

Psalmodeando orações!...

Mas se a noite é de procellas,
As almas — coitadas d'ellas! —
Têm gritos e imprecações!...

Ai e ó ai!

Têm gritos e imprecações!...

Noites — mysterio!

Noites de calma ou de tormenta,
Ai! quem é que tira as almas do cemiterio
E as apoquentá?!...

N'aldeia nasci chorando,
N'aldeia vivi cantando,
A morte, aqui, dê-m'a Deus!...

Ai e ó ai!

A morte, aqui, dê-m'a Deus!...

Longe dos homens que luctam,
Longe das guerras que enlutam,
Mais perto vivo dos céos!...

Ai e ó ai!

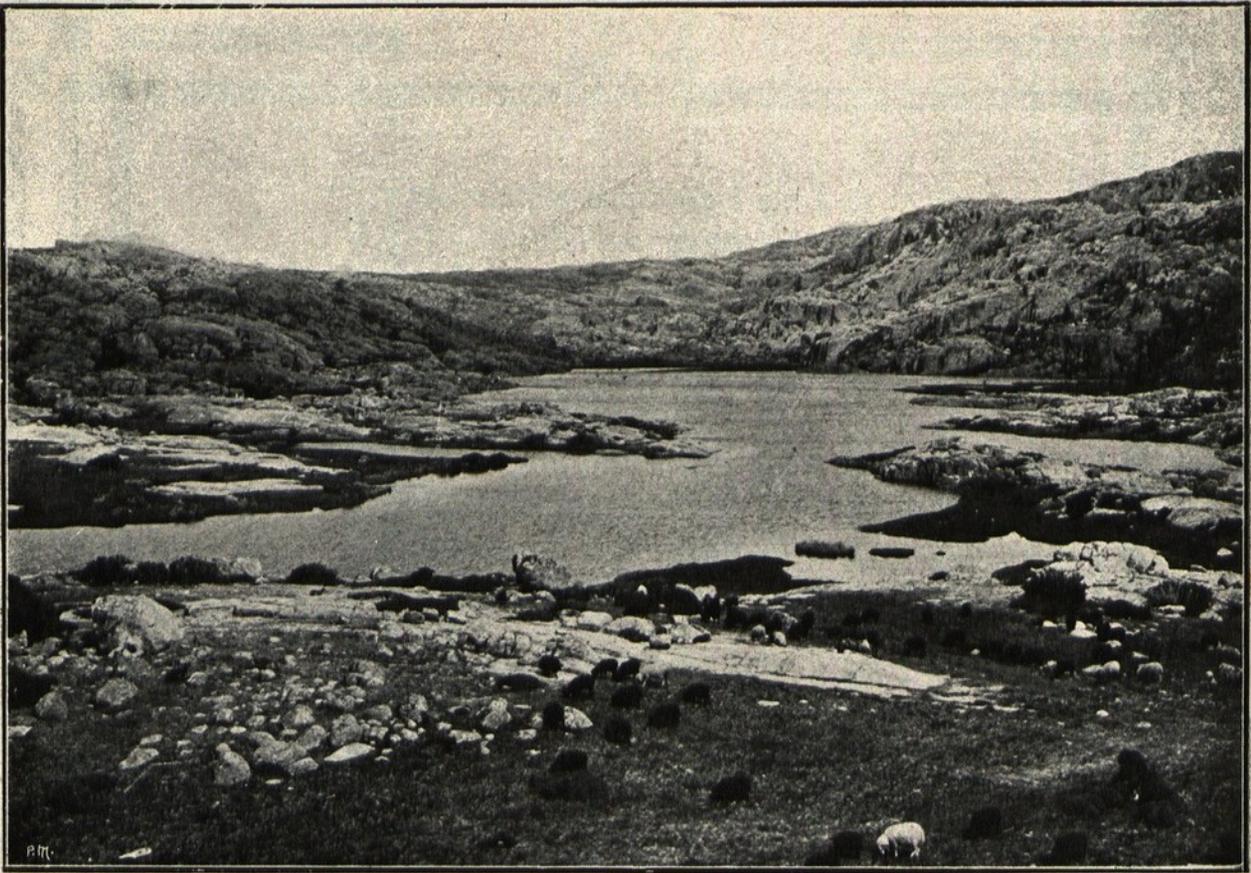
Mais perto vivo dos céos!...

Aldeia! aldeia!

— Devezá, ou campo, ou rio, ou serra —
Ai! quem é que te deu a paz que te rodeia
— A paz da terra?!...

.....

Prometheu olha o Céu — aspira — adóra a Vida —
E sempre de grilhões nos pulsos seculares,
Poetisa, idealisa a Essencia Indefinida...
Ouve-se então cantar... — São d'elle esses cantares.



LAGOA COMPRIDA, VISTA EM TODA A EXTENSÃO

Em terra de lobos No paiz dos rebanhos

(Notas de uma excursão á Serra da Estrella)

(Conclusão)

DO LAPÃO DO RONCA Á TORRE, PELOS BARROS VERMELHOS — A LAGOA DO PEIXÃO — O VALLE DA CANDIEIRA — A EXPLANADA DA TORRE E A PIRAMIDE — EXAGEROS DE ALTURA E BALLELAS SOBRE A SERRA ANTES DA EXPEDIÇÃO DE 1881 — OS CANTAROS — A EXTRAORDINARIA PAISAGEM DO CANTARO MAGRO — AS LAGÔAS ESCURA, COMPRIDA E RENDONDA — VARIAS LENDAS E VERSÕES — DE COMO SANCHO PANÇA-PINA SE VÊ AFFLICTO N'UMA DESCIDA — A PARTIDA — RIJEZA DE DOIS ALFACINHAS.

A nossa barraca fôra armada ao correr do valle, perpendicularmente ao Lapão do

Ronca, a pouca distancia do veio d'agua clara que ahi passa.

N'ella nos alojamos *bon gré, mal gré*, sempre em lucta aberta com a barriga do Sancho, que entre risonho e amuado retorquia invariavelmente:

— Mas, não me dirão vocês, que culpa tem um homem de ser gordo?!...

Ainda era escuro quando levantámos ferro; uma grande serenidade pairava por todo o valle e lá de cima, destacando do fundo, acenava-nos tremeluzindo uma estrella. A manhã avança, dilue-se mais e mais o escuro, vincam-se as fórmis da penedia; e a pouco e pouco uma forte dóse de

opala alaga o ceu onde o sol jorra feixes de luz vermelho-cobre, como notas vibrantes d'um clarim de guerra, n'uma alvorada estridente. No alto uma perdiz chalra n'um cantar estralejado e trocista.

Perde-se tempo. Partimos Valle do Conde acima, no mesmo piso feltrado de servum que a agua esgueirada ensopa, formando charcos limosos nos declives. Para a direita estende-se o Valle da Barca e sobranceiro a elle uma barreira de granito lascada de sinuosidades, mordida de neves e tempestades, mosqueada de lichens. A chapada trazeira termina n'um morro bojudo que é o Cantaro Gordo. E no fundo, na garganta que entre os dois paredões se cava, a lagôa do Peixão recebe todo o chorume que das rochas escorre.

Mettemos pelos Barros Vermelhos, na encosta fronteira, por onde se desenham as veredas no solo encarniçado de feldspatho em grande extensão. Para quem visita a Serra este sitio dos Barros Vermelhos é um entroncamento e um ponto de referencia importante, donde se pode seguir para qualquer lado.

Quebrando sobre a direita segue-se para a região das lagôas do Alva; torcendo para a esquerda vae-se á região dos Cantaros, Lagoa do Peixão, Poio de Matacães e, acompanhando a linha central desemboca-se no acampamento da Expedição de 1881 e d'ahi se toma para a explanada da Torre; e d'esta divisão o poderem-se agrupar em dois nucleos as lagôas da Serra: para a esquerda a do *Peixão*, *Cantaro* e *Clareza*; para a direita a *Escura*, *Comprida* e *Rendonda* e as secundarias *Secca* e das *Favas*, formando o segundo grupo, no conjuncto, as lagôas do Alva.

Na ascensão eu retrocedi para a esquerda e visitei a Lagôa do Peixão, descendo pelo penedâme escorregadio, por onde não ha caminho e por vezes é difficil a passagem.

A lagôa é lindissima, muito semelhante á *Escura*, talvez menos imponente. Encravada n'aquelle fundo, cercada de granito dá á paisagem um extraordinario relevo; é pouco profunda, oito a dez metros e, a circumstancia de estar rodeada de penedia denegrada dá ás suas aguas um tom escuro que se harmoniza bem com o conjuncto.

O nome d'esta lagôa tem sido motivo de bulhas entre os eruditos; uns querem que seja *Peixão* — de peixe — outros inclinam-se

por *Paxão* — corruptella de *Paixão* — por ter sido ali affogada uma tal Santa Antonina, natural de Ceia.

Quem deu voga á leria foi o licenciado Jorge Cardoso, fertil em bujardas. O que parece averiguado, pelos sabios, é que a santa martir e virgem foi nascida em *Niceia* e que foi lá que o patusco de Diocleciano lhe deu tratos de polé, lançando-a por fim n'uma lagôa.

Bulhem muito embora os eruditos; eu, apegando-me a Emygdio Navarro, opto pelo *Peixão* e acho que a lagôa é lindissima.

Com estes *à-cotés* ia-me perdendo no meio da Serra!

Marinhando pelo fraguêdo agárro os companheiros; a troupe segue para diante, passamos junto ao *Chafariz d'El-Rei* que a julgar pelo rotulo deveria ser um monumento celebre, pelo menos manuelino! Mas não; é um lagoacho sem importancia nenhuma, onde nem mesmo ha bica! E' esta uma das excepções á regra «*Pelo rodar da carruagem se conhece quem vae dentro*»!

Descemos ao Valle da Candieira local afamado de lobos e trepamos para a explanada da Torre, onde de longe se avista o cimo da piramide *complementar*.

Estamos na parte mais alta da Serra: 1:991 metros acima do nivel do mar. Este numero acabado em *um* que podia muito bem ser o da *sorte grande*, não agradou ao principe D. João VI que gostava de *contas redondas*. E vae d'ahi o serenissimo senhor, por 1802, mandou construir no Malhão da Estrella uma piramide quadrangular, de pedra solta, com 9 metros de altura. E assim se chegou aos 2:000 metros de altitude.

E' preciso notar que a construcção da piramide não obedeceu ao fim de *arredondar* a altitude da serra, mas destinou-se a servir de ponto de referencia para o levantamento da carta geografica do reino.

E aqui vem a talhe de foice dizer que antes da Expedição de 1881, muitas lendas e narrativas estranhas correram sobre varias coisas da Serra. Uma das inexatidões era a da sua altura. Havia quem lhe dêsse «7:500 metros acima do nivel do mar ou 5:850 acima da sua base»! (1)

(1) Pode vêr-se o artigo *A Serra da Estrella suas lagoas e rios* firmado por Miguel Xavier Mercier d'Almeida, a pags. 222 do vol. IV do *Archivo Pittoresco*.

Balbi collocava o ponto culminante de Portugal na serra do Suajo, monte da Gaviarra, com 2:467 metros de altitude e dava á Serra da Estrella 2:400 metros no Cantaro Magro! (1)

Reivindicámos para a Serra da Estrella a maior altitude do reino e o panorama que d'ahi se descortina é extraordinario.

A paisagem desenrola-se enquanto a

tido na distancia lembra uma tela de fundo de scena onde ha traços indecisos, mal se apercebendo os povoados, onde as serras são simples borrões de tinta parda: é um seguro tecto do mundo!

Abeiramos-nos da torre: na face voltada a norte, o tempo ou a maldade indigena, desmoronou parte da construcção, vendo-se em terra um fragmento da inscripção que



POVOA NOVA — ALDEIA NAS ABAS DA SERRA DA ESTRELLA

vista pode abranger: os povoados do sopé estão a 1:200 metros abaixo d'aquella culminancia; para nascente e sul estendem-se os valles do Fundão, da Covilhã, a planicie rasa de Castello Branco, a Gardunha, até que as terras se confundem em manchas escuras pela Hespanha dentro. Alongam-se pelo poente os contrafortes da Estrella, o Colcurinho, as serras de Arganil, Goes e da Louzã, as serras da Beira Alta e Douro; no ultimo plano, quasi sumida, a serra do Bussaco que um barrete de nevoa esconde e, para lá o mar que se alonga de Espinho á Nazareth.

E todo aquelle panorama vastissimo ba-

ali fóra gravada em duas lages. Resava ella assim:

O PRINCIPE REGENTE N.
S. MANDOU FAZER ESTA
PIRAMIDE PARA...
EM O ANNO DE 1802.

Seguimos d'ali para o Cantaro Magro pela Rua dos Mercadores. E' uma passagem apertada onde não cabem bem duas pessoas a par; d'um lado e d'outro talhou a natura na penedia bruta uns parallelogrammos de granito que, dizem os guias, parecem fardos de fazendas á porta de lojas. Pelo volume tanto podem ser fazendas como atados de bacalhaus, a propriedade do nome deixa muito a desejar.

Mas avançamos, torneando umas fragas,

(1) É da mesma opinião Pinho Leal no seu *Portugal Antigo e Moderno*, vol. III, pag. 77.

e de repente paramos aterrados, sem dizer palavra. A pouca distancia de nós ergue-se aggressivo o vulto denegrido do Cantaro Magro, materialisação perfeita do espirito do mal como se, ali, postado n'aquelle covão immenso, dirigisse os destinos do mundo, distribuindo a esmo raios e tempestades, fomes, guerras e pestes.

O covão que elle domina tem trezentos metros de profundidade e em toda a volta da cova não verdeja uma herba, não ha um sopro nem um signal de vida, e só lá para baixo, uma tonalidade mais escura do solo, denuncia os começos do Zezere, como um rio envenenado de morte que a custo rompesse do fraguêdo.

No cimo, muito ao alto, duas aguias em voos lentos descreviam espiraes enormes, subindo sempre. E perante todo aquelle quadro medonhamente bello, eu só tive esta exclamação prosaica: — «Caramba!» E Sancho olhando-nos espantado, poderou: — «E se eu lá cahisse abaixo, hein?!»

Os Cantaros estão dispostos em semicirculo, ficando respectivamente nas extremas do diametro o Cantaro Gordo e Raso e no centro a monstruosidade do Cantaro Magro

Com todos estes horrores, é de vantagem saber-se que já varias pessoas têm subido ao cimo do Cantaro Magro e entre essas — para maior honra e gloria do turismo portuguez — algumas senhoras!

Das sensações gastro-physiologicas d'essas arrojadas alpinistas, não me compete a mim apreciar.

Arrepiámos do novo caminho, para os Barros Vermelhos e vamos em demanda das lagôas do Alva porque o nosso guia achan-

do-se mellor acampado no Valle do Conde do que correndo as penedias da Serra, resolvêra, no seu intimo, mostrar-nos aquillo tudo n'um dia...

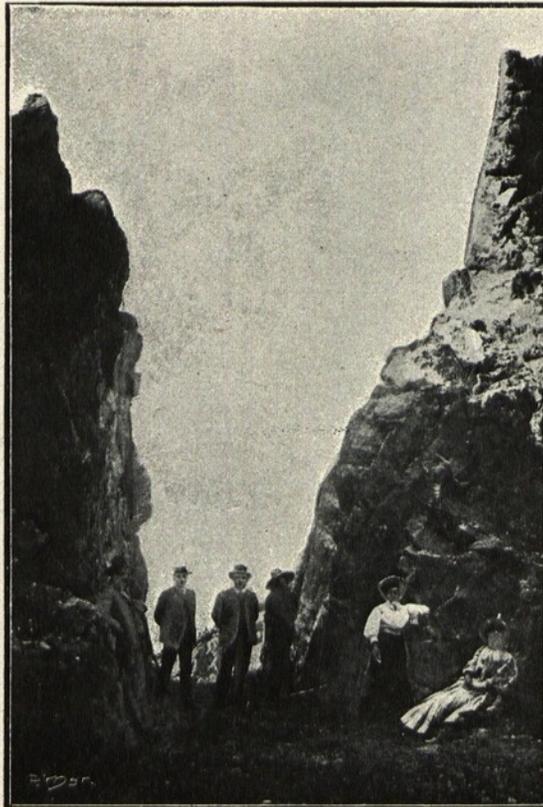
E lá fomos. Depois de muitos rodeios, de algumas indecisões do guia no caminho, porque Sancho promettera-lhe uma *corôa de gorgeta*, se o levasse por *carreirinhos macios*, chegámos á Lagôa Escura. E' no genero da Lagôa do Peixão mas, superior á vista. Está no fundo d'uma depressão granitica que lhe dá uma *côr escura* ás aguas

e d'ahi o nome; tem qualquer coisa da sublimidade do covão dos Cantaros, pela penedia bruta que a rodeia. A chapada granitica superior, é de maior altura e mais imponente que a barreira que a separa da Lagôa Comprida.

Quando principia o degelo todas as aguas d'aquella concha, concorrem na Lagôa e, então, transborda para a Lagôa Comprida que lhe fica subjacente, por um despenhadeiro — *as riscas* da Lagôa Comprida. Quando ali estivemos a Lagôa era um simples poço, fechado em toda a roda.

Tambem, por tempos dos nossos bisavós

se contavam fantasticas historias da Lagôa Escura. Um exilado das luctas liberaes que teve a magica idéa de se occultar na Serra da Estrella onde viveu dois annos e onde morreu, Joaquim José Lopes, contava a D. José de Urcullú autor do *Tratado de Geografia astronomica elementar, fisica e historica antiga e moderna*, que era opinião corrente, communicar a Lagôa com o mar; que em dias de tempestade as ondas, lá, eram embravecidas, etc. Joaquim Lopes não acreditava e attribuia os destroços de madeiras, que ás vezes sobrenadavam nas aguas da



GARGANTA DO POÇO DO INFERNO

Lagóa, não a fragmentos de navios naufragados que o mar para ali arrastasse, como diziam os lapuzes ignorantes, mas talvez, dizia o sr. Lopes, a restos d'um barco que um *homem rico* da serra ali tivera, em tempos, para seu divertimento. A explicação do intemerato liberal não era feliz: nem os destroços eram do barco do *homem rico*, nem o mar tem a força de compressão sufficiente para elevar as suas aguas a 1:767 metros de altitude! As madeiras que ali apparecem são troncos de zimbro que as aguas do degelo arrastam. E, desfeito este mysterio, passaremos á Lagóa Comprida. A nossa travessia foi épica.

Tinhamos que escolher entre um moroso rodeio pelas penedias de nascente ou pela descida directa pelas *riscas*. Eu propuz o segundo: foi accete. Sancho, ao ver o despenhadeiro, recalcitrou. Empurramol-o! — «Que deixasse a barrega lá em cima e descesse!» E depois, que diabo, já por ali tinham descido Sousa Martins e Emygdio Navarro, era historico...!»

Cae aqui, levanta acolá, fomos descendo; ás duas por tres, tinhamos que fazer alto, á espera do Pina que bufava e suave como um toiro (salvo seja!) e queria desistir. «Aqui ninguem desiste!» E elle, só resmungava furioso: «Pois sim, convidem-me! Se me apanho em Lagares...»

Por fim lá chegámos. A Lagóa Comprida nada tem de extraordinario. Em superficie é a maior; n'aquelle tempo ia quasi enxuta, arrastando a corrente pelas margens extensas do valle. O escoante das aguas fórma a ribeira da Caniça que vae entroncar no Alva.

Quando ali estivemos já andavam trabalhando na construcção d'uma valla por onde, a meia encosta, devem derivar as aguas para a producção d'energia electrica que irá illuminar Ceia e varias outras terras vizinhas, ao que oiço.

Como o dia fosse adiantado planeámos voltar ao acampamento para visitar o restante no dia seguinte, na descida para a Senhora do Desterro.

Mas eis que, já trepada a encosta, (com horror o digo!) o desanimo que atacára Sancho, fazendo-o amaldiçoar a Serra, pegára-se, como sarampo, a quasi todos!!

As bellezas da Serra, eram uma cantiga! diziam os dissidentes (sem offensa ao nobre partido!). Andar um dia inteiro para, vêr penedos e mais penedos, duas ou tres poças d'agua e ahi estava a *encantadora* Serra da Estrella! Se se apanhavam em casa a comer as bérças e a jogar a bisca na botica, nem acreditavam!!...

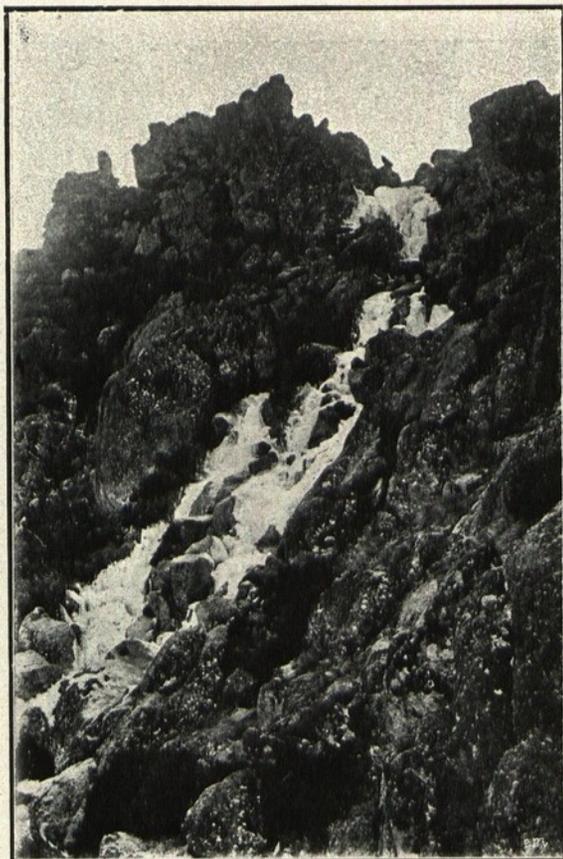
Eu e Lobo d'Avila Lima chamámos-lhe *barbaros!*

Elles seguiram para a Senhora do Desterro, sem guia nem nada, esbaforidos, mortos por se verem em casa. Lobo

d'Avila, eu e Branquinho, um bravo farmacutico de Lagares, voltámos para o Valle do Conde onde nos esperavam umas saborosas migas de bacalhau!

Passou-se isto — para honra de dois *alfacinhas* o digo — a 26 de agosto do anno da graça de 1908, quando o sol poente doirava as cumiadas da Serra, e as flôres do *Nardus Lachenalii* morriam no relvado!

No dia seguinte, nós tres desciamos a Serra, em direcção ao *Jardim d'El-rei*: é uma planura no fundo d'um valle, onde as



RIBEIRO DO FRADE E FREIRA
(Gelado)

aguas correndo o solo deixam caprichosos espaços arrelvados de servum, lembrando canteiros floridos.

Ahi fizemos alto e, junto á fonte do Canariz. atacámos com energia o almoço que foi coroado com uma sobremeza opipara — uma lata de optima *goiabada* que Sancho-Pina deixára na mala, para regalo do seu ventre e que nós apreciámos com um tiquesinho vingativo.

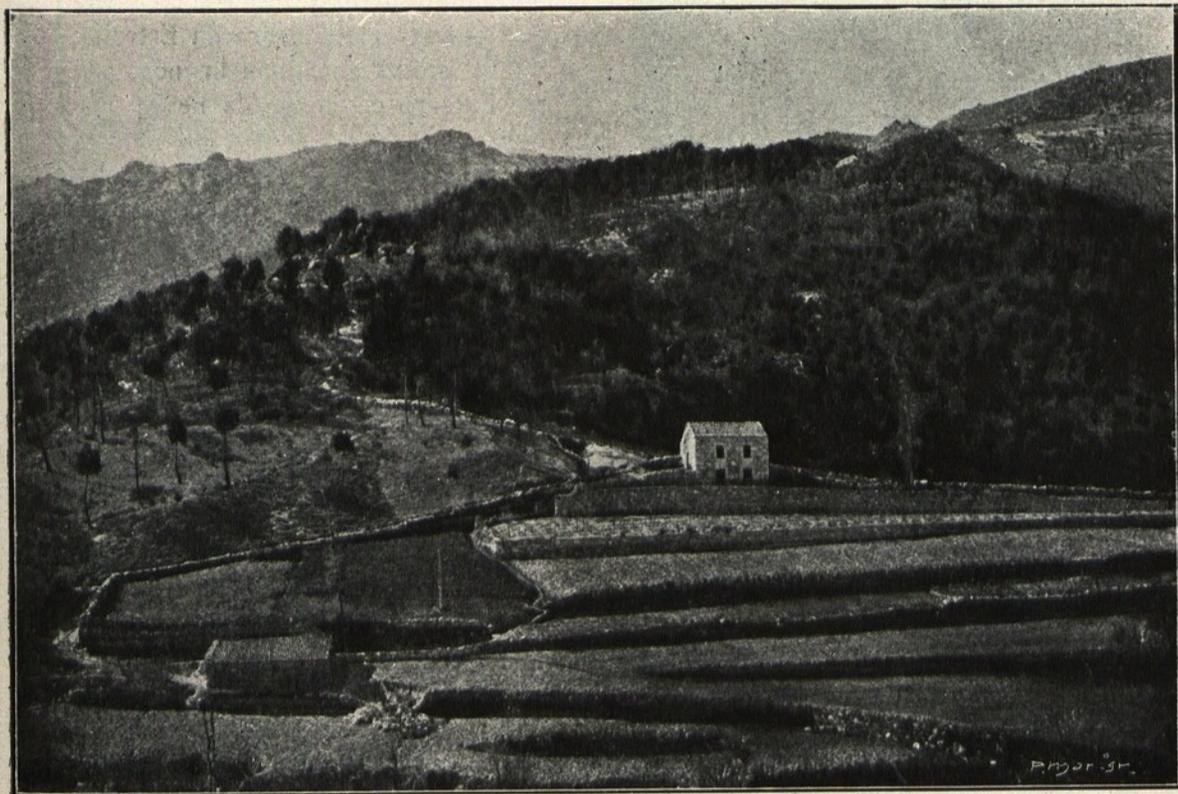
Emquanto lambiamos os beijos com a doçura, contou-nos o guia uma historia! «Era,

o incauto para a lagôa redonda onde o deixaram perdido.

Uma noite, armados de ferros, vieram ao sitio cavaram, cavaram e levaram toda a riqueza escondida: ouro, prata, pedras preciosas, anneis, mil cousas ricas.

Depois, repartido o achado irmãmente, enriquecidos, deixaram de guardar gado, viveram muito felizes e tiveram muitos filhos!...»

Eu e Lobo d'Avila só perguntava-mos ao guia se lá não haveria mais riquezas



UMA PARTE DA VERTENTE LESTE DA SERRA, JA ARBORISADA

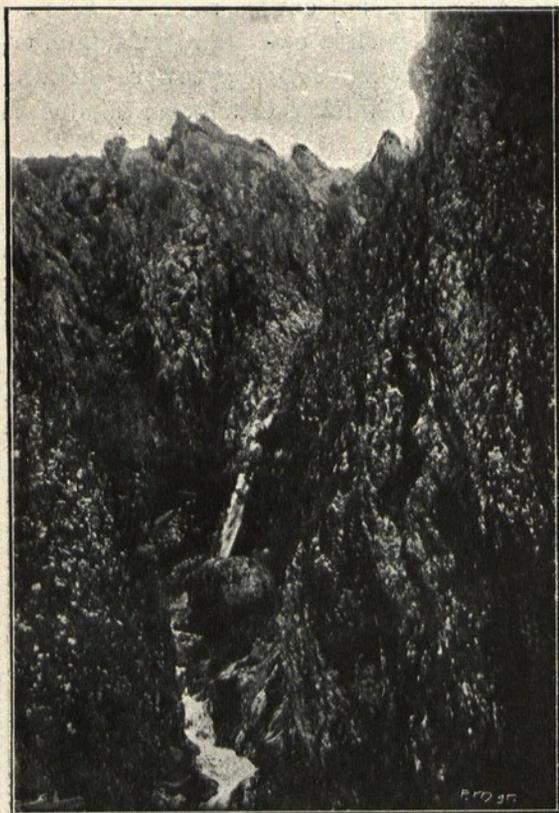
uma vez, um homem da terra chã, que sabia ler e descobriu em sua casa um *roteiro* do tempo dos moiros que ensinava onde estavam escondidas muitas riquezas, na Serra. E vae d'ahi o homem metteu pernas ao caminho e foi pela Serra fóra. Encontrou uns pastores e perguntou-lhes onde era a *fonte do Canariz*. Os pastores que eram *atilados* e sabiam tambem que na Serra havia thesoros escondidos, prometteram ensinál-o se elle lhes confiasse o segredo. O homem cahiu no laço. Um dos pastores afastou-se e foi adeante tapar com uma manta a fonte para que o homem a não visse (!) e com os outros levou

d'aquellas, que nos tirassem d'uma vez para sempre d'esta pelintrice que o bacharelato parece prolongar — e a uma desilludida risada do camponio, resolvemos não as procurar, e seguir para diante.

Passámos pela Lagôa Secca que é agora um farto atoleiro de sete metros de diametro e, tornejando para o norte, visitámos a Lagôa Redonda — é talvez a menos interessante das lagôas; tem uma penedia alcançtilada pela direita, é limosa, cheia de liaças e juncos.

Mettemos ao *Covão Atravessado*: á esquerda e para o fundo fica a *Nave da Areia*

e o *Pomar de Judas* — um antigo sitio de altão frondes que o povinho das vizinhanças tem dizimado — devo dizer que não ha lá nenhuma figueira...



GASCATA DO POÇO DO INFERNO

Cortamos sobre *Malhadaes de Cavallo*; o panorama abre-se n'um hemi-circulo: á esquerda o Bussaco; ao fundo a cortina do Caramulo e parallela, para cá, uma extensa fita de nevoa acompanhando a diagonal;

para a direita avista-se Mangualde, Villa Nova de Tázem, Santa Comba. Na frente e em primeiro plano, estende-se o valle do Coxaril; á esquerda o Peramol, escalavrado e nú.

Bebemos na *Fonte Fria* e descemos para o Chão das Eiras onde tinhamos estado em março, com a montanha cheia de neve.

Perto retoíça um rebanho e uma raparigota de fatos claros lança ao ar, na sua voz esganiçada, esta cantiga ingenua:

O' minha pombinha branca,
Onde queres tu que eu te leve?
— Leva-me á Serra da Estrella,
O' minha pombinha branca,
Enterra-me ao pé da neve!

Olhamos mais uma vez a montanha e lançamos-lhe um adeus de despedida e saudade, pelo seu ar, a sua vida e toda aquella paisagem extraordinaria.

E lembramos desistencia dos companheiros! Quê bárbaros!

Viemos encontral-os na Senhora do Desterro, gentilmente agasalhados pelo sr. João Dias, um rico industrial do sitio.

E quando todos á tarde deixámos S. Romão, reluzindo ao cimo dos campos ferteis da Assamassa, toda sussurrante de aguas, engalanada dos seus telhados vistosos de marselha, toda vibrante de actividade nas rodas gigantescas das suas fabricas, eu considerava que a *serra* era a simplicidade, o ar, a luz, a vida, e que a *cidade*, para onde voltava, tinha no seu artificio, a maldade, o veneno... a morte!

A. DE SOUSA MADEIRA PINTO.

Pensamentos

Dítas

AMOR, POR OUTRO AMOR CORRESPONDIDO,
E' NA VIDA O MAIS CASTO AMANHECER:
E' AMAR AO LUAR, TODO ESCONDIDO,
AMAR ALGUEM, SEM MAIS NINGUEM SABER...

Desdítas:

AMAR NÃO SENDO AMADO É DESDITOSO,
E VIVER SEM AMAR É NÃO VIVER...
MAS, ACIMA DE TUDO ACHO HORROROSO
AMAR ALGUEM SEM ESSE ALGUEM SABER!...

Carlos Affonso dos Santos.



Um imitador de Sherlock Holmes

Os cravos brancos



TOCOU a campainha para o almoço.

— Vamos, disse-me Silvestre tomando-me o braço. E' á mesa que gosto de tratar assumptos graves.

Eu sentia immensa curiosidade, mas nada queria perguntar. Recebera de manhã um lacónico bilhete do meu amigo, concebido n'estes termos:

«Preciso falar-te urgentemente. Vem».

Vesti-me, praguejando por ser acordado no melhor do meu somno, e havia duas horas que, tendo-lhe entrado em casa, esperava ouvil-o, sem que elle se decidisse a falar.

Sentámo-nos. Um instante depois sentia-se o tinir dos talheres e reinava entre nós um constrangedor silencio.

Por fim o meu amigo voltando-se para o creado perguntou:

— Está tudo aqui?

— Tudo, senhor visconde.

— Retira-te e fecha a porta.

O creado obedeceu, e o silencio prolongou-se. Quando eu já me dispunha a interrogar-o, Silvestre ergueu a cabeça e com voz levemente commovida, indagou:

— Tens lido a obra de Conan Doyle?

A pergunta surprehendeu-me em extremo.

— Tenho. Porquê?

— Que pensas d'aquelle systema de deducção, empregado por Sherlock Holmes?

— Acho-o muito interessante e sobre tudo engenhoso.

— Não, não é isso. Eu me explico. Que

pensas d'elle como methodo de applicação pratica.

— Enlouqueceste, ou estás brincando?

— Nem uma nem outra cousa; mas, tendo lido toda a obra do notavel escriptor, fiz d'ella um estudo consciencioso, appliquei-a, e cheguei, por tal signal que bem dolorosamente, á conclusão de que a deducção é a mola real para obter a verdade.

— Sim! Como?

— Sabes quanto sou ciumento. Não te escondo que n'estes ultimos tempos a conducta de minha mulher me tem dado seriamente que pensar, mas o meu muito orgulho impede-me de lhe mostrar a menor desconfiança. E' assim que, querendo apurar a verdade, pratiquei a theoria de Sherlock Holmes e colhi excellentes, bem que lamentaveis resultados.

— Isso é decerto engano.

— Qual? então não tenho as provas?

— Tens provas? indaguei estupefacto.

— Inegaveis.

— Mas...

— Eu te conto. Hasde ter notado que a Leonor tem o genio um pouco triste; é modesta e de gostos simples; porém ha tres mezes, pouco mais ou menos, mandou fazer um vestido elegantissimo e passou a occupar-se bastante do toucador. Estimei, por que nada suspeitava, e até lhe repeti um espirituoso axioma d'um dos nossos modernos escriptores: «A belleza da mulher e sá na gaveta dos arrebiques». Ella mostrou-se satisfeita de me agradar e começou a crear habitos de elegancia. Por esse tempo foi-nos apresentado aquelle pintor francez que al-

gumas vezes aqui tens encontrado. A Leonor não só pinta bem, como conhece a arte, e critica tão judiciosamente que os melhores pintores gostam de ouvir as suas apreciações sobre as obras de Reni, Ciseri, Castagnola, Konink e muitos outros que ella tem estudado conscienciosamente nas mais ligeiras minucias. Não me admirei portanto que o pintor preferisse a qualquer outra a conversa de minha mulher. Uma noite, nos annos de minha sogra, em que recebemos em casa algumas pessoas amigas, notei no espelho a troca d'um olhar, e desde então começou o inferno para mim. Compreendi repentinamente a transformação de Leonor e...

Uma leve pancada na porta da sala e a fresca voz da viscondessa, cortaram a palavra ao marido que, sobresaltado e contrariado, respondeu:

— Entra.

Abriu-se a porta e no limiar appareceu a gentilissima figura de Leonor, mais pallida que de costume.

— Se sou de mais, retiro-me.

— Não, não, podes ficar.

E Silvestre, lançando-me um olhar entendido, disse para a mulher:

— Sahiste?

Ella admirada:

— Sahi, sim.

— E foste por Valle de Pereiro?

— Fui; quem te disse?

— Ninguem. No entanto não voltaste por lá.

— Tambem é verdade.

— Passaste no Loreto.

— Exacto.



...RECEBEMOS EM CASA ALGUMAS PESSOAS AMIGAS

A cada affirmativa da mulher Silvestre lançava-me um olhar de triumpho.

— Pode saber-se onde foste?

— Se tu já sabes, para que o perguntas?

— Foste á Baixa fazer compras, affirmou elle ironico e nervoso.

— E' certo.

E, tirando o lenço da algibeira, a viscondessa assoou-se.

Silvestre tornou-se extremamente pallido e disse á mulher com voz tão alterada que ella affligiu-se:

— Emprestas-me esse lenço? Não tenho aqui o meu...

A viscondessa estendeu-lhe o lenço e indagou carinhosamente:

— Que tens? Sentes-te mal?

Elle com riso forçado:

— Nada, absolutamente nada.

Ella então voltou-se para mim e disse-me n'um tom apprehensivo:

— O Silvestre dá-me cuidado. Está com

o genio perfeitamente alterado e d'um nervosismo extremo... tão depressa o vejo livido e lhe encontro as mãos geladas, como o noto afogueado e coberto de suores. O Pedro devia convence-lo a consultar os medicos. Tenho-lh'o pedido muita vez, mas não faz caso do que eu digo.

— Está bem, calla-te, intimou elle com azedume.

As lagrimas assomaram aos olhos da viscondessa que, para as occultar, sahiu da sala.

Então Silvestre levantou-se, fechou de novo a porta, e, tornando a sentar-se, murmurou em tom doloroso, lançando-me um olhar febril:

— Notaste ?!

— O quê ?

— Que não me enganei em nenhuma das minhas afirmações.

— Ora adeus . . . acaso.

— Não, senhor, deducção. A Leonor está de roupão, mas de botas, e botas com lama: signal de que sahio e foi por Valle de Peireiro. O dia está optimo e as ruas enxutas, mas n'aquelle sitio o terreno foi revolvido por causa das obras e a agua que cahiu a noite passada tornou-o lamacento. Ora . . . o pintor mora na Rotunda. Voltou pelo Loreto porque traz no peito um ramo de *mignonettes*, que só na rua Nova do Carmo se vendem. E por ultimo, concluiu mostrando-me a ponta do lenço que a mulher lhe emprestára, vê.

— H. D. Isso que tem ?

— São as iniciaes d'elle: Hervé Duquesne.

— Mas vocês estão zangados? Porque não comem juntos?

— Porque Leonor sobre um pretexto futil, almoça sempre no quarto.

— E ao jantar?

— Nunca falta. Mas como ia dizendo, tenho-a espreitado. Leonor sae todas as manhãs e occulta-m'o. Habituada a contar-me tudo não sabe mentir . . . cae em contradicções: emfim a situação é insustentavel e resolvi pôr-lhe cobro.

— Pensa bem no que vaes fazer . . .

— Tudo quanto ha de simples. Sabes que resolvi abrir banca de advogado? Que queres? Desde que li o Conan Doyle apaixonei-me de novo pela minha carreira e aneeio por entrar em acção. Tenho a certeza de que nada escapará á minha investigação. Vou ás Ilhas e se aquillo por lá me agradar . . .

— Mas não estavas melhor aqui?

— Talvez, talvez . . . pensarei n'isso. Por agora convem-me partir, e é esta a razão que dou. Não o faço porém sem me despedir de minha mãe que chega dos Pyreneus no dia vinte e oito; tenho portanto diante de mim quinze dias para pôr a limpo um caso que já não offerece a menor duvida.

— Ha pouco affirmaste ter provas . . . notei como se o apanhasse em contradicção.

— Eu te digo. Holmes empregava como agentes em casos graves, garotos com pouco mais de uma duzia de annos. Chamei, pois,

um pequeno que me pareceu atilado e fi-lo seguir a viscondessa. Ella . . . entrou em casa do pintor. N'essa tarde perguntei-lhe onde fôra. Córrou, hesitou e, beijando-me na testa, respondeu com embaraço não isento de malicia: «á missa». Fiquei como pregado na cadeira. Não ignoras as minhas relações com Beatriz . . . é á missa que ella diz ir quando me vem encontrar. Imagina o golpe que soffri.

— Meu caro, na vida é assim: olho por olho e dente por dente. Compreendo o padecimento do teu orgulho, mas quanto ao coração, a julgar pelo que contas, deve ter ficado incolume.

— Enganas-te. Eu adoro minha mulher.

— Agora? indaguei com incredulidade, a que não era estranha uma ligeira zombaria.

— Sempre. E' um espirito superior, mas a um homem não basta espirito e virtude; é preciso alguma coisa mais. A' Beatriz amo-a. Desejava minha mulher em Beatriz e Beatriz em minha mulher.

— Isso é muito complicado para poder ser entendido por um homem methodico nos affectos como eu sou.

— Por isso mesmo, adiante. Basta dizer-te que tomei quasi odio a Beatriz e estou resolvido a quebrar com ella.

— Mas, agora pergunto eu, que culpa tem a pobre rapariga da falta da viscondessa?

— Se eu tivesse sido para Leonor o que devia, nada d'isto se tinha dado. Por quem faltei eu aos meus deveres?

— Oh! a logica dos homens, exclamei indignado; tu, e só tu, é que és culpado . . .

— Serei, não se discute; tu desconheces insignificancias sempre importantes em assumptos d'esta natureza. Mas, voltando ao caso, resolvi para ámanhã o grande passo e, como receio a impetuosidade do meu genio, contei com a tua companhia e amizade.

— Fizeste bem. Estou ao teu dispôr.

— Obrigado. Jantas commigo. A' noite iremos a S. Carlos e verás com os teus proprios olhos o jogo da viscondessa. Não é elle que se desmanda.

— E' francez, não admira.

— Ella, é ella! Mas não falemos mais do assumpto, despreocupemo-nos até quanto possivel. Queres um cigarro?

— Obrigado. Pelo que vejo destinas-me o papel do Dr. Watson? Não será uma imitação fiel de mais?

— Watson não está sem um fim nos livros de Conan Doyle. Dir-te-hei mesmo que é um complemento de Holmes: affaga-lhe e esperta-lhe o raciocinio, procedimento magnifico para obter um exito singular. Estás sem emprego; se, mediante a modica quantia (aqui hesitou) d'uns trinta mil réis, quizeses servir-me de secretario particular, ser-me-hias de não vulgar utilidade.

— Não te parece disparatada a tua conducta?

— De modo nenhum: é até a mais racio-

d'um *detective* perfeito, lançou mão da guitarra e depois d'uns preludios entouo:

*Deixa em teus labios de fogo
Toda a minh'alma queimar,
Porque, se a vida é um jogo,
Perdê-la assim é ganhar.*

*Na estreiteza d'um abraço
Nas ancias d'um bei...*

— O senhor não sai? indagou da porta o creado.

— Sim, sim, respondeu Silvestre, atirando com a guitarra para cima d'uma cadeira. Ponham o dog-cart.

Durante o passeio o visconde mostrou-se despreocupado, mas na sua falsa e ruidosa alegria percebi que occultava um vivo soffrimento. Impressionou-me sempre mais a dôr que tenta vencer-se do que aquella que se entrega ao desespero. Procurei distrahi-lo; mas no seu olhar febril, no riso nervoso e forçado, desagradavel ao ouvido como viola desafinada, na volubildade e rapidez com que passava d'um a outro assumpto, e até na vivacidade da replica, tudo á uma demonstrava n'elle



COMPREHENDO O PADECIMENTO DO TEU ORGULHO...

nal possivel, visto que se baseia em raciocinios.

— N'esse caso acceto.

E, com uma pontinha do genio aventureiro que dorme no fundo de todo o coração portuguez, eu lisonjeava-me de me sentir Watson, bem que mais desejasse vêr-me Sherlock Holmes.

Silvestre agradeceu-me commovido e, querendo mostrar-se á altura da situação

um poderoso esforço de reacção.

O jantar passou-se bem. A viscondessa, animada pela alegria do marido, fazia brilhar o seu espirito levemente satyrico, e eu observava-os a ambos, lamentando de mim para mim a breve desunião d'aquelle interessante par. Ao café um creado assomou á porta trazendo na mão um lindo ramo de cravos brancos.

— Para a sr.^a viscondessa!

— Quem manda? interrogou Leonor com ligeira emoção.

— Não sei, minha senhora.

— Então como lhe veio á mão?

— Entregou-m'o o porteiro, dizendo que o trouxe um moço.

— Decerto uma lembrança da estouvada da Thereza, continuou a viscondessa com voz pouco firme. Dé essas flôres á Luiza; que as ponha no meu toucador.

Durante este curto e rapido dialogo olhei Silvestre. O rosto tornara-se-lhe livido, os labios incolores e os musculos faciaes agitavam-se-lhe: tinha um aspecto feroz que a custo serenou. Voltando-se á viscondessa, que insistia na estranheza que lhe causava o modo porque chegaram as flôres, respondeu naturalmente:

— Estás ligando extrema importancia a um facto insignificantissimo e da mais facil explicação. O homem tinha pressa e esqueceu-se de entregar a carta ou bilhete que trazia; quando der por isso voltará a reparar o erro.

Leonor mostrou-se satisfeita com a opinião do marido e ausentou-se para cuidar do vestuario. Eu fui envergar a casaca e segui para S. Carlos.

A primeira cousa que notei foi o pintor, passeando no vestibulo d'um lado para o outro e tendo na lapella um cravo, em tudo semelhante aos de Leonor. Mal tinha feito esta observação senti, passos atraz de mim e a voz crystallina da viscondessa que me dizia rindo:

— Foi pontual pela primeira vez na sua vida.

Offereci-lhe o braço e olhei rapidamente em volta; já não vi o francez. Quando auxiliei Leonor a tirar a sua esplendida capa, notei com pasmo que no seio e na cabeça se destacavam dois lindos ramos de cravos brancos. Silvestre, surprehendido tambem, não pôde conter-se que lhe não dissesse com visivel contrariedade:

— E' de mau gosto e muito pouco senhoril usar flôres de que se ignora a procedencia.

Leonor respondeu naturalmente:

— Talvez tenhas razão. . . tens por certo; mas não tinha outras. E, pegando gentilmente no cabo do seu pesado binoculo de esmalte, começou observando a assistencia e sorrindo ou acenando com a mão a uma ou

outra amiga ou conhecida que, como ella, ornavam a sala. Fazia-o tão natural, tão despreoccupadamente que eu não sabia que pensar.

N'um dos intervallos Duquesne veio ao camarote. Leonor recebeu-o amavelmente e, n'um momento em que Silvestre e eu discutiam acaloradamente a voz do barytono, ouvi distinctamente Leonor murmurar ao ouvido do pintor:

— A'manhã.

Elle depois mostrou-lhe por um gesto o cravo que tinha na botoeira e murmurou:

— Quiz que eu o trouxesse. . .

Ella sorriu e assentiu por um gracioso movimento de cabeça.

Então radicou-se-me completamente no espirito a idéa da culpabilidade de Leonor, e notei que nada ha mais imprudente do que o amôr, quando verdadeiro. Beatriz, a dóce e sympathica amante de Silvestre, n'um camarote do lado opposto, desolada por não lhe merecer um olhar, não desfitava os olhos d'elle sem se lembrar ou importar com o que cada um poderia dizer. A sua angustia era visivel. Leonor, a dois passos do marido, lançava um olhar de entendimento ao pintor e murmurava-lhe ao ouvido um *amanhã* que se me afigurava cheio de promessas.

Chegara a casa e, tirando o sobretudo, inda mal tinha tido tempo para coordenar os acontecimentos do dia, quando Silvestre me entrou no quarto, e atirando comsigo sobre o divan, exclamou:

— Então viste?

Acenei affirmativamente, não sabendo até que ponto elle levára a sua investigação.

— Tudo, tudo? insistiu elle.

— Creio que sim.

— Isto tambem? indagou, incredulo, atirando sobre a mesa um papel azul amarrado.

— Não, isso não.

— Então lê.

No papel azul com as iniciaes de Hervé Duquesne, li estas palavras escriptas rapidamente a lapis: «Hoje foi-me impossivel esperal-a. Quando volta?»

— A impressão que senti foi tal, que, chegado a casa, não pude impedir-me de lhe fazer uma scena, tomando como pretexto as flôres, confessou o meu amigo.

— E agora? perguntei assombrado.

— Agora mato-os, respondeu friamente o visconde.

— Mas não era bom interrogal-a, confundil-a primeiro? Saber até que ponto está comprometida?...

— Qu'importa? Faltou.

— E tu?

Silvestre abaixou a cabeça e, após uns segundos de silenciosa lucta interior, redarguiu:

— Tens razão, não me compete julgar. Separar-me hei e partiremos em seguida: mas primeiro quero mostrar-lhe que não sou um imbecil. A'manhã também vou á entrevista.

— Era melhor não ir.

— Vou. Se não queres, não me acompanhes.

— Eu deixava-te lá só n'uma occasião d'essas!... E a hora?

— A's sete.

— Como sabes?

— E' o costume.

— Bem. Vou acompanhar-te a casa.

— Aceito. Se quizeres

perder estas horas da noite conversando comigo, fazes-me um favor especial: pela primeira vez na minha vida sinto-me completamente desorientado.

O resto da noite pareceu-nos interminável. Emfim, pela volta das seis e meia, sentimos uns leves passos que deslisavam pelo corredor, e pela frincha da porta pudémos vêr o vestido branco da viscondessa des-

apparecendo na porta do jardim. Olhei para Silvestre.

— Sigamol-a, ou por outra, tomemos-lhe a dianteira.

E, abrindo a porta do vestibulo que dava para a rua, tomámos apressadamente o caminho da Avenida.

Ao chegar em frente da casa de Duquesne o visconde, sem hesitar, entrou.

— Agora onde vaes? indaguei tomando-lhe o braço.

— A casa d'elle... é no primeiro, direito... ficarei no patamar superior... quando Leonor chegar entrarei com ella.

— Mas isso é o escandalo, talvez a morte.

— O que fór se verá.

E, soltando-se-me da mão, subiu a escada.

Segui-o. O coração batia-me apressado, e pelo meu estado comprehendí o de Silvestre. Decorreram minutos, longos como seculos, e por fim os degraus fizeram ouvir o passo ligeiro de Leonor. Olhei o visconde.

Tremia e o suor inundava-lhe a testa. Aventurou-se a espreitar. Imittei-o, e vimos a viscondessa bater á porta da esquerda. Então Silvestre, galgando d'um salto os degraus, achou-se ao pé da mulher no mesmo instante.

A viscondessa recuou um passo e, soltando uma sonora gargalhada, perguntou:

— E o Pedro?



NÃO PUDE IMPEDIR-ME DE LHE FAZER UMA SCENA

Vendo-me apparecer por meu turno, desatou a rir com tal gosto que as lagrimas lhe corriam pelas faces. Nós olhavamol-a perplexos.

A porta abriu-se e a viscondessa, continuando a rir, disse-nos :

— Uma vez sem exemplo permitto-lhes que entrem adiante. Por ahi.

E apontou-nos o corredor.

Entrámos n'uma sala onde uma senhora sexagenária conversava animadamente com H. Duquesne, que, sentado diante d'um cavalleto, retocava um retrato de Leonor, em

vidaram-me para um divertimento a que me não posso recusar, embora tenha a maior pena de lhe causar atrazo.

Nós examinámos a tela, dirigimos alguns elogios ao pintor, mas sentiamo-nos contrafeitos, receando parecer ridiculos. Depois de combinar nova sessão para completo acabamento da obra, Duquesne retirou-se, parecendo não ter ligado a menor importancia á nossa intempestiva entrada.

Então Leonor, depois de ter trocado em voz baixa umas palavras com a sogra, começou dirigindo-se a mim :



OUVI-O EM MINHA PROPRIA CASA CONVIDAR BEATRIZ A SEGUI-LO

tamanho natural, com cravos brancos na cabeça e no peito.

A senhora, ao vêr Silvestre, correu a cingil-o nos braços, clamando alegremente :

— Meu filho, meu querido filho! Quanto estimo vêr-te!

E, voltando-se á nóra, n'um tom de censura :

— Não soubeste guardar segredo até ao fim!

— Não tive culpa, minha querida mãe, respondeu a viscondessa, rindo e lançando-nos alternativamente, a mim e a Silvestre, olhares impiedosos. Foi um simples acaso que, a meu pesar, me proporcionou a agradável companhia d'estes senhores.

Silvestre e eu, sem percebermos bem, sentiamo-nos vexados. A viscondessa continuou :

— Por hoje, meu caro Duquesne, fica addiada a nossa sessão. Estes senhores con-

— Vou contar-lhe uma historia, Pedro, que talvez o interesse, bem que lhe não seja completamente estranha. Quando Silvestre pensou em ir ás Ilhas disse-me que eu devia ficar, porque se tratava d'uma ausencia de curta duração. Maguou-me a resolução e admirou-me por insolita, preocupando-me muito; a breve trecho um acaso me descobriu a causa. Ouvi-o, em minha propria casa, convidar Beatriz a segui-lo. Fugia-me? Abandonava-me? Como o poderia eu saber? A sua resolução nada tinha de desculpavel a não ser uma grande paixão. Beatriz é uma senhora, recebida em toda a parte com tal. Se seguia Silvestre, era decerto na idéa de não mais se separar d'elle, e só para rea-

lisação d'um tal desejo se tornava comprehensível a conducta d'ambos, sobre tudo a d'ella. A mulher hesita sempre diante d'um escandalo. Se eu chorasse e lhe pedisse que desistisse do seu intento, não obteria nada: os homens espesinham sempre quem se humilha. Decidi, pois, servir-me das suas novas theorias de investigação e escrevi a minha sogra pedindo-lhe auxilio.

Voltando-se ao marido continuou:

— Não querendo deprimir-te na opinião de Duquesne, o que aliás bem merecias, distribui-lhe o papel, deixando-o na ignorancia de tudo. Ajustei o meu retrato, feito a occultas, para te presentear no dia da tua partida.

— Agora, perguntou a mãe de Silvestre sorrindo, que preferes tu levar: a copia ou o original?

— Isso nem se pergunta, respondeu o visconde, confundindo no mesmo abraço a mulher e a mãe.

— Uma palavra ainda. Como arranjaste esta casa?

— Disse-me Duquesne que estava vaga, falando em vêr se lhe cederiam um quarto para pôr o cavallete, visto no seu atelier entrar muita gente e não ter onde occultar.

A mãe de Silvestre, sorrindo, foi a uma gavetinha d'um lindo contador de pau santo

e, tirando um sobrescripto, entregou-o ao visconde dizendo:

— Ahi tens o plano do ataque, a conta da mulher que bordou as iniciaes no lenço, etc., etc.

— Mas o bilhete de Duquesne? interrogou Silvestre.

— E o cravo que elle trazia na lapella? ajuntei eu.

— Isso são pequenos retoques que eu, como mais experiente (para alguma coisa servem os cabellos brancos) dei na obra de Leonor. Pedi ao pintor que levasse o cravo para por um gesto inquirir de Leonor se tinha recebido os que lhe mandei, porque parecia que o moço os entregara n'outra parte. O bilhete fiz-lh'o escrever dizendo precisar sahir caso ella não viesse. Instei com elle para que fôsse a S. Carlos e me trouxesse a resposta, sem que tu desses por isso.

— São habilissimas as mulheres quando se trata de enganar! Que dizes a isto Pedro?

— *Tout est bien qui finit bien.*

O visconde quebrou as suas relações com Beatriz. Dizer que a lição o deixou completamente emendado em aventuras de amor, seria desconhecer o coração masculino. O que é certo é que durante um anno, ou talvez mais, Silvestre só pensou na mulher. E, no seu espirito, encontrou n'ella o *detective* inglez, um perigoso rival.

MARIA O'NEILL.



Transviada

Por tão feios, asperrimos caminhos,
Teus mimosos pésinhos delicados!
Não podem mais seguil-os meus cuidados
Por esses intrincados escañinhos...

Tão incautos que vão, pisando espiñhos
Hão-de chegar ao termo ensanguentados!
Hão-de abysmar-te emfim n'esses vallados!
Guiados á mercê, os pobresinhos...

Minha razão também empobrecida
Infraquecendo a mão que te guiava...
D'aqui te prophetisa, á despedida,

Que has-de vir, no regresso da jornada,
Dizer-me então, talvez envergonhada:
Não existe a ventura apetecida!...

Armamar.

Ernesto Leitão



Os bastidores do nihilismo

Historia de um assassino, contada segundo os jornaes
e a narrativa pessoal do seu secretario, Mr. Bruce Ingersoll

POR

MAX PEMBERTON

XXIV

O REGRESSO A INGLATERRA

Levantamos ferro com destino a Inglaterra no dia seguinte ao romper da madrugada. Pouco tenho que escrever ácerca da nossa viagem, nem desejo muito demorar-me com respeito á difficil posição em que me colloquei. O leitor que me acompanhou até aqui comprehende facilmente as singulares circumstancias em que me encontrava, responsavel como era pela custodia de uma pessoa accusada dos mais graves crimes. Não conseguira ainda provar a sua innocencia e davam-me toda a liberdade de proceder com ella como entendesse. A par d'isso tinha que responder pelos meus actos a um homem a quem eu aprendera a temer e a estimar.

Paulina e eu eramos os dois unicos passageiros a bordo do yacht. Todas as manhans quando acordava, muitas vezes com o sol, os meus primeiros pensamentos fixavam-se no instante em que ella sahisse do seu camarote para vir ao meu encontro, com o cabello cahido pelos hombros brancos, com as faces rosadas pelo bom ar do mar, com os olhos irrequietos pela alegria de vida, mas desviando-os dos meus. Que

jogo das escondidas esse! Todas as suas estupendas evasões, as suas loucuras demagogas, a sua tagarelice ácerca de liberdade e de justiça colhida de livros exaltados, e por cima de tudo isto o seu lindo e provocador ar de mulher, como que me solicitavam que a tomasse nos meus braços e desafiasse todo o mundo a accusal-a.

Jehan Cavanagh desejaría isto ou não? Paulina assombrou-me uma noite quando estávamos á vista de S. Vicente, dizendo-me ousadamente com zombeteiro sorriso: — Mr. Cavanagh tem medo dos meus amigos. O senhor tornou-se o meu carcereiro, Mr. Ingersoll, o que o tranquilisa. Já em Baku me temia. Mas se o senhor me protege...

Pegou-me na mão e apertou-ma.

— Podíamos desembarcar em Lisboa — declarei eu — quem nol-o prohibia? Podiamos ir por esse mundo fora, Paulina, viver em qualquer parte onde ninguem soubesse os nossos nomes. Quem o impediria? Em Inglaterra ainda talvez se levantassem difficuldades, mas de Lisboa partiriamos para a America. Eu trabalharia para si, ensinal-a-hia a viver; faria de si minha mulher, Paulina...

Emmudeceu-me com um gesto quasi duro.

—Iria comsigo—affirmou ella—mas nunca teria direito a ser sua esposa.

Essa resposta chamou-me, á realidade das coisas. Pensava algumas vezes que o senso moral, tal como o comprehendemos no Occidente, não o conhecia Paulina. As suas doutrinas eram as de uma rapariga do Oriente. Estremecendo como uma joven de temperamento apaixonado, não duvidava que ella me seguisse até o fim do mundo. Bastava que lhe dissesse: «vem». Nem havia virtude na minha hesitação. O crime de que a accusavam despertava em mim uma voz que devia respeitar. N'esse momento não era mais que um protector, e respondia por ella e pela sua honra a Jehan Cavanagh. A victoria custou-me immenso... tanto que receio confessal-o.

Declararei que nos seus momentos de ira contra mim... pois houve esses momentos... não me encontrou sem defesa. Estreitaria-a nos meus braços quasi brutalmente, e tentava, n'esse instante, arrancar-lhe a confissão:

— Não é criminosa — exprobei-lhe — hei de conseguir que me diga a verdade.

Arreceou-se, a sua phisionomia tornou-se impenetravel, os labios tremeram-lhe, fitou-me com persistente desafio. E, lembro-me, esta tragedia do interrogatorio repetia-se todos os dias. Não havia treguas a tal respeito. Desde o momento em que Paulina sahia do seu camarote para o almoço até as minhas demoradas «boas noites», ella e eu ficavamos só no grande salão ou tornávamo-nos um par feliz no convés. O capitão Greenwood, se conhecia os antecedentes de Paulina, portava-se com um tacto que eu não esperava n'um homem de mar. Reunia-se comnosco á mesa — fumava cachimbo commigo quando Paulina se ia deitar, á noite, mas nunca pronunciava o nome d'ella na minha presença.

Assim decorreram os dias d'aquella esplendida viagem, e uma madrugada quando Paulina sahiu do seu camarote mostrei-lhe as rochas alvacentas de Inglaterra, e diligenciei ser tão sentimental quanto a ocasião o exigia. A sua indiferença desapontou-me. Chovera immenso durante a noite e a bruma da manhan tornava as costas tristes. Este contratempo convenceu-a que a nossa tendencia para a melancolia não era exaggerada. Estou certo que Paulina espe-

rava encontrar toda a gente vestida de preto.

— Mesmo quando vão a Baku o seu aspecto é frio — commentou ella falando dos meus compatriotas — pois se até quando dão beijos parece que rezam orações. Se puzerem um inglez ao sol, arrepiam-se. Clama: «Perco o meu lugar no céu se gostar do sol». Vi-os em Paris com um ar tão triste e tão lugubre como se fossem para o cadafalso. Mr. Ingersoll, é como elles, mas eu, de quando em quando, faço-o rir. E quando me beija, não pensa em rezas...

— Pois ha assim tanta coisa no mundo, Paulina, que nos desperte o riso?

— Tudo — exclamou, com uma gargalhada espontanea — tudo quanto vemos, tudo quanto fazemos... todos os dias, sempre... não é fingido, artificial, falso? Exactamente como n'este momento, quando me diz que os meus olhos são azues como o mar... pensa que sou vaidosa e que me ufana com esse madrigal? Quando desembarcar irá ter com Mr. Cavanagh e dir-lhe-ha: «E' um diabrete obstinado, ella, e não lhe apanhei nada.» Sei isso e rio... rio mesmo na prisão quando os seus amigos vão ali ameaçarme. Quanto mais rio menos falo — e aconcheguei as minhas mãos ao seu peito, — é muito natural que envelheça antes de conseguirem que eu faça a mais pequena confidencia. Em Inglaterra, Mr. Ingersoll, é provavel que me achem extravagante.

— Mas agrada-lhe ir ali commigo?

O sorriso apagou-se-lhe nos labios, e encanou-me bem de frente.

— Comsigo, sim — respondeu-me — mas só comsigo.

— Descanse; ninguem mais desembarcará com Paulina.

— Isso não é verdade, Mr. Ingersoll; Fédoro tambem irá comnosco.

— Quem é Fédoro?

A pergunta saltou-me naturalmente dos labios, porque não tinha a mínina noção de quem poderia ser esse homem. Mas percebi immediatamente que ella não me acreditava. Lia-se-lhe nos seus maravilhosos olhos a duvida e o desprezo que essa duvida representava. Estou certo que suspeitava que eu lhe mentia.

— Fédoro é creado de Mr. Cavanagh. E' impossivel que não o conheça.

— Mas nada mais verdadeiro. Nunca vi

semelhante creatura na minha vida. Não m'ò pode descrever?

Não accedeu a este meu pedido. Os meus protestos não lograram convencel-a. Não me quiz confiar senão metade dos seus pensamentos a esse respeito. Mas não occultava de mim mesmo que surgira entre nós um certo elemento de desconfiança com que era preciso contar. Felizmente interpoz-se outra coisa. Tocou a campainha para o almoço e, como o capitão Greenwood se veiu assentar a mesa, não se me deparou ensejo para insistir no assumpto.

— Devo communicar-lhes que ámanhan por estas horas devemos estar no Tamisa — participou o capitão.

Era a primeira vez que nos dizia que nos dirigiamos para o Tamisa.

— Fundeia em Gravesend, capitão Greenwood?

— Não tanto cá em baixo, Mr. Ingersoll. Vou desembarcal-os em Porto Victoria. Nós vamos ao Tyne para examinar a machina. Ha tres annos que este yacht anda no mar e os yacht envelhecem muito depressa.

— São como as mulheres — commentei eu — e quando envelhecem são teimosas. Ao capitão deve saber-lhe bem passar algum tempo em terra.

— Assim e assim; nasci no meio d'esta bacia azul e não ando bem fora d'ella. O que me faz embirrar com a terra é que ali raras vezes se sente a alegria de viver. No mar é outra coisa... com bom tempo ou mau, ao meio-dia ou á meia-noite, alegrame a vida. Talvez isto pareça singular no filho de um homem que cahiu no *Victoria*. O habito de gostar do mar arreiga-se na gente como qualquer outro. Com certeza esta senhora não é da mesma opinião.

Paulina que o ouvia com interesse, replicou-lhe sem demora:

— Concordo plenamente consigo, capitão Greenwood. Vivi cinco annos á beiramar, e comprehendo-o. Sempre a contemplar o azul do firmamento, a perguntar o que existe ali, para além das nuvens... a admirar as suas estrellas scintillantes... é o entretenimento do marinheiro. Vivemos nas cidades porque estamos cegos, mas é bom não dizer semelhante coisa a Mr. Ingersoll. Tem falado de Londres desde que sahimos de Lisboa. Todo o bom inglês assim faz; em qualquer parte onde esteja tem sempre saudades

de Londres. Que feliz se considerou desde que partimos para Londres.

Rimos todos e o tempo passou. Quando principiou o almoço estávamos á vista da Ponta de Santa Catharina, em seguida surgiram os penhascos alvejantes, as dunas de areia, cidades que eu conhecia tão bem como a sua historia. Algumas são verdadeiras banalidades, louvado seja Deus! Quem viajou pelo Oriente pode supportar as lendas de Littlehampton, ou de Decameron? Mas aprazia-me esquecer, conversando, a dura prova que me esperava em terra. Até onde nos transporta a nossa imaginação? Revelaria Londres os seus segredos? Responder-me-hia Londres ás innumeradas interrogações que me tinham torturado desde que sahira de Veneza? Breve saberia tudo isso. Não existia nenhum navio que andasse sufficientemente depressa para acompanhar os meus pensamentos n'aquella noite.

Estávamos pelas alturas de Dover, lembro-me, ás oito, e um luar esplendido ajudava-nos a subir o Tamisa. Paulina tornara-se silenciosa, e raro conversava commigo. Mettera-se-lhe na cabeça que cedo nos separariam, e que o tal homem misterioso, Fédoro, seria a principal causa dos seus infortunios. Falara-lhe com a maxima franqueza, não podia fazer mais. A bordo, como na prisão de Bruges, não pronunciara uma unica palavra para se defender, continuava muda, embora o seu mutismo destruísse a sua e a minha vida.

— Não fala porque ama o homem a quem protege.

Nunca refutara o asserto; não o repudiou n'esse momento.

— Não o nego, Mr. Ingersoll — protejo um homem, que me offendeu gravemente.

— Paulina! Santo Deus! Mas os seus olhos negam a affirmativa. Tem outro motivo. Não é porque o ama?

— E' verdade — redarguiu ella com a maior placidez —, não é porque o ame.

— Nem porque o tivesse amado?

Esquivou-se a responder, falando ácerca da noite, da terra distante, das luzes da cidade, dos pharoes que brilhavam por cima da areia, de tudo menos do que eu desejava. Quando me deu as «boas noites!» os seus modos eram quasi contrafeitos.

— Fez muito por mim, Mr. Ingersoll —

disse-me — Se isso representa alguma coisa para si, nunca o esquecerei.

— Não fiz nada, Paulina. Impediu-me que fizesse fosse o que fosse.

— O tempo me justificará, e não é pouco contar com um amigo. Permitta que uma creança lhe deseje um «até a vista!» de mulher.

E assim se afastou. Durante uma hora inteira andei pelo convés a meditar sobre o que me sucedera, e principalmente na declaração de Paulina que protegia um homem que a offendera. Podia ser um lugar communital asserto, mas não se me afigurava natural. Todavia, surpreendeu-me verificar que a repetição da phrase me torturava. Se tivesse sido amante d'esse homem... mas Santo Deus! Que afronta á lealdade d'aquelles involdáveis olhos! Todas as suas feições revelavam innocencia, e o meu coração

recusava-se a acreditar que houvesse n'ella qualquer nodoa; queria-a para esposa de toda a minha vida.

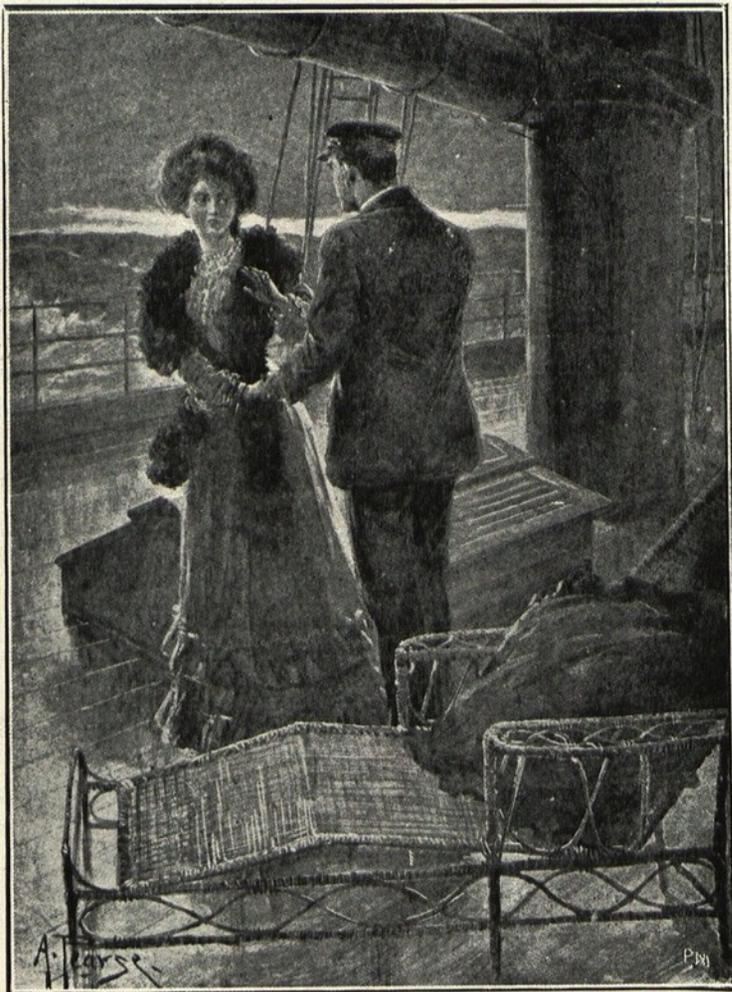
Dirigi-me para o meu camarote, mas não para dormir. Qual foi, porém, o meu assombro quando encontrei aii, em carne e osso, o argelino (como eu o designava), o mesmo que fôra comnosco para Waterbeach quando Mr. Cavanagh me levou ali da primeira vez.

Acudiu-me então subitamente, que era elle o homem a quem Paulina chamara Fédoro e que entrara para bordo em Veneza.

XXV

FÉDORO

Podia ser tambem uma falsa supposição. Havia outras hypotheses. Podia ter em-



NÃO FALA PORQUE AMA O HOMEM A QUEM PROTEGE

barcado em Gibraltar ou em Lisboa... ter saltado em Dover á noite. Contra isto levantava-se a convicção de Paulina que dera pela sua presença a bordo havia muito tempo. O caso é que elle se encontrava ali, á porta do meu camarote, inclinando-se com toda a reverencia, mas no seu rosto moreno luzia um olhar negro que não o tornava nada attrahente.

— Bon soir, M'sieu.

O seu francez, tinha agora, como reparara então, um sin-

gular accentto, que eu não podia localisar. Quando me appareceu, pertencesse a que paiz pertencesse, afigurou-se-me vêr n'elle a morte. A exclamação que os meus labios soltaram nem a prudencia nem a delicadeza podiam fazer retrogradar.

— D'onde demonio vem?

Respondeu-me ainda no seu arrevezado francez.

— De casa de meu amo... venho buscar

essa senhora para a levar para Watterbeach.

— Traz alguma carta?

— Não, senhor... o meu amo não está bem... não pode escrever.

Era curioso registar como os seus olhos negros relampejavam e giravam nas orbitas quando me respondeu. A esse typo faltava certamente um fez e uma cimitarra. Lembrei-me que os calções largos do Oriente lhe iriam a matar.

— Quando veio para bordo?

— Em Plymouth... á hora do lanche.

— Mr. Cavanagh está em Watterbeach?

— Está ali ha cinco dias... uma semana.

— Porque não me procurou antes?

Desfechou sobre mim um olhar que quasi me penetrou.

— Necessitava andar com prudencia; a pequena tem muitos amigos em Inglaterra. Meu amo muitos inimigos. Se eu não fosse discreto...

Calou-se de subito com um aceno de mão, como se significasse «bem sabe o que quero dizer». A proposito da sua declaração, convenci-me que não tinha importancia, se me falara ou não a verdade. Francamente, se tivesse embarcado em Veneza, podia ter recebido correspondencia de Plymouth ou mesmo de Dover. Recordei-me que vira o barco dos pilotos a bombordo quando passáramos pelo caes do almirantado.

— Mr. Cavanagh mandou-me algumas instrucções?

— Deve esperar em Londres uma carta sua.

— Onde?

— No hotel que escolher.

— Hospedar-me-hei em casa de lady Elgood, em Montagu Square...

— Não quer mais nada?

— Mais nada, ou se quizer escreverei directamente.

Inclinou a cabeça n'uma saudação perfeitamente oriental, e dirigiu-se com toda a pausa pelo corredor adeante como um pachá que atravessa o vestibulo de uma mesquita. Antipathisara com este homem desde o principio, e imagina-se facilmente com que apprehensão acolhia a noticia que seria o companheiro de Paulina quando ella sahisse do navio. Por outro lado sabia quanto Jehan Cavanagh gostava d'estas excentricidades,

nem acreditava que a sua resolução deixasse de ter um desígnio. Se mandava ir Paulina para Waterbeach é que queria ouvir a sua historia da propria bocca d'ella. A minha presença em casa constituiria um embaraço e não um auxilio n'essas circumstancias. E indubitavelmente confiava n'essa creatura vinda do Oriente. O seu conhecimento dos homens era notavel, nunca falhava.

Acontecia por isso que eu estava, ás dez da manhan immediata, só com o capitão Greenwood no yacht, e tão desnorteado como se elle me desembarcasse em Goa e eu me transformasse em rajah de Bangalore. Respondendo ás minhas perguntas, contou-me laconicamente o capitão que Paulina sahira do navio ás sete e meia d'essa manhan e prohibira que me acordassem.

— Foi com o argelino? — indaguei.

Respondeu affirmativamente, e accrescentou, com grande satisfação minha, que o creado Edward tambem õs acompanhava.

— Mas Féodoro não é argelino — corrigiu o capitão — é natural de Tiflis, uma especie de selvagem das florestas. Mr. Cavanagh trouxe-o para bordo depois de ter acutilado tres quartas partes da população com o seu montante. Comprou-o ao director da prisão, e leu-lhe as vidas dos Santos. Os seus antepassados devem ter desembarcado da arca de Noé em Ararat, mas é um bello homem que faz um effeitarrão n'uma cidade e não conhece meio termo em assumptos de fidelidade. Socegue que Miss Paulina não encontrava melhor defensor.

As suas palavras demonstravam-me plenamente que comprehendera o meu interesse no assumpto, o que lhe agradei do íntimo da minha alma. Pelo que me dizia respeito, resolvera ir para Londres e ali aguardar as instrucções de Mr. Cavanagh em que me falara o moreno Féodoro. Não era coisa muito agradável, estávamos no mez de agosto e o calor tornara-se insuportavel, escusado será affirmar-se; mas Londres, no meio de tudo, é a cidade da acção e fora de Londres um homem activo vive no purgatorio. Tomando esta maxima por evangelho, sahi de Porto Victoria n'um dos comboios da manhan e cheguei a casa de minha tia Mary em Montagu Square exactamente ás duas horas.

E' uma casa velha, n'um largo ainda mais velho e sombrio, e bastante lúgubre

nos dias vulgares. As festas de minha tia não são frequentes e as poucas que offerece são taciturnas. Costumavam reunir-se em volta da sua mesa de chá, cinco vigarios carrancudos que olhavam de má catadura para outros tantos curas. Via-se também ali um medico decrépito que só bebia agua pura e um antiquissimo creado, que ameaçava succumbir a uma apoplexia cada vez que desrolhava uma garrafa. Usualmente, á minha chegada, era necessario acordar esta antiguidade do seu somno martelando sem piedade n'uma porta de mogno e puxando com toda a alma pela campainha, triumpho de um artista genial nos primeiros tempos do reinado da boa rainha Victoria. Julgue-se, pois, do meu assombro quando, ao entrar no largo n'aquella tarde, o meu trem só a custo conseguiu passar por meio de muitas carruagens particulares, e encontrei não menos de vinte e cinco senhoras e outros tantos homens á porta da illustre dama.

— E' algum casamento — monologuei — a boda de Una!

Não me podia restar a mínima duvida. Os dias e as semanas tinham decorrido tão depressa, succederam-me tantas coisas desde que Una encontrara Harry Relton no baile de Trinity, que quasi esquecera a sua existencia. Só agora as fileiras das carruagens e as rubicundas faces dos sorridentes cocheiros me recordavam esses factos. E ali apparecia eu, não só sem vestuario adequado á cerimonia, mas vestindo um fato de flanela de viagem que envergonharia a rua Trinity. Na verdade o cocheiro do meu trem fazia melhor figura que eu n'aquelle solemne momento.

— Desejo mil venturas á noiva, senhor — disse-me o automedonte — e que ella encontre um marido tão bom como o senhor seria se fosse o noivo.

O que, traduzido em miudos, significava que não se lhe daria de beber uma pinga á sua saude. Preparava-me para lhe satisfazer o desejo.

— Sou «tectotaller» (1) ha muito tempo, — respondeu-me — beberei antes chá em casa de madame Tossand, ali ao voltar da esquina. Muito obrigado pelo seu favor, mas não lhe desejo que se case. Eu já enterrei duas.

Continuei no meu caminho por entre as damas boquiabertas e topei na escada com um grande ajuntamento de pessoas de maneiras adocicadas.

Os cinco vigarios estavam já a um canto, discutindo o desastre nacional que representaria qualquer tentativa para se pôr em uso os paramentos vermelhos dos catholicos. Os cinco curas pareciam agitados principalmente por causa do Champagne e do pão de ló, que caçavam de mesa em mesa com a porfia de um lebreu sobre a presa. O velho doutor Tubbs, com um sapato de setim na mão, batia com elle nas abas do casaco de um seu competidor, ao passo que zombava da theoria que attribue a calvicie a um bacillo. Minha tia andava de um para outro lado e quasi chorava de alegria. Quando nos encontramos frente a frente, estacou como fulminada.

— Bruce... meu Bruce! Louvado seja o Senhor!

— Um copo de Champagne, tia, e uma sandwich de presunto para salvar a minha vida. Quer que morra de fome no limiar da sua porta?

Agarrou-me na mão com vehemencia e arrastou-me através dos convidados. Proximo do fogão — apagado é claro, senão seria morte certa n'um dia tal como aquelle — estava a pequena Una com o traje nupcial e o meu velho amigo Harry Relton, a verdadeira imagem de um inglês que não nascera para vestir sobrecasaca, mas que lh'a tinham enfiado á força. Quando o par me viu, soltaram ambos uma exclamação. A de Harry foi um berro como para assullar os cães.

— De todos os meus primos mais estimados e queridos — declarou Una, offerecendo-me a face para eu a beijar, mas olhando para Harry como dizendo: «Não te importes, logo me beijarás á vontade!» — de todos os rapazes de quem mais gostava foi o primo o unico que nunca me escreveu uma simples palavra, e ainda por cima apparece no meu casamento com o fato com que assiste á limpeza do seu automovel.

— Minha cara Una, não seja injusta. E' uma excellente flanela, asseguro-lhe, comprada n'um alfaiate inglês em Monte Carlo. As algibeiras são largas por causa do dinheiro perdido. Agora, realmente, suppõe por um instante que eu sabia d'esta loucura?

(1) Pessoas que não bebem liquidos alcoolicos.

Harry concordou, mirando a noiva como quem lhe dizia: «E' uma alimária, mas nós não fazemos caso!»

— Telegraphei-lhe para a direcção que nos deu, em Londres, mas o telegramma foi devolvido. Não deu signal de si, nem coisa que o valha. Lady Elgood recebeu uma carta sua de Trieste, mas um telegramma que ella lhe enviou não lhe foi parar ás mãos. Meu velho, onde se mettem e quem é a dama?

— Ha de ser uma menina com certeza — commentou Una — elle é tão conquistador! Talvez até já se tenha casado.

— Olhe lá — retorqui — quando eu me casar não maçarei os meus amigos com telegrammas a participar-lhe o meu infortunio. Esconder-me-hei como um ladrão, durante a noite e uma noite sem luar. Gosta do meu presente, Una?

Era curioso observar-lhe os olhos quando eu proferi essa phrase. Cruzou as duas mãos n'um arrebatamento de extase e tomou uma attitude que q alquer sentimental chamaria divina.

— Sei antecipadamente que ha de ser lindo. Já veiu, Bruce?

— Pois olhe já eu não sou da mesma opinião, . . . ainda o não compreii.

— E' o homem mais horrendo e menos limpo de Londres. Agradeça ao céo o partirmos ás tres horas.

Os seus pensamentos pareciam ser reciprocos, pois olharam um para o outro uma vez mais de modo a envergonharem-me, e principiei então a falar em alta voz ácerca do tempo.

Logo depois Una descobriu que devia ir mudar de vestido ao seu quarto, e Harry tomou-me de parte, levou-me para o vão de uma janella e começou a conversar commigo com vivacidade.

— Correm por ahi cincoenta historias e todas acredito — declarou-me — A ultima é que estava em Veneza com uma rapariga turca. Deve ser verdade com certeza. O velho Blaker, de Jesus, tambem me contou que se relacionara com um americano doudo, Jehan Cavanagh. E' certo ou não, Ingersoll?

— Não, decididamente, Jehan Cavanagh nem é americano nem doudo.

— Mas deve sel-o. Parece que abandonou os seus negocios e foi para casa do

diabo por que lhe mataram o pae em Baku. Blaker narrou-me essa trapalhada. Tambem me affirmou que Ingersoll'era secretario de Cavanagh.

— Está muito bem informado. Hei de lhe perguntar quem o informou tão conscienciosamente.

— Tem uma unha que lhe adivinha tudo. Mas, meu velho, Cavanagh tem juizo ou é doudo?

— E' exactamente a pergunta que faço a mim mesmo a proposito de metade dos homens que eu encontro. São doudos ou teem juizo? Em geral sobrevém outra pergunta. . . consideram elles os outros doudos ou com juizo? E' uma historia muito comprida, Harry. Contar-lh'a hei quando voltar.

— Então só d'aqui a um mez. Partimos para Pangbourne esta noite. . . vamos passar a lua de mel a uma casa de campo, hein?! n'uma propriedade de meu tio em Somerset. Una quer que eu me dedique á advogacia com seriedade. Creio que ella tem razão.

— Depende do que a advogacia disser. Sabe, por acaso, como Blaker conhece tão bem os meus negocios?

— Sem duvida, foi aquelle velho maluco, Luther James, que exerce clinica em Trumington, que o informou. E' medico de Cavanagh, e entrou ao seu serviço em má occasião. A mulher enlouqueceu e tentou matar o filho. Um acontecimento terrivel, mas sabe sem duvida todos esses pormenores. Espalhou-se que Cavanagh está doudo furioso desde essa eventualidade.

N'este instante houve um movimento geral nos convidados, por causa da hilariante distribuição do inoffensivo, mas indispensavel cereal, e a violenta agitação do velho medico que com o sapato recordava a Harry as circunstancias do seu infortunio Este soltando um: «Por Jupiter! E' tempo de me retirar!» apertou-me a mão com força e safou-se. Seguiu-se-lhe então toda a antiga comedia da partida que, reliquia do barbarismo medieval, é ainda considerada necessaria á respeitabilidade das bodas. As senhoras riam com riso suffocado; vieram da cosinha todos os creados e enfileiraram-se defronte da porta; os homens trataram de disfarçar quanto possivel, mas tinham as mãos cheias de arroz. Minha tia Mary ria e chorava alternadamente, e tornava-se difficil

affirmar se as lagrimas ou os risos eram de tristeza ou de alegria. Quando Una appareceu o ambiente fez-se branco em redor d'ella. Atirou-se como n'um mergulho para dentro da carruagem, Harry foi-lhe no encalço; o cocheiro fustigou os cavallo, o velho sapato voou pelo ar, vimos n'um relampago varias physionomias risonhas á janellella, a carruagem dobrou rapidamente a esquina no seu caminho para Paddington e houve um celibatario a menos n'este mundo egoista.

— Ficas cá, Bruce? — perguntou-me minha tia, quando voltamos para cima.

— Por alguns dias, se me der licença — respondi.

— Meu caro sobrinho, não podias fazer melhor coisa. Deixa-me olhar bem para ti. Não me pareces bem. Creio que andas apaixonado.

— O velho Tubbs adiministrar-lhe-há um antídoto. Que faz esta noite, Mary? Não dansa, espero-o?

— Não podia, meu caro; não tenho coragem para isso. Fica commigo, Bruce e ajuda-me a esquecer que sou uma velha. Estou certa que tens muita coisa para me contar.

— Tanto, minha cara tia, que nunca serei capaz de dizer nem mesmo metade. Agora, deixe-me ir lá acima mudar de fato. Estou como um carvoeiro que entrasse por engano em Buckingham Palace.

— Como jantas aqui, Bruce, conversaremos.

— Talvez — respondi e afastei-me.

XXVI

UM CONHECIMENTO

Minha tia pouco amor conservava a Montagu Square depois de Una se ter ido embora, e sahimos de Londres ambos, no dia immediato, para passar algumas semanas em Eastbourne. Só accedi em realizar esta excursão depois da solemne promessa feita pelo velho creado Fownes, que me mandaria todos os dias as cartas que viessem para mim e que não se descuidaria em expedir-me qualquer telegramma quando fosse necessario. Eastbourne não é uma estação de aguas muito divertida, mas para um

amador do *tennis* tem grandes encantos. E regosijei-me com a companhia da amavel senhora que se arvorara agora em minha conselheira.

Francamente, contei muita coisa a minha tia Mary. Ha mulheres preciosas a quem se podem fazer confidencias; sympathicas, espartas mulheres em cujo criterio é acertado confiar. Mary Elgood pertencia a essa minoria. Seu marido morrera, na idade pouco avançada de quarenta e um, de febre, na Persia. As honras que conquistara como funcionario civil levaram-no á morte. Sei que minha tia Mary o chorou com dedicada e altruista pena, o que denunciava pouco convivio do mundo. Minha tia sentira sempre por mim uma certa predilecção. Em Eastbourne passeávamos juntos de carro ou a pé todos os dias e jogávamos o *piquet* tranquillamente á noite. A existencia que levava durante os ultimos tres mezes parecia-me tão afastada que mal podia acreditar que fosse real. Minha tia não estava de todo convencida.

— Ha pessoas muito singulares no mundo, meu caro Bruce — commentou ella uma tarde quando nos assentamos na relva perto de Beachy Head. Não é moda hoje em dia nenhum particular querer coagir o crime. Se meditares ácerca de todas essas aventuras, acharás que Mr. Cavanagh nada mais fez que tentar reprimil-o por suas mãos, mas fal-o com os elementos de um millionario. Os que o são poderiam affirmar como isso é relativamente facil. Compreendo muito bem que a policia ficaria satisfeitisima em secundar uma personagem com tanto dinheiro e tanta influencia. Mas tudo o mais é insensatez. Estas grandes perturbações sociaes não se aquietam pela simples acção de qualquer homem. Espera o teu amigo conseguir o que o tzar da Russia não conseguiu? Pensa que pode amarrar as mãos da época? Na verdade devemos lamental-o immenso. Como é que seu pae perdeu a vida? Porque foi elle a um paiz de selvagens para ganhar dinheiro quando já possuia tanto? Eu não quereria conviver com tal gente, Bruce. Evitaria associar-me com quem pode influir tão intensamente na nossa vida.

— Tia — respondi — se não fosse por causa de Paulina abandonaria o serviço de Jehan Cavanagh ámanhan. Aconselhou-me

o mesmo que eu repetia a mim proprio desde que sahi de Veneza. E' o magnetismo pessoal de Jehan Cavanagh que me obriga a acceitar as suas theorias de justiça e de legislação. Quando estou longe d'elle, vejo quanto são falsas. Faz mal em se vingar, e deseja vingar-se brutalmente. Por outro lado, é um homem que os outros homens devem estimar. Se o pudesse salvar de si mesmo considerar-me-hia felicissimo.

— Nunca o conseguirás, Bruce, já não é tempo. Com respeito á pequena, esquecem que residem em Inglaterra? Eu no teu caso iria a casa d'elle...

— A minha casa, tia... comprou-a em meu nome.

— Para enganar aquelles que o espia-vam, naturalmente. Mas isso não altera o meu ponto de vista. Eu iria a Waterbeach e tirava-a de lá. Ouviste o que disse Harry... houve lá grande alvoroço... a louca quiz matar o filho. O acontecimento não será favoravel a Paulina Mamavieff, tem a certeza. Detesto os terrores, Bruce, mas tenho pena da pequena, e nas tuas circumstancias, não pederia tempo.

— Não me ocorreu essa consideração — retorqui porfim — crê que ella corra perigo.

— Oh, isso é ir muito longe. Mas penso que a sua situação não é correcta, desde que pensas fazer d'ella tua mulher...

— Minha mulher... tia!

— Meu rapaz, isso é tão visivel como a luz de um farol, conheci-o logo apenas che-gaste. Pensas que não tenho olhos. Bruce, quem ha que não tenha cuidados no mundo! Bruce, fazes-me rir todos os dias! Bruce, filosofo, Bruce misogino! Podes enganar-me. Meu rapaz, estás apaixonado por Paulina Mamavieff. O teu amor é a causa dos seus infortunios, o teu amor é que fez com que ella não te revelasse toda a verdade; âma-la porque existe entre os dois a simpathia commum de uma causa que não comprehendem... uma causa justa e muito honrosa. Deixa Mr. Cavanagh prégar tanto quanto elle quizer. Nunca modificará a minha opinião a tal respeito. E no fundo, Bruce, não penso que elle a deseje modificar. A coragem da pequena tambem o convenceu. Percebe-se isso em cada acto seu. A viagem de Paulina a Vienna foi uma vergonha. Mandou-a ali para te experimentar.

Quando deixou os dois sosinhos no yacht, suppôz que ou te cansarias d'ella ou a obrigarias a casar comtigo. Tens sido fiel aos seus interesses, e se o deixares sósinho, será fiel aos teus.

— Acha então que devo ir a Water-beach?

Minha tia tornou-se grave durante um instante.

— Acho — affirmou; — tudo de quanto conversamos é nada comparado com o que pode ali acontecer. Vae esta noite, Bruce. Traze Paulina para aqui. Ella me confessará a verdade. Nunca uma creança me occultou a verdade, e ella m'a revelará. Se quizeres, irei a Cambridge e esperarei ali por ti. Se vês que não é prudente... porque o teu amigo com olhos de Argus certamente o hade saber... deixa-me só um dia ou dois e vae ter commigo depois. Uma cabeça esperta desculpar-te-ha, e realmente, meu caro Bruce, um homem apaixonado não precisa desculpar-se.

Discutimos e tornamos a discutir observando o mar azul lá muito ao longe e as velas brancas e cinzentas n'aquelle sereno e calmo dia de verão. Um homem está sempre constrangido e exaltado quando fala do seu amor, mas ninguem o estaria com minha tia Mary, certamente uma das mulheres mais sensatas que encontrara. Acabou por me convencer. Parti n'aquella tarde no comboio para Londres e encontrava-me em Cambridge as doze da manhan seguinte. Ali, senti que me faltava o animo. Como iria a casa de Mr. Cavanagh sem ter sido chamado e que desculpa lhe apresentaria? Se expedisse um telegramma a Waterbeach talvez Mr. Cavanagh não gostasse e poderia melindral-o. O meu apparecimento improvisto significaria evidente desconfiança. Oscillando entre um esperançoso *sim* e um desalentado *não*, lancei no hotel Bull e fui depois passear a Backs. Era uma caminhada, mas ao menos acercava-me até poucas milhas da residencia que abrigava Paulina.

Escusado será dizer-se, Cambridge é uma terra pavorosa em principios de setembro. A cidade fica reduzida a quasi um ermo. Metade dos logistas partem para Yarmouth, a outra metade diverte-se commercialmente no Cam ou espreguiça-se ás portas e aneia pela chegada de qualquer

americano nómada. Descobri até que nos claustros de Jesus o proprio Homero cabeceava e que o porteiro se puzera ao fresco. Tornava-se quasi inacreditavel que dentro de tres semanas todos estes logares despertariam com a ruidosa presença dos *calouros* e dos *veteranos*, que o rio se encheria de embarcações, que as *cabras* tocariam nas torres, que tudo revelaria com a maior pompa e cerimonia que Cambridge continuava a prodigalisar as luzes da sua sciencia. Apenas decorridos tres mezes, tinha direito a dizer *quorum pars sum*. Que coisa tão melancolica é a nossa ida mocidade. Quantas illusões concebemos nas horas da alegre juventude!

O passeio não melhorou em nada o meu estado de espirito... apenas me cansou o corpo. Não era capaz de tomar uma resolução: ou abandonar o meu intento ou proseguir n'elle. A perspectiva de uma triste mesa de jantar, seguida de uma noite solitaria n'um hotel sem ninguem, deveria estimular-me as faculdades, mas, infelizmente

não me acudiu nem uma unica idéa. Um par de damas americanas, com um Baedeker e um cão de collo, um velho sacerdote com mais de cincoenta annos, não manifestaram nenhum desejo de travar conhecimento commigo. Beberriquei o meu café gôlo a gôlo na mais completa indolencia e durante meia hora ninguem me perturbou. N'esse momento entrou uma nova personagem, e eu virei-me para ella com curiosidade.

Era um homem baixo, vestido com um fato de viagem. O seu chapéo viera directamente de Paris, o seu cabello era preto e annelado, a sua luneta petulante. Fumando um cigarro por uma comprida boquilha de ambar, dirigiu-se resolutamente para o vestiario e quando voltou encaminhou-se para a mesa onde eu me encontrava.

— Dá-me licença, Mr. Ingersoll?

— Blondel, que surpresa! — bradei.

Elle, porém, ergueu a mão como recommendando-me prudencia. Reconheci que commettera um erro.

(Continúa.)

Tradução do inglez de EDUARDO DE NORONHA.



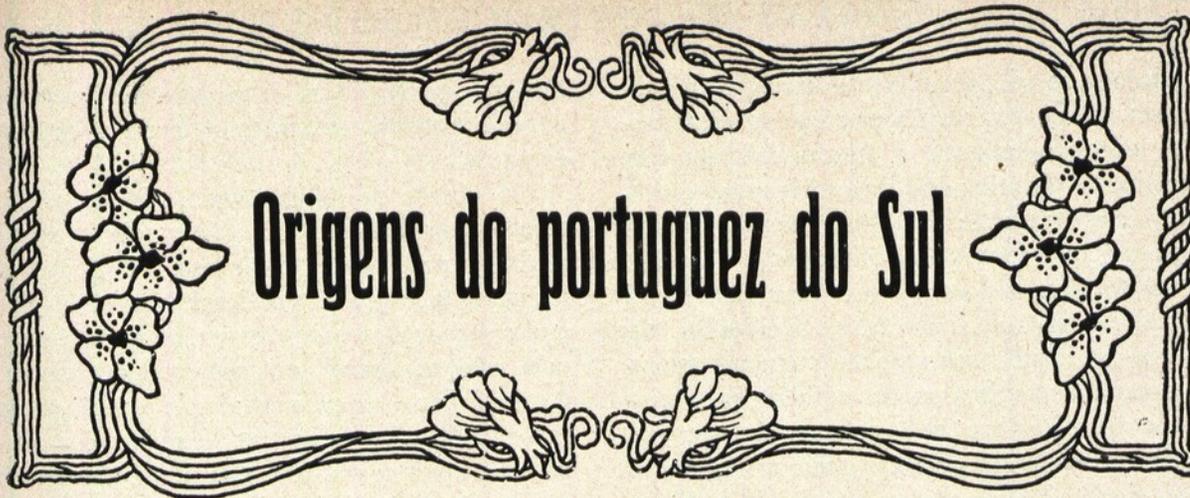
Reminiscencias do Além

*Onde achar esse pouzo ambieionado,
essa doce mansão, que anciosa aspira
minh'alma — Prometheu acorrentado —
fitando o céu, translucida saphira?*

*Onde achar esse páramo sonhado,
distante, bem distante da mentira,
desse drama da vida, esse enredado
drama triste em que o mundo se admira?*

*Clamo, peço, interrogo e a propria sciencia
um allivio não tem, uma esperança,
para a dôr dessa negra contingencia! . . .*

*Esquece, oh alma inquieta, e emfim descança;
esquece essa fatal reminiscencia
— esse pouzo, esse céu, essa lembrança!*



Origens do portuguez do Sul



ENHÓ ante os olhos a *Carta hypsometrica de Portugal*, na escala de 1:500000, excellent trabalho do illustre geologo, que ha cerca de 30 annos vive entre nós, M. Paul Choffat. Trás

ella a data de 1906 e a indicação de ter sido gravada no estabelecimento de L. Wuhrer, Paris. O relevo do solo é representado por 2 gradações de verde e 6 de bistro; as profundidades oceanicas por 2 de azul. Serviu de base a *Carta Chorographica* da Direcção dos trabalhos geodesicos, na escala de 1:100000, publicada de 1856 a 1900, carta que representa o relevo em curvas de nivel (isohypsas).

Essa carta hypsometrica está dividida em duas folhas, designadas uma como folha do Norte, outra como folha do Sul. Comprehende-se que essa divisão mecanica não representa senão approximativamente a divisão geographica que o auctor tinha em vista. O corte mecanico segue de perto o Tejo, desde o ponto em que este recebe o Erjes, até onde lhe afflue o Ponsul e donde se desvia um pouco para sudoeste e logo para oeste a receber as aguas do Zezere, depois do que desce rapidamente, passado Tancos, na direcção de sudoeste, ao estuario de Lisboa. A linha natural de divisão é realmente o Tejo. O Alemtejo geographico, isto é o territorio ao sul do Tejo, é uma peneplanicie de altitude media de 250 metros, de que devemos separar a Arrabida, que parece ligar-se ás collinas mesozoicas do N.; ao N. desse rio ficam os terrenos de maior alti-

tude, os mais altos montes e serras (P. Choffat). O Tejo é tambem o limite botanico do N. e S. A' diversidade das condições orographicas liga-se a das condições hygrometricas e thermometricas, de que resultam importantes diferenças na vegetação. De modo geral (abstrahindo de excepções secundarias), o territorio portuguez ao norte desse rio é a região do pinheiro maritimo e dos carvalhos de folhas caducas, enquanto o territorio ao sul do mesmo rio é a região do pinheiro manso e dos carvalhos de folhas persistentes (B. de Barros Gomes, J. Daveau).

A velha divisão em provincias e a moderna districtal põe ao N. do Tejo a primeira uma parte da provincia da Estremadura e a segunda divide o districto de Santarem, como o de Lisboa em parte a N. e parte a S. do mesmo rio: o limite N. da Estremadura é o do districto de Leiria, incluido nessa provincia. Os dialectologos, do seu lado, incluem na parte S. do reino toda a Estremadura. O Portugal meridional comprehende, assim, na divisão provincial, administrativa moderna e na dialectal, as tres provincias da Estremadura, Alemtejo e Algarve ou os districtos de Leiria, Santarem, Portalegre, Lisboa, Evora, Beja e Faro; o Portugal setentrional as restantes provincias ou districtos: este com uma superficie de 42:331 kilometros quadrados; aquelle com a de 46:622, isto é, o país fica dividido em duas partes que não divergem muito de extensão. A população é, porém, muito mais densa ao N. que ao S.

Como se trata no presente artigo, resumo de desenvolvido estudo, de factos historicos, especialmente linguisticos, adopto a ultima

divisão, que só parcialmente diverge da primeira. Pela expressão *português meridional* entende-se aqui a lingua fallada nas provincias da Estremadura, Alemtejo e Algarve, abstrahindo das differenças secundarias por provincias e localidades.

O territorio do S., assim demarcado, foi aquelle em que, na faxa occidental da nossa peninsula, se estendeu por mais tempo o dominio musulmano. Na solidão que existia entre Coimbra e Santarem, de que nos falla, sem duvida com exagero, o hagiographo de S. Theotónio, construiu D. Affonso Henriques, em 1135, o Castello de Leiria, para se oppôr ás correrias dos sarracenos, que devastavam os campos de Coimbra. E' a memoravel data de 1147 que fixa, na linha do Tejo, com a conquista de Santarem, Lisboa, Cintra, Palmella e Almada, o limite S. do nascente reino de Portugal, até que a definitiva conquista do Algarve, um seculo depois (1249), marca o limite maritimo ao extremo sul e trás, como consequencia, a fixação da fronteira de leste (1267). O quadrilatero territorial português está constituido.

Os trabalhos historicos, especialmente de Alexandre Herculano, provaram que no S. existia, sob o dominio musulmano (berbere-arabe), uma população christã, isto é, de *mosarabes*, christãos em parte arabizados. Um ponto importante resta esclarecer nessa materia.

Que lingua fallavam esses mosarabes?

Para Herculano, que o repete varias vezes, fallavam arabe.

Essa opinião está d'accordo com as velhas affirmações de auctores do reino vizinho, segundo as quaes o português derivaria da lingua de Galliza, trazida, pelas conquistas successivas, de lá até ao Algarve. Assim o disse, por exemplo, o erudito gallego Padre Francisco Martiñ Sarmiento, no seculo XVIII. O mesmo modo de vêr apparece recentemente no anthropologo norte-americano Ripley e no colonista inglês Harry H. Johnston. Um muito notavel philologo, o allemão Gustav Gröber, suppõe que os dialectos peninsulares provenientes do latim perderam o territorio conquistado pelos arabes, vindo depois extender-se nelle, partindo do norte, pela reconquista christã. O nosso escriptor Oliveira Martins, defendeu tambem a supposição de que o português do S. se

formara ao N. do país, ou pelo menos assim parece entender-se da sua confusa exposição.

Os nossos philologos, que, desde 1881, teem vindo publicando estudos sobre as variedades provinciaes e locaes da lingua portuguesa, não trataram dessa questão, aliás muito importante, a não ser nalgum escrito que não chegasse ao meu conhecimento. Num *Esboço de dialectologia portuguesa* (1902) do Dr. Leite de Vasconcellos não ha uma palavra sobre o assunto. Apenas o sr. A. R. Gonçalves Vianna, num opusculo de 1892 (repetido mais tarde na *Revista Lusitana*), concluiu de transcripções de nomes de logar na *Geographia* do arabe Edrisi que, no seculo XII, no S. de Portugal, se distinguia entre os sons que em português se representam por *ç* e *s*, como se faz ainda na provincia de Trás-os-Montes e numa parte da do Minho.

Foi sempre minha convicção que as populações christãs, do S. do que veiu a ser Portugal, fallavam já, antes da reconquista do seculo XII, a mesma lingua que as do N., embora um pouco diferenciada, não constituindo, porém, como se suppõe por uma falsa analogia, absolutamente gratuita, uma lingua distincta, para se poder oppôr á do N., como na França a lingua d'oc á lingua d'oil. Essa convicção derivava principalmente do estudo dos nomes de logar, rios, montes etc. do S. e do N. comparados. O latim, cuja extensão em toda a faxa occidental da nossa peninsula, comprehendendo a moderna Galliza e Portugal (como no resto da peninsula, exceptuando o dominio do basco) se suspeita do estudo dos auctores antigos, e das inscripções e monumentos do periodo romano achados em o nosso solo, ter-se-hia ido modificando de modo por assim dizer igual nessa faxa, por opposição ao latim de leste, que seguia outra direcção, revelada nos dialectos que chamamos hispanhoes. Nos documentos em latim barbaro, que vieram até nós a partir do meio do seculo IX, transparece a lingua vulgar, o português do N., em grande numero de formas e na syntaxe. Não havendo documentos do S. anteriores á reconquista, temos que recorrer aos nomes proprios alludidos e investigar se ha entre elles maior ou menor numero que razões acceitaveis nos façam considerar como existentes no S. an-

tes dessa reconquista e examinar se esses nomes devem ser considerados na sua phonetica e morphologia, ou pelo menos na phonetica, como portuguezes.

Já num artigo dum periodico que viveu pouco tempo, como o seu titulo annunciava (*A Borboleta*, Braga, 1877, pp. 113-114), eu mostrara que certos nomes portuguezes de logares do S. apresentavam prefixo o artigo arabe *al*, e ainda alguma particularidade mais, attribuivel tambem a influencia arabe, comquanto o nome em si fosse portuguez. Deviamos considerar esses nomes como remontando ao tempo do dominio musulmano no S.

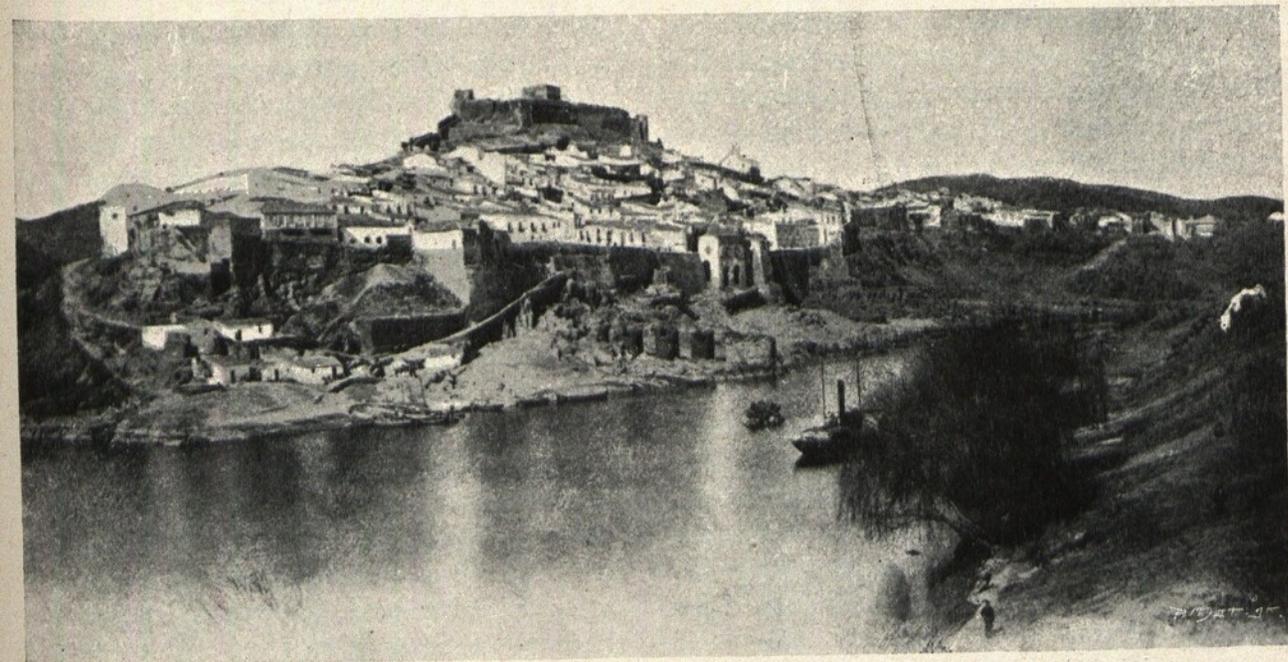
Este assunto foi tratado por mim depois

o auxilio da geographia botanica portuguesa, graças a contribuições recentes de varios especialistas para esta materia.

Neste meu presente artigo tento apenas dar ideia do methodo empregado, por meio de exemplos, sem indicações de fontes, com a minudencia que exigiria um trabalho desta natureza publicado em revista especial.

1. Comecemos pelos nomes que remontam á antiguidade romana e como taes encontramos nos antigos auctores gregos e romanos ou nas inscrições romanas.

Abelterium apparece-nos em a forma medieval e moderna *Altér*, com o *b* medial supprimido, como em *ti* de latim *tibi*, *marróio* de *marrubium*, etc.



VISTA DE MERTOLA E RIO GUADIANA

muitas vezes, por exemplo numa conferencia feita em Lisboa e resumida no *Diario de Noticias* (17-19 maio, 1880), cujas conclusões combateu O. Martins (*Historia de Portugal*), 2.^a ed. II, 301), e sobretudo nas minhas lições do Curso superior de letras, a começar em 1878. Só nestes ultimos annos é que a parte que considero mais importante nesta investigação pôde ser não digo terminada, porque ainda bastante ha que fazer para a concluir, mas sufficientemente estudada para que as conclusões sejam mais seguras: é a que respeita á determinação da antiguidade no S. de nomes de logar derivados de nomes de plantas, determinação que só pôde alcançar-se com

Ebora reproduz-se em *Evora*, com mudança regular de *b* em *v*.

Equabona, apesar de algumas objecções, tem por correspondente moderno *Coina*, com a já referida perda do *b*, e a do *e* inicial, de que ha outros exemplos, como *namorar* por *enamorar*.

Fraxinus, que vemos modificado em *Freixo* (num foral *Freixeno*), é nome de planta e logar do N. e S.

Malateca (preferivel á variante *Malceca*) é sem duvida o moderno *Marateca*.

Myrtilis, por intermedio duma forma *Myrtila* vive em *Mertola*; o *y*, antes de duas consoantes, foi mudado em *e*, como em *gesso* de lat. *gypsum*.

Olisippo ou antes *Olisippona*, depois de varias transformações, fixou-se na forma *Lisboa*: houve perda do *o* inicial, que pôde explicar-se. mudança de *p* em *b*, que é frequente (ex. *cabo de caput*), perda do *n* como em *boa* de *bona*.

Osecrus ou antes *Osecerus*, nome de *rio*, que se conserva na forma *O Zezere*, fundido ou confundido o *O* inicial com o artigo.

Esses nomes do S. nas suas formas medievas e modernas são conformes á phonetica portugueza.

2. Em auctores e documentos do seculo XII encontram-se nomes de logares do S., onde deviam já existir antes da reconquista. Em a narração da tomada de Santarem por Affonso I. mencionam-se entre Coimbra e aquella praça os seguintes logares: *Abdegas*, *Alfajar*, *Cornudelos*, *Aluardos*, *Ebrahaz* in summitate *Pernez*, por onde passou aquelle rei na sua empresa.

Abdegas é muito provavelmente o moderno *Adegas* do C. de Figueiró dos Vinhos (Leiria); *Adega*, *Adegas* são nomes doutros logares do S. e N.

Alfajar é muito provavelmente o logar do nome *Alphauara*, mencionado em documentos de 1094 e 1102; no foral de Germanello (Jermelo) occorre tambem o n. 1. *Alfajar*. A origem é arabe: *al-fakkkhâr*, oleiro, ou antes *dâr-al-fakkkhar*, olaria, por ellipse de *dâr*; em hispanhol ha o appellativo *alfahar* (oleiro), contrahido em *alfar* (Dozy).

Cornudelos não tem, parece, correspondente moderno, mas é formação portugueza, derivado ou de lat. *cornu* ou mais provavelmente de *cornus*, nome de planta; ha na toponymia medieval e moderna outros nomes duma daquellas bases, como *Cornado*, *Cornuda*, *Cornedos*, *Corneira*, *Cornadela*.

Aluardos persiste em o nome *Serra d'Albardos*; *Aluardos* occorre no foral de Leiria de 1142.

Ebrahaz, a que Fr. João de Sousa attribue origem arabe, parece ser o mesmo que *Abrã* (grande e Pequena) no C. de Santarem.

Pernez, é o mesmo que o moderno *Pernes*, talvez o mesmo que *perna*, em ablativo; de *perna* derivam varios nomes de logar.

Palmella, nome da bem conhecida povoação em frente de Lisboa, entre o Tejo e o Sado, tomada em 1147 aos musulmanos, é uma formação perfeitamente portugueza, de *palma* (lat. *palma*), suffixo *ella*, frequentissimo em proprios e appellativos. *Castrum Palmella* figura na *Epistola* do Cruzado inglês sobre a tomada de Lisboa, etc.

Em documentos de 1152 (5 annos depois da conquista de Santarem) e 1162 (15 annos depois do mesmo successo) apparecem nomes de logar das proximidades dessa povoação, como *Alpiarça*, *Almeiré* (*Almeirim*), *Herdade de Bonedello*, *Herdade da Silveira*, *Herdade de Fornos*, *Porto de Cervela*, *Fremoseli* e é muito verosimil que se trate de nomes já alli existentes antes da reconquista. *Bonedello*, *Silveira*, *Fornos*, *Cervela*, *Fermoselha*, são formas portuguezas.

Entre outros logares do que veiu a ser territorio portuguez cita o geographo arabe Edrisi, na primeira metade do seculo XII, *Silves*, no Algarve, povoação afamada pelos seus jardins de figueiras; esse nome é uma forma casual de lat. *silva*, que temos nas formas *silva* e *selva*.

Na *Historia geral de Hispanha*, manuscrito da Bibliotheca nacional de Paris, em parte impresso em Coimbra em 1864, achase incluida a *Chronica* do Mouro Rasis, traduzida por Mahomad e Gil Perez, do arabe para portuguez, por mandado de D. Dinis, como se vê da traducção hispanhola, feita sobre a portugueza, e dada a lume por D. Pascoal de Gayangos (1850). O escrito de Rasis contem uma descripção de Hispanha, que corresponde ao estado de coisas cerca do fim do seculo X, em que viveu o auctor. O texto de Paris falla do «castello de *Tocamque*» em cujo termo «jaz huma villa a que os antigos chamavam *Ebris* e ora he chamada *Euora*». A traducção hispanhola publicada por Gayangos menciona os logares *Aroques*, *Tocania* e *Ebris*; mas noutro codice ha as variantes *Orique* e *Totarrique*. E' evidente que se trata do nome do logar bem conhecido *Orique* e dum outro pouco conhecido *Totenique*, que apparece em varias designações do C. de Odemira (Beja): *Herdade de Totenique*, *Monte de Totenique* (de Baixo de Cima, *Raxado*), *Herdade de Toteniquinho*. *Totenique* está por *Toutenique* (como *moreno* por *moureno*, *Morelino*, nome de logar, por *Mourelino*, etc.). *Toutenique* de-

riva de uma forma *toutena*, não documentada, com o suffixo *ique*, que se encontra em varios nomes de logar como *Ourique*, *Manique*, *Amorique*, *Penique*, *Sequinique* (Evora), *Terriquer* (rua daquela cidade), etc. A seu turno *toutena*, deriva de *touta*, com o suffixo *ena*, frequente em nomes de logar, como *Arcena*, *Barbacena*, *Burratena*, *Morelena*, *Quenena*, *Seramena*, *Sacavena*. Aquelle elemento *touta* apparece tambem em os nomes de logar derivados *Toutaim*, *Toutão*, *Toutello*, *Touteço*, *Toutiçal*, *Toutinhal*, *Toutlinheira* e *Touto*, de que deriva *Toutosa* (todos do N.). Como appellativo temos o derivado *toutiço* (dahi o já lembrado *Toutiçal*) e o mesmô elemento *touta* apparece em o nome d'ave composto *toutinegra*. Na lingua geral *touta* apparece no sentido de *topete* e no do seu derivado *toutiço*; no composto *toutinegra*, o primeiro elemento significa, sem duvida, *cabeça*; *Cabeça*, *Cabeço* occorrem com frequencia como nomes de logar, assim como derivados dessas palavras. Assim *Totenique* é uma formação perfeitamente portuguesa, pertencente a um largo systema de nomes, mas que só se encontra no S., onde evidentemente se formou antes do seculo XI.

Ourique é nome d'outra povoação meridional, tambem anterior aquelle seculo; não é arabe, como por vezes se suppôs. Occorre só como nome desse logar, C. (Beja) e na designação *Campo de Ourique*, em Lisboa. Vejo nesse nome um derivado de *ouro*, como em *Ourilhe*, *Ouril*, (nomes do N.); *Ouro* apparece tambem como nome de logar. Ainda de *Ouro* deriva, a meu ver, *Ourem* (Santarem), que o sr. David Lopes, num valioso estudo sobre a nossa toponymia arabe, suppôs ser o mesmo que *Oran*, encostando-se a outras traslações mais certas de nomes de logar da Africa septentrional e da Arabia para Portugal: parece-me, repito, um derivado de *ouro*. As formações em *em* são frequentissimas em o nosso país, por exemplo: *Agostem*, *Aldarem*, *Cadem*, *Fontem*, *Formosem*, *Gondarem*, *Ferrem*, *Guilhavem*, *Lagarem*, *Morem*, *Pevidem*, *Pintem*, *Rosem*, *Segirem*, *Tourem*, todas do N.; — *Cacem*, *Cotem*, *Jandorem*, *Lagarem*, *Legocem*, *Morfacem*, *Pexem*, *Sacavem*, todas do S. O derivado *Ourem* não se encontra ao N.: é muito provavelmente uma formação produzida no S., antes da reconquista christã.

Ourem (forma latinizada *Aurem*) teve foral em 1180; mas figura já num doc. de 1159.

3. Muitos nomes de logar são tirados de nomes de plantas, com suffixos ou sem elles. Póde-se, em varios casos, determinar pela historia e geographia da planta, de que se tirou o nome de logar, se esse nome é formação do S. O processo exige por vezes discussão um tanto larga. Exemplifico.

Alandroal é o nome duma villa, cabeça de C. (Evora), unico logar desse nome. Este nome figura no foral de Villa Viçosa, de 1270; existia pois alli na segunda metade do seculo XIII. Resta saber se era anterior. Significa logar plantado de ou em que crescem *alandros*, sendo *alandro* forma alemtejana, a que correspondem as mais conhecidas *oloendro*, *aloendro*, *eloendro*, *loendro*, nome vulgar da arvore cuja designação botanica é *nerium oleander*, L. O derivado *Loendreiro* occorre como n. 1. no C. de Almodovar (Beja). Em o N., onde tenho ouvido o povo chamar mais usualmente essa arvore *cevadilha*, ou *espirradeira*, nunca são empregados na toponymia. Tem a arvore igualmente a denominação litteraria de loureiro-rosa, devido á forma e côr da flor (rosada, por vezes branca). Segundo Pereira Coutinho, habita em sitios humidos, á beira dos rios, no Alemtejo meridional, e cultiva-se nos jardins, a que póde accrescentar-se, nas hortas, quintas, isolada ou em pequenos grupos, até no N. do país. J. Davaeu apresenta o *nerium oleander*, como habitando a secção do Alemtejo oriental, da zona das planicies e collinas, isto é o Alto Alemtejo e a parte portuguesa da bacia do Guadiana, caracterisada pela ausencia dos pinheiros e dominio absoluto dos carvalhos verdes (azinheiro, sobreiro): nessa secção fica o *Alandroal*. O *nerium oleander* é especie Mediterranea; — prospéra naquella região alemtejana — nas margens dos rios, ribeiros e torrentes (barrancos). Aqui temos sem duvida o centro de acclimação e dispersão desta planta no territorio que veio a constituir Portugal. S. Isidoro de Sevilha, fallecido em 636, dá a forma vulgar do nome da planta, *lorandrum*, de que por transformações, que estudo na memoria de que extraio esta noticia, saíram as formas portuguesas do nome e outras. A introdução da arvore na peninsula foi provavelmente obra dos romanos, alguns seculos.

antes daquella data. Plinio o naturalista informa-nos de que os sannos, povo da Asia-Menor, tinham um mel que produzia a loucura, qualidade que se suppunha provir-lhe das flores do nerium, que os gregos e romanos chamaram *rhododendron*, e alli abundava nos bosques. Esse povo asiatico enviava a cera, mas não o mel, nos tributos aos romanos. O Ponto era a patria dos venenos e contravenenos. Na Asia-Menor é frequente ainda hoje o oleandro, nas margens dos ribeiros e nos montes. Mais para o S., no dominio dos semitas, dão-lhe os arabes o nome de *difleh*, *defle*, *difna*, reflexo do grego *dáphné* (loureiro), o que torna provavel que a arvore não foi alli introduzida antes das relações desse povo com os gregos. Da Asia-Menor passou a arvore para a Grecia, onde só é mencionada depois de Theophrasto. Descreve-a Dioscorides, contemporaneo de Plinio, attribuindo-lhe acção venenosa sobre diversos animaes e dizendo que a flor, tomada com vinho, era ao homem antidoto contra a mordedura das serpentes. Em Roma achamo-la mencionada no *Culex*, attribuido a Vergilio, mas que muitos julgam posterior ao poeta da *Eneida*; só um seculo depois nos apparece o nome della na obra de Escribonio Largo. Plinio, que repete as indicações de Dioscorides, sobre as propriedades venenosas e medicamentosas da planta, diz-nos que ella passou da Grecia para Roma, como já o nome de *rhododendron* indicava. Eis em resumo o que apuraram os eruditos, sobre todos Victor Hehn, da historia antiga da nossa planta.

Afigura-se-nos que o loureiro-rosa deveu a sua transplantação da Asia-Menor para a Europa oriental mediterranea a duas qualidades: a sua supposta acção medicamentosa e o seu character ornamental. As mesmas deviam ter determinado a sua implantação em o nosso Alemtejo, no periodo romano, em que houve importante povoação nesse territorio. Modernamente não a importariam para alli, porque o alemtejo da região em que ella se reproduz espontaneamente não é amigo das arvores; só vê nellas o lado utilitario, e diz até, quando lhe perguntam porque são raras as arvores por alli, que estas «não se plantam, nascem.» Um alemtejo instruido, apreciador da boa litteratura, do Alandroal, exprimiu-me uma vez o seu horror ás arvores, o seu affecto

pelas planicies descobertas, sentimentos que parecem ser frequentes nos naturaes daquella região. Algum ethnographo de má morte será inclinado a ver nesse facto uma herança do arabe, suspirando pelo seu deserto, onde, aliás sem duvida, elle muito amava e ama o oasis, pela agua e as palmeiras. Um alumno meu, alemtejo, attribue aquella dendrophobia a ser nociva a sombra das arvores á cultura do trigo.

O nome de *loendro* designa na Beira central uma arvore diversa do nosso *alandro* alemtejo: é o *rhododendron ponticum*, L. com a variante *rhododendron baeticum*, Boitier e Reuter, (ericaceas), que vegeta naquella região, nas margens dos afluentes do Vouga e do Antuã. A designação geral, de origem douta, é *rhododendro*; mas no Algarve a arvore é chamada *adelfeira*: vegeta alli nas bordas das ribeiras e outros cursos d'agua da Serra de Monchique. Alguns auctores modernos pretenderam que o *rhododendron* de Plinio (21, 23, 45) era o *rhododendron ponticum*, a *azalea pontica* de Tournefort, o que Victor Hehn rejeita. Todavia a applicação do nome *loendro* a essa planta, na Beira, leva-nos a suppôr que assim fosse chamada a arvore entre os romanos, isto é *rhododendron*; teria sido gente romana que a trouxesse para o nosso occidente, e assim se explicaria como a mesma forma *eloendro*, *loendro* designa entre nós as duas arvores. E' certo, porém, que o nome poderia ter sido transferido do *nerium oleander*, para o *rhododendron ponticum*, como o foi *adelfeira*, derivado de *adelfa*, que se encontra em hispanhol e é o arabe *adiflá*; este termo significa nos auctores arabes ora o *nerium oleander*, ora o *rhododendron*, e provem do grego *dáphné*, como já foi indicado acima. Inclino-me porém a que a applicação do nome ás duas arvores remonte entre nós á antiguidade romana.

A nossa discussão põe a toda a luz que *Alandroal* é termo do portuguez do S., transformado *in loco*, segundo tendencias da lingua portuguesa, do termo latino, alterado primeiro numa forma commum peninsular *lorandro*.

Aderneira, *Aderneirinha*, *Adarnal* (por *Adernal*) são nomes de logar do S., derivados de *aderno*, do lat. *alaternum*, com suppressão regular do *l* (como em *mao de malum*, *veu de velum*) e mudança de *t* in-

tervocalico em *d* (como em *medo de metum*, *sede de sitem*. O termo *aderno* designa já a *phyllirea media*, L. já a *phyllirea latifolia*, L. A expressão *aderno bastardo* significa o *rhamnus alaternus*, L. Essas tres arvores pertencem á associação da oliveira, cujo centro de propagação entre nós se acha na zona calcarea entre Mondego e Tejo. O nome *aderno* deve pois ter-se desenvolvido no S., donde penetrou como toponymo no N. só até Oliveira do Hospital (Coimbra), onde nos apparece uma *Quinta da Adernella*.

Pelo mesmo processo se mostra que outros nomes de lugar, derivados de nomes de plantas se formaram no S.: taes são *Alamo*, *Atabua* ou *Tabua*, *Azinho*, *Buxo*, *Camarinha*, *Medronho*, *Tramaga* e derivados desses nomes.

4. O estudo doutras series é tambem instructivo com relação ao fim que temos presente. Assim a serie *Chão* (do lat. *planum*) e seus derivados, que é rica e comprehende as formas *Chãozinho*, *Chãos*, *Chões*, *Chazinha*, *Chada*, *Achada*, *Achadinha*, *Chainça*, *Chaiça*, *Chaicinha*, *Chainha*, *Chainho*, *Cheinho*, *Chaim*, *Cheira* (*Chaeira*, *Chaneira*), *Cheirinho*, *Chello* (*Chaello*), *Chellos*, *Chella*, *Chellas*, *Chellino*, *Chelleiros*, *Chedas*, essa série deve ter-se desenvolvido parallelamente em o N. e o S. O *n* medial perdeu-se antes do fim do seculo XII ou pelo menos deixou de ser som independente para ser simples resonancia nasal; uma derivação como *Chaella*, que ainda ocorre no seculo XIII sem a contracção em *Chella*, era já inintelligivel, uma forma cristalisada. Essas formações de que os antigos documentos, principalmente

as inquirições do seculo XIII nos apresentam exemplos, devem pois remontar ao periodo em que não se dera ainda aquelle phenomeno phonetico. *Cheeyras* nas Inquirições de 1258 tinha, por exemplo, tão pouco sentido como *Cheiras* tem para nós, e essa forma vinha já do seculo XII ou pelo menos era já deste seculo a forma *Chaeiras*. *Chelleiros* (Lisboa)



LAVADEIRAS NAS AZENHAS DO ALVIELA

é tambem uma velha formação. Hoje quer-se explicar *Mattos-Cheirinhos*, C. de Cascaes, como se o segundo elemento fosse deminutivo de *cheiro*: *cheirinhos* está por *chaneirinhos*, do mesmo sentido que *chãozinhos*. Em nomes como *Cheira-ventos* e *Cheira-lamos* é que ha o verbo *cheirar*. A discussão meuda da serie *chão* leva-me a acceitar como formas do S., que remontam para alem da re-

conquista, embora em geral se encontrem também no N.: *Achada* (só do S.), *Chainça*, *Chainha*, *Chainho*, *Cheira*, *Cheirinho*, *Cheiro*, *Chellas*, *Chelleiros* (só do S.).

5. Ha uma serie de nomes de logar do S. que tem prefixo o artigo arabe *al*, e apresentam ás vezes outras particularidades attribuíveis a influencia arabe, como mudança de o final em e (compare-se *Alvorge*, formado do artigo arabe e do grego *púrgos*, pequena fortaleza), mas que por si são portuguezes, taes como os seguintes:

<i>Alcanede</i>	ao lado de	<i>Canedo</i> , <i>Canedinho</i> ;
<i>Alcanhões</i>	» » »	<i>Canhos</i> , <i>Canhões</i> ,
<i>Alcarapinha</i>	» » »	<i>Carapinha</i> e deriv.
<i>Alcombral</i>	» » »	<i>Combra</i> , <i>Combro</i> ,
<i>Alcorrego</i>	» » »	<i>Corgo</i> , <i>Corga</i> , etc.,
<i>Alfeijós</i>	» » »	<i>Feijão</i> e deriv.
<i>Alfeijoeiros</i>	» » »	» » »
<i>Alfundão</i>	» » »	<i>Fundão</i> , etc.
<i>Alfeite</i>	» » »	<i>Feito</i> , <i>Feto</i> e deriv.
<i>Alcoruchel</i>	» » »	<i>Coruchel</i> .
<i>Almoster</i>	» » »	<i>Mosteiro</i> , e deriv.

Essas formas com o artigo arabe devem remontar ao dominio musulmano. Póde objectar-se que em *Alcoruchel* o elemento Co-

ruchel é d'origem franceza e que portanto devia introduzir-se mais tarde na lingua. E' certo que *coruchel*, *corucheu* representam o francês *clocher*. Deve notar-se que já em 1128 D. Theresa dera o Castello de Soure aos templarios, que foram dalli extendendo a sua influencia para o S., por terras já em 1139 sob a acção christã, até o Zezere e Almouroul, e tiveram em 1159 doação de Cera (Thomar). Procederam elles a construcções diversas, que nos explicam a introdução de termos francezes respectivos já no periodo da conquista da linha do Tejo por Affonso I e nos annos immediatos, em que a influencia arabe se fazia ainda sentir.

Não exgotei as categorias diversas de nomes de logar do S. cuja existencia antes do meado do seculo XII é possível provar mais ou menos rigorosamente e cujo caracter portuguez, pelo aspecto phonetico e morphologico, é evidente. A convicção completa resulta do conjunto dos dados reunidos: a minha investigação estende-se a muitos centos de nomes.

25 de janeiro, 1909.

F. ADOLPHO COELHO.

A tua trança

Quando agora, n'um extasis de amôr,
Remiro com prazer a tua trança,
Entra-me n'alma uma risonha esp'rança,
Aureolada de rútilo fulgôr...

Lembra-me então o vívido fervôr
Com que t'a pedi, tímida creança,
E a noite de luar, tépida, mansa,
Em que, a sorrir, m'a déste, linda flôr!..

E ao fitar-lhe os lacinhos côr de rosa,
— Simplicidade artistica e graciosa —
Prende-me um sonho, enleva-me um delirio...

Creio vêr n'elles o vinculo potente,
Que ha de prender á minha, eternamente,
Tua alma pura e candida, qual lirio!...

CARLOS REIS

Do illustre pintor Carlos Reis recebemos a seguinte carta:

Meu... amigo

Fiquei sem falla quando a sr.^a D. Maria O'Neill fez a fineza de me mostrar entre umas esplendidas photographias do meu atelier destinadas aos SERÕES, uma que me provocou um deliquio apóz o mais indescriptivel pavor.

«Pois eu estou assim»?! exclamei. E caí para o lado.

N'esse meu retrato onde a ruína aparenta mais vinte annos de musgo, que eu não tenho,

e que fez ao meu proprio petiz estender de susto um beico que elle não tem, vêjo a imagem d'um terrivel escrivão de fazenda que ha muitos annos deixou este mundo onde passou metade da sua vida a atazanar os pobres contribuintes, e a outra metade a soprar n'uma implacavel flauta cujos sons lhe faziam fugir da bocca horrenda, milhões de perdigotos esbaforidos que se escapavam por entre a dentuça dizimada. E isto sem fallar no halito pestilencial.

Ainda não estou em mim. N'essa photographia sou o perfeito retrato do velho Antonio Gascão.

Por Deus meu querido amigo, tenha piedade de mim e faça suprimir do artigo essa imagem que é o meu terrôr e seria o de minha propria familia que me querem mais Carlos e menos Gascão.

Se attender á supplica que lhe faço lavado em lagrimas, se o seu coração fôr sensivel ao desgosto de me vêr n'essa photographia avô de meus filhos, nunca mais esquecerá a gratidão que fica devendo o

22-1-1909.

Carlos Reis.

A imagem não pôde ser supprimida. Já estava impressa. Mas como temos a maior consideração, não só pela arte do primoroso paizagista, mas ainda pelo seu physico, damos n'este numero a sua vera effigie, que nos foi amavelmente cedida por um dos nossos primeiros photographos, Arnaldo da Fonseca, que entrou na conjura.

A modestia de Carlos Reis, que nos perdôe o ter publicado a presente carta sem auctorisação do signatario, e dado um novo retrato, sem que nos fosse fornecido pelo proprio.





Questão proposta

Um numero inteiro, que não importa qual seja, sendo dividido separadamente por dois numeros inteiros *dados* produz dois restos egualmente *dados*. Que resto provirá da divisão do numero primitivo pelo producto dos mesmos dois numeros inteiros?

Não é esta a questão que propomos aos nossos leitores, por quanto vamos expôr o processo a empregar para resolve-la. Sem prejuizo da generalidade, supponhâmos que um numero arbitrario sendo dividido por 7 e por 5 deu respectivamente os restos 3 e 4. Que resto resultará da divisão do mesmo numero pelo producto 7×5 ?

5	15	30	10	25	5	20	35
4	20	9	24	4	19	34	14
3	8	23	3	18	33	13	28
2	22	2	17	32	12	27	7
1	1	16	31	11	26	6	21
0	1	2	3	4	5	6	7

Construa-se uma quadricula rectangular de 7×5 quadrados, marginada em dois lados contiguos por escalas numericas de 0 a 7 e de 0 a 5, coincidentes nos *zeros*.

Escrevam-se os numeros successivos de 1 a

35 partindo do *zero*, sempre segundo linhas a 45° com as margens da quadricula. Quando essas linhas attingam uma casa marginal superior passe-se á casa inferior da columna immediata á direita, e quando attingirem uma casa da ultima columna passe-se á primeira casa da linha immediatamente superior, como no diagramma claramente se observa.

Como o resto da divisão por 7 foi 3 e o da divisão por 5 foi 4, procura-se o numero da quadricula que se encontra no ponto dado pelas coordenadas 3 e 4. Esse numero é 24. E' este o resto procurado.

Trata-se, agora, de justificar, com rigor mathematico, o processo empregado. Eis a questão.

Janeiro de 1909.

NUNES CARDOSO.



Charada

Um ponto sou, bem preciso, — 2
E tambem tenho harmonia. — 2
Não dê's voltas ao juizo
Pois estou na zoologia.

ARIEL.

Decifrações do n.º 42

Enigma. — 1.º Cachamorra; 2.º Abavo.

Enigma pittoresco. — Casa de ferreiro, es-
peto de pau.

Charada. — Falsabraga.

Por omissão, não sahi assignado o enigma pittoresco,
cujo auctor é: — E. R. Q. (michaelense).

— UM EXTRAORDINARIO —
— AUGMENTO DO APPETITE —
consegue-se indubitavelmente
com o uso da

Somatose

em pó ou liquida (de gosto doce
ou secco)
— Vende-se nas pharmacias —
e drogarias



Senhoras em evidencia

Marqueza de Unhão. — Não é opulenta e não pôde por isso a bolsa corresponder-lhe aos rasgos do coração; mas o seu character altruista é por demais



conhecido e apreciado. Descende do grande navegador que todo o mundo venera, e é filha do marquez de Niza, de galante e elegante memoria. A sr.^a D. Eugenia Telles da Gama, tem sido desde a sua juventude, dama de sua magestade a rainha sr.^a D. Maria Pia, de quem é devotadissima amiga. Muito sincera e profunda nas suas convicções religiosas, pôde dizer-se-d'esta senhora, sem lisonja, que é uma alma toda de Deus.

Carlota Serpa Pinto Moreira. — Filha do notavel explorador, a senhora de quem damos o retrato, é gentilissima, mas o seu espirito excede a sua graça e elegancia. E' sobretudo por elle que esta senhora se distingue.

Os seus ditos satyricos correm em Lisboa de boca em boca, e todos os festejam, menos os que a elles dão causa. Quem a não conhece julga que ha n'elles proposito ou premeditação, e não é assim: sahem-lhe espontaneos, irresistiveis, irreflectidos e, como tem optimo coração, muita vez lamenta e se contraria que sejam repetidos. Talento pujante e vivaz, interessa-se por todos os assumptos litterarios e artisticos e por todas as questões de momento: a sua con-



versa é variada e attrahente e consegue, o que n'um povo meridional é difficil, fazer-se escutar com prazer. Optima educadora, obtem dos filhos, pelo carinho, muito mais do que outros conseguem pela severidade.

Escriptoras portuguezas

Branca de Gonta. — É distinctissima esta poetisa que em tudo lembra seu pae, desde a voz até ao talento. Ha pouco mais d'um anno deu esta senhora a publico o seu primeiro livro *Matinas*, de que é ex-

trahido o soneto aqui publicado, e com elle conquistou de prompto a opinião publica que, de então para



cá, a tem acariciado com o sentido apreço que as suas produções merecem.

Não

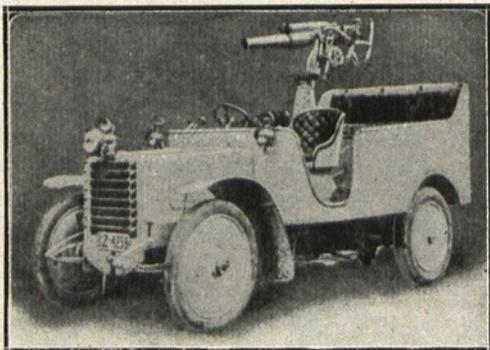
*Não olhes para mim! — De que servia
que eu cedesse á fraqueza que me invade,
se eu quizera, até fim da minha idade
conservar n' alma a luz d'um claro dia!*

*Vae teu caminho, vae! Toda a magia
que se evôla da tua mocidade,
leva-a a quem possa amar-te sem maldade
que eu não devo provar essa ambrosia!*

*Mas — ver tantos aneis no teu cabelo,
tão nobre o teu sorrir... ver-te tão bello
sem que uma força magica me attraia???.*

*Quem pode em nossas almas deitar sondas?!
Vão lá dizer ao mar «não lenhas ondas»,
e ás ondas — «não venhaes morrer na praia!»*

O automobilismo na guerra



UMA METRALHADORA N'UM AUTOMOVEL

Livros

Quadros do Natal. — Os *Quadros do Natal*, do sr. Astolfo Marques, da Academia Maranhense, estão graciosamente traçados á penna, e não posso dizer



dos cinco contos que compõem o elegante voluminho, qual é o que mais agrada. Affirmo porém, que é leitura leve e interessante que se faz, como eu a fiz, d'um folego.

Mortos illustres

O actor Taborda. — Morreu o Taborda. Sente o paiz essa perda com rara intensidade. O insigne actor foi um bom no sentido mais altruista da palavra. No theatro deixa um vacuo difficil de preencher, na vida social abre uma lacuna que amigos e estranhos lamentam sinceramente. Nos seus oitenta



e cinco annos não existe uma sombra a embaciarche o character, tão puro como os seus grandes e expressivos olhos, onde se reflectia tudo quanto se passava na sua alma.

Se a paz da Eternidade deve ser concedida a um mortal, com certeza no desconhecido além não regatearão o melhor logar a Taborda.

Pintura portugueza

Exposição Alves Cardoso. — A exposição que Alves Cardoso fez dos seus trabalhos na casa Bobone, teve um grande exito.

Correram ali milhares de pessoas a admirar os



trabalhos do discipulo de Carlos Reis, o eximio colorista a que se poderia chamar o pintor da luz, e todos foram unanimes em lhe tecer os mais caloro-



UM TRECHO DE ROMA, DA RENASCENÇA

sos louvores, pelo muito que os seus quadros dizem áquelles que os observam com a attenção que elles reclamam.

Dia nublado e Luar (França) foram dos que mais vivamente nos impressionaram. É pena que a gravura não possa reproduzir tão encantadoras pinturas, pelo menos com semelhança, mas não dá d'ellas nem um pallido reflexo.

Este trabalho que reproduzimos, magnifico tambem, presta-se melhor a dar aos leitores dos *Serões* que não tenham tido o prazer de admirar os 75 quadros de Alves Cardoso, uma idéa do seu valor e gosto que tão evidente se mostra. Os seus trabalhos são impressões e vistas colhidas na sua estada em França e Italia, amostra valiosa e variada do muito mais que traz em esboço. N'uma breve conversa, que tivemos com o nosso interessante compatriota, soubemos d'elle que se propõe visitar as nossas provincias e fixar na tela, além das suas soberbas paysagens, velhos usos e costumes populares que tendem a desaparecer.

Auguramos-lhe mil prosperidades na bella carreira que escolheu e tão brilhante e profusamente illustrou já, apenas no seu inicio.

O oxigenio no atletismo

O dr. Leonardo Erskine Hill, professor de physiologia no hospital de Londres, creê entusiasticamente no oxigenio — o *ar vital* de Condorcet — como estimulante dos athletas, e afirma que aquelles que o



O OXIGENIO SUBSTITUINDO O TRENO
ATHLETAS INHALANDO O GAZ ANTES DA LUCTA

inhalem antes de qualquer esforço, terão vantagens sobre os que o não fizeram.

Realisaram-se já varias experiencias nesse sentido. A nossa estampa representa os athletas no momento da inhalação.

O automobilismo no gelo



O MOTOR DO TRENÓ DO CORONEL MARIO RAFA



O MOTOR DO TRENÓ DO TENENTE JEAN DE BANE

Um quadro celebre



O SUPPLICIO DE TANTALÓ

Quadro de F. Brunay, pintor francez, exposto ultimamente no «Salon» de Paris

Sport

Manuel de Castro Guimarães. — E' um dos mais distinctos *sportsmen* da nossa sociedade elegante onde conta innumeras sympathias.

E' eximio em todos os generos de *sport* o que o não desinteressa das artes, como a muitos, porque



S. Ex.^a é um organista muito apreciado que sabe expressar e comprehender, como pouco, os trechos mais difficeis de notaveis compositores. O orgão que possui fabricado em Lisboa por artistas portuguezes é, segundo affirmam os entendidos, o maior e melhor que existe em Portugal.

As suas audições muito concorridas, e singularmente desejadas, são uns dos mais delicados prazeres de quantos prezam a boa musica.

O magnifico retrato que reproduzimos é copia d'uma primorosa tela de V. Corcos que é o melhor e mais rasgado elogio do seu illustre autor.

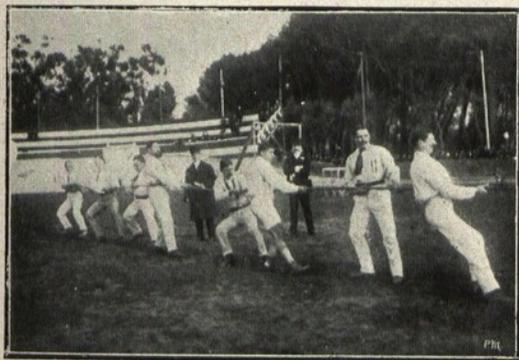
A festa em Palhavã. — O concurso de jogos athleticos, realizado em favor das victimas da grande



CORRIDA DE PERNAS ATADAS

catastrophe italiana, pelo Real Gymnasio Club Portuguez, correu animadissimo, mas com deminuta con-

correncia, devido ao aspecto ameaçador do tempo. O programma organizado foi interessantissimo e seguido á risca, sendo as provas disputadas com calo-



LUCTA DE TRACÇÃO

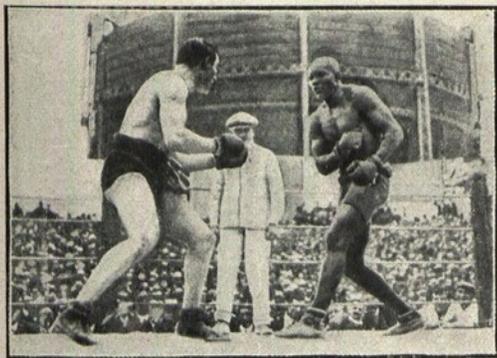
A «equipe» do Real Gymnasio Club



AS MENINAS QUE VENDIAM PROGRAMMAS

roso empenho. O Club Internacional de Foot-ball, foi o mais classificado, tendo obtido 4 primeiros premios e 4 segundos.

• «box» em Sydney. — O canadiano Toumy Burns e Jack Johnson, conhecido pela alcunha do preto amarello, jogaram em Sydney, na Australia, uma partida de box que interessou os *sportsmen* de



todos os paizes. A lucta tornou-se tão penosa e demorada, e os espectadores estavam por tal fórma excitados, que a policia intimou o jury a dar o seu parecer. Jack foi proclamado vencedor e recebeu 40:000 fran-

cos, enquanto o vencido, segundo o que estipulára no seu contracto, embolsou 150:000 francos.

É ao excessivo comprimento dos seus braços, que elle teria devido a victoria, se a lucta continuasse. Excedem um milhão as quantias que tem ganho ao box.

O novo imperador da China



O REGENTE TCHUN E O PEQUENO IMPE-
SEU SEGUNDO FILHO | RADOR DA CHINA

Um soberano de tres annos que reina sobre quatrocentos e trinta milhões de homens

O Entrudo

Não o Carnaval, mas o nosso velho Entrudo resurgiu este anno ainda que frouxamente. Do *Turf e Club Tauromachico*, jogou-se com enthusiasmo vivissimo, com todas as armas prohibidas, mas proprias do tempo: pó, *cocottes*, e até ovos!

Isto, longe de ser censura, é satisfação. Cada terra com seu uso, cada roça com seu fuso, como diz o adagio e gostosamente repetia o grande Garrett. O Carnaval, importado do estrangeiro, acabaria por só entreter creanças. Não é nosso, nem está na indole (como diremos n'um movimento de orgulhoso jubilo?) ainda um pouco selvagem do nosso povo, indole que, longe de o acanhar lhe promete futuro e gloria que os requintados da civilisação não pódem esperar.

Houve bailes, matinées para creanças, sendo talvez a mais brilhante neste ultimo genero, a que se realisou em casa dos srs. Condes de S. Luiz. O folião das ruas é que foi mais pobre; mas a Avenida regorgitou de gente, e a satisfação, e alegria popular não desdenharia em vez de tres dias um oitavario de festas e desafogo de convenções sociaes.



UMA JAPONESA... DE LISBOA

*A menina Maria Elisa Rangel de Lima, vestida de musumé
(Um dos premios do baile infantil, no Coliseu)*



DOIS CARDEAES SEM CONSISTORIO
O eminente actor *Eduardo Brazão* e seu filho

CARNAVAL DE 1909



AS CRENÇAS MASCARADAS NO BAILE DA LEGAÇÃO DE HESPAÑA

CARNAVAL DE 1909



AS CRIANÇAS MASCARADAS NO BAILE DA LEGAÇÃO DE HESPAÑA

CARNAVAL DE 1909



NAS RUAS — VARIOS ASPECTOS

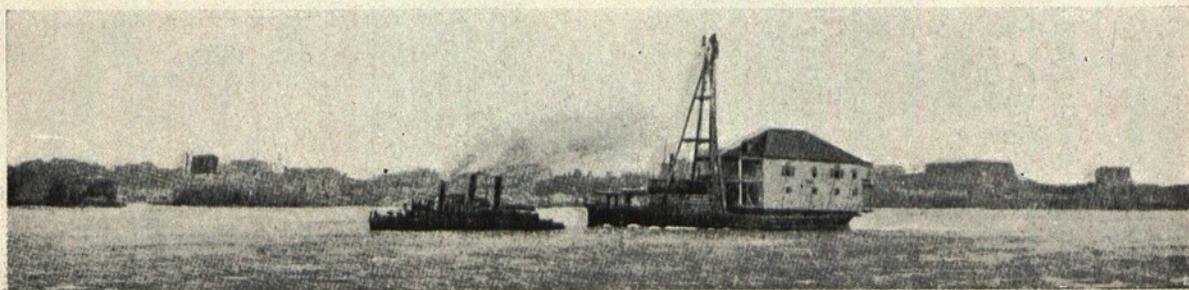
Curiosidades

Mudança original. — Os engenheiros americanos tem-se celebrizado pelas arrojadas tentativas, quasi sempre coroadas de exito, a que se tem abalançado.

A estampa que reproduzimos fornece um exemplo.

Nas margens do rio Hudson isolaram um predio de dois andares dos seus alicerces, carregaram-o sobre um barco como qualquer simples fardo, e transportaram n'õo assim ao seu destino.

Nem mesmo os locatarios tiveram de se encommo- dar com a mudança: elles e os moveis, tudo foi transportado nos seus respectivos aposentos!



A Moda

Este vestido proprio para jantar ou noite, é da maxima elegancia; a sua côr pôde sêr azul pallido ou vêrde mar, e as mangas e corpo com bordados japonezes.

Theatros

S. Carlos. — *Madame Butherfly* agradou. A senhora Farnetti, que é um optimo soprano, estreiou-se com felicidade. O tenor Carpi e o barytono Rapisardi mereceram tambem os applausos do publico. Mugnone conseguiu tudo da sua orchestra.

O Amôr de Perdição, que ha dois annos tem causado o enthusiasmo da nossa primeira plateia, teve um novo triumpho. Na senhora Baldassare e no senhor Rosanoff encontrou o nosso famoso compositor dignos interpretes da sua bella opera. Do Mephistopheles só o prologo e a romanza do epilogo, cantado pelo senhor Carpi, conseguiram ser ouvidos com prazer.

D. Maria. — Além de varias repetições houve n'este theatro as seguintes primeiras:

Caminhos tortuosos de Cezar Porto, tres actos applaudidos.

É um bem combinado enredo sobre desagradaveis surpresas conjugaes, que as leis não remedeiam. O desempenho muito correcto: deve ter longa carreira, assim como o monologo *Manga d'alpaca* que a acompanha no cartaz.

O Livro do ponto que é uma critica á burocracia portugueza por Emygdio Garcia, foi muito bem acolhida. Ignacio, Joaquim Costa e Luiz Pinto, bem como os restantes actores, muito concorreram, pelo bom desempenho, para o seu excelente exito.

D. Amelia. — A festa artistica de Palmyra Bastos, teve, como era de esperar, a concorrencia devida ao talento com que ella encarna a principal personagem do *Tio Milhões*, peça escolhida e que vem já de ha annos visitando o cartaz. A festa que os artistas de todos os theatros realisaram n'este, teve uma enchente e correu animadissima. Além da comedia o *Desquite* e da opereta *Intrigas no Bairro*, cantaram-se differentes trechos de musica e recitaram-se varias poesias. Foi uma noite de encanto que deve ficar na memoria de todos que alli concorreram. *Paus ou Espadas*, a graciosa traducção de André Brun, teve um completo successo.

A fraqueza do corpo, a debilidade dos membros, nervosismo das senhoras, dissipam-se por completo tomando **SOMATOSE**.



VESTIDO SIMPLES DE JANTAR

Trindade. — Enquanto se ensaiou n'este theatro a opera de Alfredo Keill e Henrique Lopes de Mendonça, representaram-se as já conhecidissimas e applaudidas peças *Tangerinas magicas*, *Carmen*, *Bohemia*, *Hotel do livre cambio* e *Capital Federal*.

Gymnasio. — *O pataco falso* é uma comedia burlesca de que é auctor Ernesto Rodrigues e que faz rir as pedras. *A Prima Annica* do mesmo senhor e de Xavier Marques tem scenas consecutivas em que se não pôde parar de rir.

Avenida. — N'este theatro foi a *Gueicha*, opereta comica em tres actos, posta em scena com grande apparatus, a unica primeira que se tem dado desde o nosso ultimo numero. Salientaram-se n'ella pelo seu desempenho Medina de Sousa e Julia Mendes.

Principe Real. — O *Azebre* novo original em tres actos de Henrique Lopes de Mendonça, teve n'este theatro um successo. Ferreira da Silva desempenhou n'elle o principal papel no qual interpretou com a mais soberba mestria as intenções do actor, e juntou á longa galeria das suas esplendidas creações mais uma de singular merecimento. Lopes de Mendonça, o inspirado poeta e dramaturgo que todos tão justamente apreciam, tem na nova peça mais uma glorificação do seu notavel talento.

O thema que escolheu é cheio de verdade.

Fidelio, um artista musical de subido talento, procura na baixa bohemia o esquecimento, ou antes a mitigação das suas dôres moraes. Uma noticia inesperada que o inebria das mais suaves alegrias, chama-o de novo á paz e ao conforto do lar. Mas era tarde. Sente-se deslocado alli. Só o berço do neto estremecido consegue prendê-lo; mas é tão fragil a prisão d'um berço contra as fortes tentações que a bohemia da Mouraria, encarnada n'uma mulher perdida, lhe suggere continuamente que, ao mais pequeno e justo reparo que o genro lhe faz, volta á sua antiga miseria. O heroe da peça seria um bom, um dedicado, talvez um grande pelo talento, se tivesse sido comprehendido. Sente-se n'elle uma alma que soffre, mas é um fraco, e esses temperamentos assim não reagem quando feridos moralmente; procuram no alcool e na lama o esquecimento e descem, descem sempre até acabar n'um hospital ou morrer á esquina d'uma rua.

Lopes de Mendonça não levou tão longe o seu bem estado personagem. Fa-lo voltar á bohemia e, tendo provado o poder do vicio n'aquelles que uma vez o contrahiram, pára ahi.

A casa da filha não é a Fidelio um meio acariciador e muitos não comprehendem a razão porque o auctor a pintou assim: o contraste seria mais frizante, mais theatral, mas menos verdadeiro. Um pae que sai da Mouraria tem aos olhos dos filhos qualquer coisa deprimente; depois, o seu principal mal vem d'elle proprio; são as circumstancias e habitos que não corrije, esperando sempre que os outros se corrijam, que é o que é humano.

O que lhe torna a vida insupportavel é não se adaptar á vida de sala com todas as suas mesquinhas, pela mesma razão de que o vicio que o subjuga não lhe impõe, fóra d'ali, encommodos disfarces. — E' a vida em toda a sua triste realidade.

Ferreira da Silva muito bem o comprehendeu, recolhendo o *Azebre* para a sua festa artistica.

A estreia de Lucinda Simões e Christiano de Sousa effectuou-se com a *Tia Leontina*, comedia de Boniface et Rodin que, por ser já conhecida do publico, não foi menos festejada.

O *Bibliothecario*, tão apreciado sempre, reapareceu este anno com geral agrado.

Colyseu. — Estreiarão-se as *Imperial Girls*, jovens inglezas que tem captivado o publico pela sua graça e gentileza, e as bailarinas *Olivares-Romero* que são tambem dignas de menção.

Andrée Syvial, numero de excentricidade musical, obteve farta colheita de applausos no elegante circo.

Brazileiros illustres

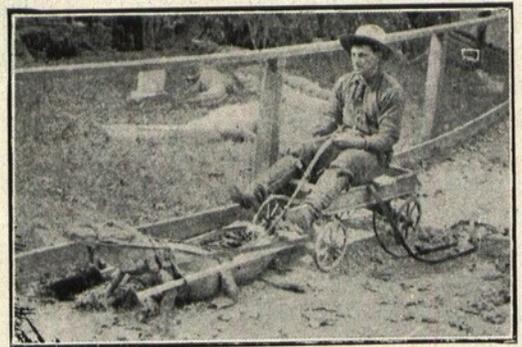
Os filhos do Barão do Rio Branco. — Estiveram de passagem em Lisboa, os filhos do ministro das relações exteriores do Brazil, que se dirigiam



para Berlim, onde o sr. Raul do Rio Branco, foi exercer o cargo de secretario da legação do seu paiz.

Um motor singular

Parecia que o alligator seria o ultimo dos animaes a applicar a qualquer especie de tracção. Pois houve um homem que conseguiu domesticar um brutinho dessa especie, — um americano H. J. Campbell, pro-



UM ALLIGATOR COM APPARELHO

prietario de uma fazenda em Crikansas. O animal escangalhou por tres vezes o vehiculo com a sua cauda poderosa, mas porfim habituou-se e faz regularmente o seu serviço conduzindo o dono nos seus passeios em redor da herdade.

Obras d'arte

Monumento ao Marechal Saldanha. — Já o não conhecemos, mas privámos intimamente com testemunhas presenciaes das suas glórias.

Homem de guerra e de sala, o vencedor de Almofter exercia uma acção deslumbradora em quantos o tratavam. Homens e mulheres do seu tempo, ao evocá-lo, illuminava-se-lhes o olhar, um sorriso de sympathia assomava-lhes aos labios, onde pullulavam phrases entusiasmáticas, de enaltecimento pelos seus feitos, e palavras cheias de benevolencia e affecto para desculpar os seus erros.

Um seu ajudante de campo, que foi incontestavelmente um dos maiores homens do nosso tempo, visitando com-nosco o historico forte de Torres Vedras, falava-nos d'elle assim, — e a face, de ordinario pallida coloria-se-lhe de emoção:

— Que homem! que chefe! que soldado! que cortezaõ! Era em tudo unico, mas como cabo de guerra não tinha igual.

E calorosamente, desvanecidamente, descrevia com fogo a brilhante acção de 22 de dezembro, a morte de Mousinho, a attitude do marechal, e tudo com tão vivas e bem achadas côres que julgavamos por instantes assistir á peleja.

Duas senhoras, uma da sua época, outra que poderia pela idade ser sua filha, tinham sobre elle as mais lisongeiras opiniões.

A primeira disse-nos:

— Quando elle entrava n'uma sala *ninguém via mais nada*: era bello, elegantissimo, e á fama da sua bravura juntava a graça d'uma delicadeza primorosa e requintada. Foi excessivamente querido e... merecia-o.

E ficava-se de olhar perdido no espaço seguindo talvez no pensamento, impressões mais intimas que não desejava repetir.

A segunda pintava-o assim:

— Os seus cabellos de neve, contrastando com a viveza do olhar e o aprumado da figura, realçavam a bella austeridade da sua phisionomia, austeridade que um sorriso apagava. Elle gostava da mocidade, ria e folgava com ella, e a creança adorava-o.

Os seus velhos soldados enternecem-se a lagrimas relembrando o prestigioso chefe, e é assim, atravez de todos estes affectos, que pelo calor do coração passaram vivos de filhos a netos, que a esbelta figura

do grande marechal exerce no espirito de todos os portuguezes a mesma acção empolgante que exercia nos seus contemporaneos. E' que todos sabem, não pela historia, mas pelo que aprenderam dos labios queridos de paes, que em tenras idades são para os filhos verdadeiros oráculos, o seu papel na guerra peninsular, como em Montevideu carregou a cavallaria de Artigas, e sobretudo, por mais recente, a sua singular e decisiva acção nas Campanhas da Liberdade. Dizia Saldanha, segundo conta o sr. Rodrigues da Costa, que um general devia ser ás vezes tão destemido, que parecesse doido. outras tão prudente, que parecesse fraco. E que entendia tambem ser o



O MONUMENTO

brío o primeiro predicado militar, predicado sem o qual a profissão perderia todo o seu prestigio e poesia.

Dir-se-hia que n'estas palavras traçava um esboço do seu retrato moral.

Depois, quem não ouviu contar por algum dos seus o celebre episodio de 19 de maio, e não se commoveu sabendo o susto da filha que o estremecia! Ao ver o pateo da sua casa coalhado de tropa e julgando que lhe iam prender o pae, corre ao quarto d'elle e encontra-o já prompto, cingindo naturalmente a espada.

— Veem prendê-lo? indaga afflicta.

— A mim ?
pergunta sorrindo sobranceiro.

E logo responde.

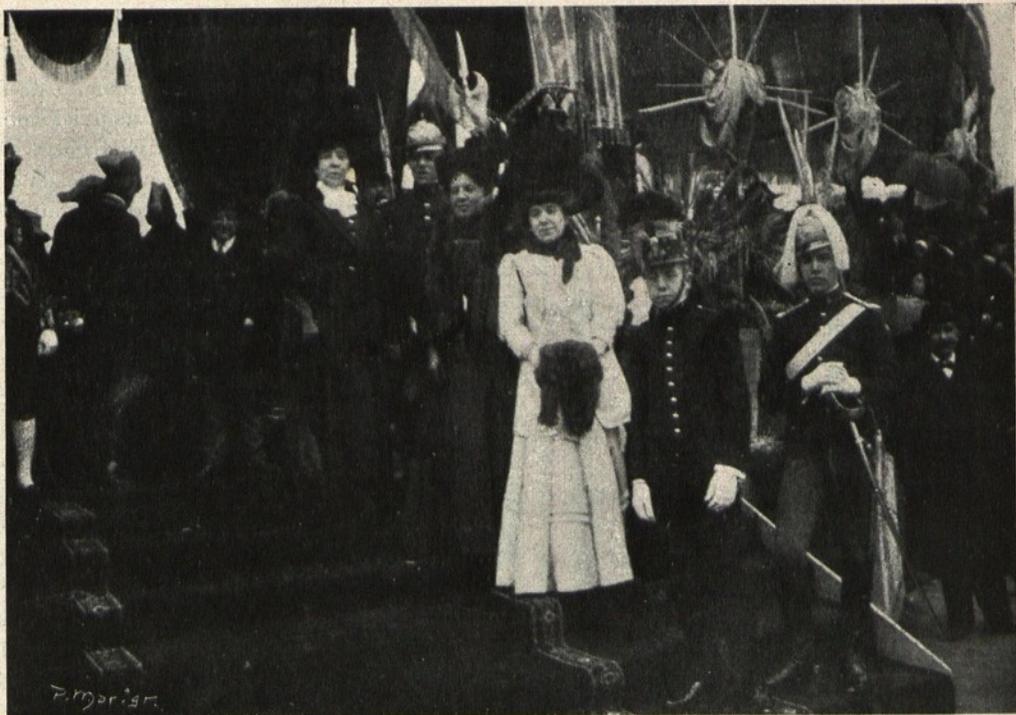
— Não, descança; sou eu que lhes vou dar uma leve lição.

Abraça-a e sai.

Descança! repete consternada a pobre senhora collando o rosto á vidraça da janella, vendo-o montar a cavallo no pateo da casa, tomar a testa da columna e sahir silenciosamente, seguido dos seus homens com destino ignorado...

Descança! Só quem não tiver affectos lembrará sem estremecer os seculos da angustia que a pobre senhora passou em horas.

Voltou-lhe incolume e victorioso, como sempre: mas podem as alegrias, por grandes que sejam, com-



OS DESCENDENTES DO DUQUE DE SALDANHA

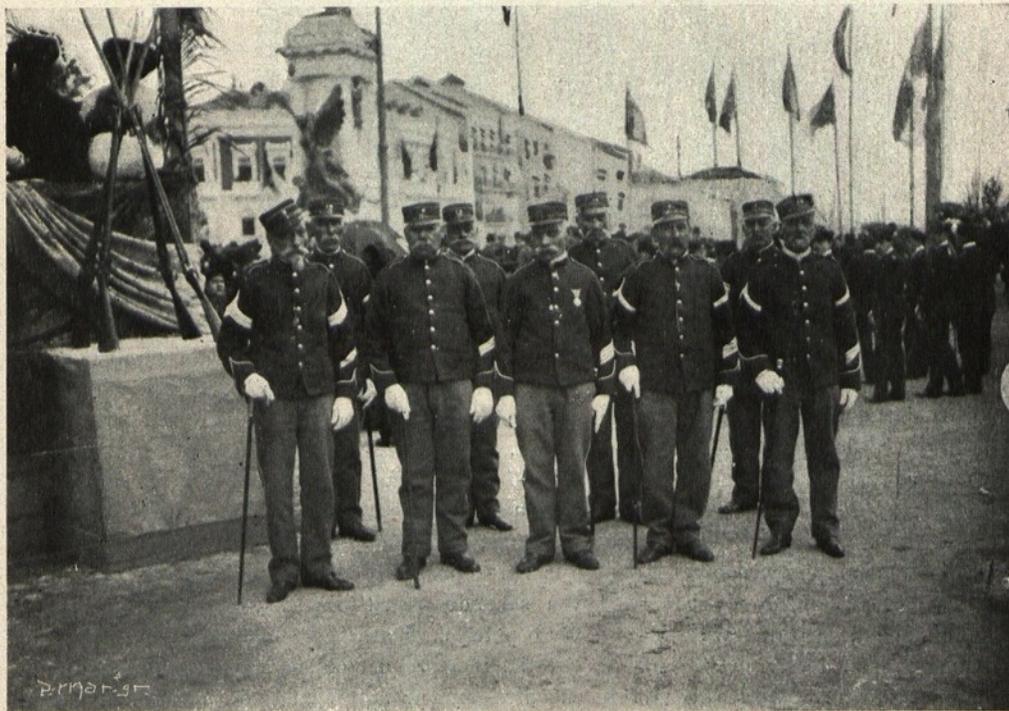
pensar as amarguras e incertezas da espera? O prazer não mata mas a dôr, essa gasta annos em momentos.

Escreveu um nosso notavel poeta:

*Quer Deus que as glorias d'uns inda as mais puras
Custem n'outras angustias e torturas...*

Quão poucos, ao contemplar o elegante monumento com que a nação perpetua o seu testemunho de apreço, e Thomaz Costa, o seu nome, se lembrarão das lagrimas de que a gloria dos heroes é amassada.

Talvez ninguem. Mas o que não esquecerão, porque se impõe, é que a gloria que a espada alcança é a mais bella.



ANTIGOS CAMARADAS DO DUQUE DE SALDANHA

O feminismo na guerra

As mulheres em Inglaterra estão tomando a peito a defeza da sua patria na contingencia de qualquer futura invasão.



Tratam agora de organizar um corpo de enfermeiras, que terá mil damas a cavallo para acudir aos feridos

no campo de batalha, e tres mil a pé para fazerem serviço nas ambulancias e hospitaes. A nossa gravura mostra a «Sergeant major» Katie Bakes angariando recrutas. Estes novos soldados terão o seu uniforme, bem como arreios para as montadas, cuja importancia é de tres penceis por cada praça. As de cavallo já se estão exercitando na picaria. Embora o novo corpo ainda não tenha sido officialmente reconhecido nem conte com a garantia do governo, assegura-se que será commandado pela filha de um marquez muito conhecido.

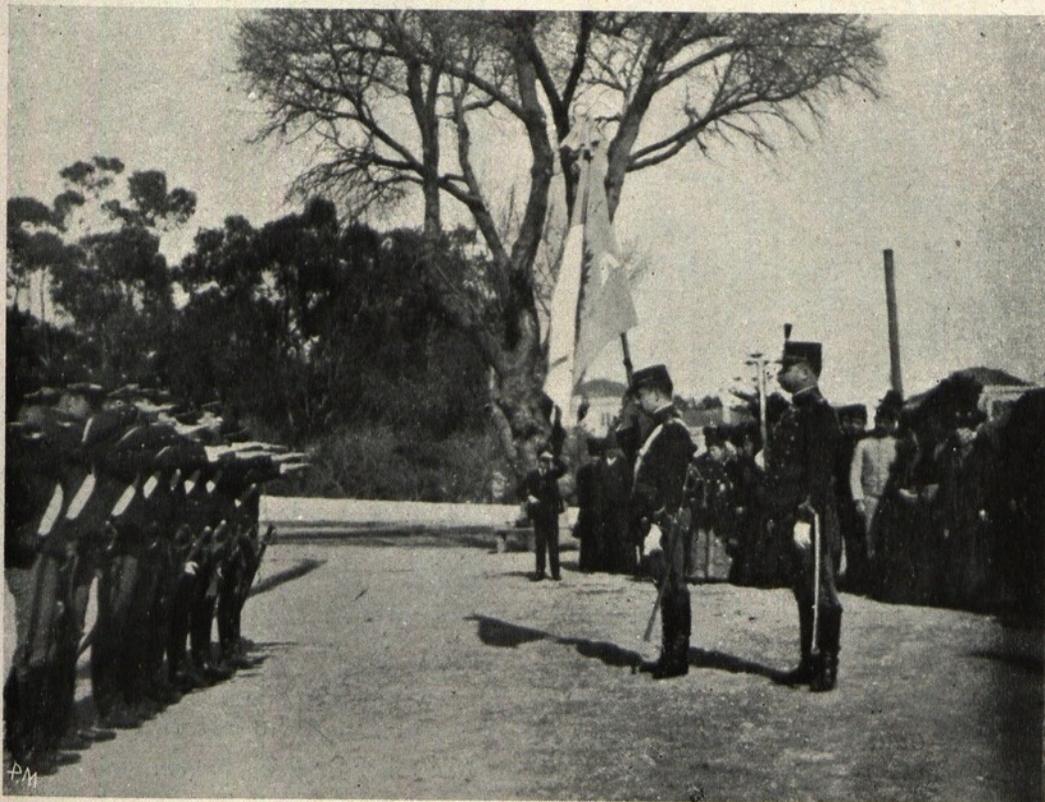
É esta indubitavelmente uma empreza nobre e elevada e que merecem que a imitem.

É á cabeceira do leito dos enfermos e junto de todos os que soffrem, que a mulher tem o seu posto de honra, e quando no exercicio d'essas sagradas funções, deve ser e é, justamente applaudida.

N'um campo de batalha como n'um quarto do hospital, a sua acção pode ser muito util e benefica.

Juramento de bandeiras

Na Escola do Exercito. — Realisou-se em 14 de fevereiro ultimo, o juramento de bandeiras dos alumnos que ainda o não haviam prestado. A cerimonia teve logar na magnifica cêrca do nosso primeiro estabelecimento militar de instrucção, em seguida á missa rezada na igreja da Bemposta, á qual assistiram todos os alumnos, na fôrça de uma companhia de guerra sob o commando do sr. capitão Pacheco Simões.



JURAMENTO DE BANDEIRAS NA ESCOLA DO EXERCITO

A caricatura no estrangeiro



(Il Papagallo)

(Bolonha)

UM CURIOSO MODO DE VER ITALIANO NA NOVA SITUAÇÃO DA TURQUIA

Alguns dos «sportsmen» da corrida (a Austria por exemplo) ficaram com as machinas escangalhadas. Miss Turquia continúa no caminho do progresso, auxiliada pela Inglaterra, França e Russia.



(Der Whhre Jacob)

(Bérlim)

A MÃE EUROPA — *Cautela meus filhos; ahí vem o papão!*

Allusão bem transparente aos armamentos da Allemanha.



(Kladderatsch)

(Bérlim)

A ULTIMA OBRA-PRIMA DA CERAMICA
DIPLOMATICA

Por amor de Deus, evitem qualquer choque.

Allude ás relações delicadas entre a Allemanha e a Inglaterra.

Politica

Reunião dos deputados Amaralistas. — Havia natural curiosidade em conhecer a attitude que no parlamento tomariam os deputados affectos ao almirante sr. Ferreira do Amaral, perante o actual governo. Esta attitude ficou definida na reunião effectuada em casa do illustre marinheiro, na qual se apuraram 12 votos contra, e tres a favor, sendo um d'estes o do sr. Marques Pereira, condicional.

Duello. — O duello dos srs. José de Azevedo e Wenceslau de Lima causou grande curiosidade e palavroso bulicio, razão esta porque os *Serões*, estranhos a politica, lhe fazem referencia.



O CURATIVO

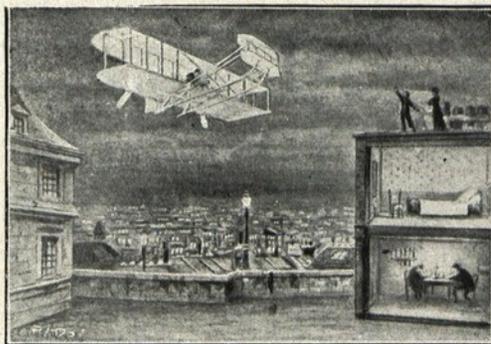
Realisou-se ás tres horas da tarde de 27 de janeiro no velodromo de Palhavã. No segundo assalto ficou ferido no antebraço o sr. José d'Azevedo.

O theatro por dentro

Dois estranhos quadros. — Actualmente representa-se em Paris, no theatro Chatelet, a peça de grande espectáculo *As aventuras de Gravoche*, que, pelo modo luxuoso como está posta em scena, e sobretudo pelo maravilhoso effeito de dois dos seus quadros, tem sido immensamente applaudida. Estes dois quadros que demonstram muitissimo engenho da parte do machinista que os montou, são: um rapto em aeroplano e um naufragio.

No primeiro vê-se vir do fundo do theatro um aeroplano que passa por cima d'uma grande cidade, chega ao proscenio, dá uma volta e vai parar sobre o telhado d'uma casa, onde salva a heroína da peça, para em seguida proseguir na sua marcha e desaparecer. No segundo, mais impressionante ainda, vê-se em pleno mar, na noite brumosa, Gravoche e os seus amigos fugindo n'um barco, depois de terem deixado a arder um rastilho que communicará o fogo ao paiol da polvora do *Amazonas*. Vê-se apparecer.

no meio de denso nevoeiro o navio, que os perseguê, e que a pouco e pouco vai definindo as suas fórmãs; por fim chega, enorme, ao primeiro plano e ali manobra para alcançar os fugitivos; mas n'este momento

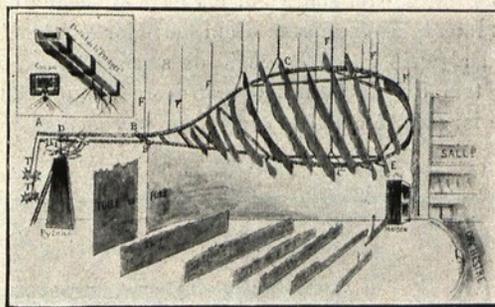


UM SALVAMENTO EM AEROPLANO

uma explosão terrivel fal-o desaparecer nas ondas. O empolgante effeito d'estes quadros é obtido da seguinte fórma:

O aeroplano, que é um modelo reduzido do de Wilbur Wright, tem 6,50 de envergadura e está suspenso d'um apparelho formado por uma cale de madeira, no meio do qual se abre a todo o comprimento uma ranhura. A este apparelho chamam os francezes *paciencia*, pela semelhança que offerece com a *tala* de que os soldados se servem para limpar os botões do uniforme, e que estes designam por aquelle suggestivo nome.

A cale vem do fundo da scena até ao primeiro plano e tem exactamente a forma de uma *raquette* de 21 metros de comprimento por onze de largo; em *C* e *C'* possui charneiras que permitem dobra-la e



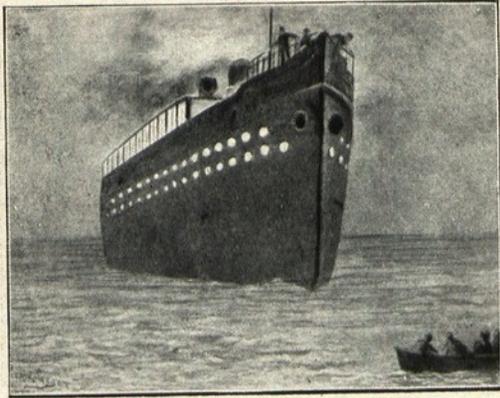
COMO EVOLUCIONA O AEROPLANO

ça-la para o urdimento durante o espectáculo, de fórma que sómente fica montada no seu logar a parte *AB* que representa o cabo.

Quando se arma a scena do rapto, arrega-se a *paciencia*, dobrada em duas, por meio de dezoito fios de aço, que servem tambem para a abrir e para a fixar a nove metros acima do palco, no prolongamento de *AB*.

Da parte superior do aeroplano sahem dezeseis fios

d'aço reunidos em tres feixes, que atravessam a ranhura e vão prender-se a um carro montado sobre bolas. Este carro rola na cale pela acção de cor-



O PAQUETE «AMAZONAS» DANDO CAÇA AO BARCO DOS FUGITIVOS ANTES DA EXPLOÇÃO

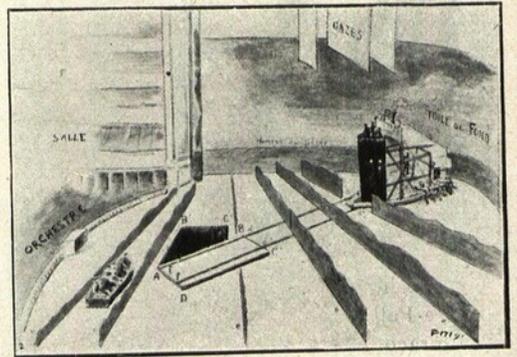
das ligadas aos tambores de dois sarilhos *T* e *T*, movidos por machinistas robustos. Pannos pintados fingindo o ceu, cuidadosamente afinados com o scenario, occultam aos olhos dos espectadores o engenhoso aparelho, que póde ser montado em dez minutos.

Quando é a scena da salvacão, o aeroplano, tripulado pelo seu conductor, está em *D*, depois avança pela esquerda passando por *B* e *C* e dá a volta pela frente de espectador até chegar a *E*, onde pára, recebe a heroína e parte de novo, por *C' B*, para voltar a *D*. Este trajecto dura tres minutos.

Para preparar o quadro do *Amazonas* começa-se por collocar no palco obliquamente a partir do fundo á esquerda (*a, á*) dois carris que atravessam a scena: em *d, d f e f* estes carros assentam sobre um prato *A B C D*, movel sobre um eixo em *A*, e que cobre exactamente a plataforma d'um elevador que funciona n'um alçapão aberto no meio da scena. O *Amazonas* que tem 5,5 de altura, 9 metros de comprimento e 3 de largura, é collocado sobre um carro, cujas rodas

assentam nos carris, e disposto de travez sobre a scena, tendo sómente pintada a proa e o lado voltado para o publico: o lado opposto é aberto para permitir a manobra dos machinistas. Sobre o palco dispõem-se parallelamente á ribalta pannos pintados simulando vagas (*e*) todos cortados verticalmente na altura dos carris.

Quando o panno se levanta para o quadro do naufragio, os actores estão no barco á direita da scena: Tres pannos de gaze, parallelos, dão a impressão d'um espesso nevoeiro, que vai deixando adivinhar e depois apparecer o navio, á medida que vão sendo successivamente levantados. O *Amazonas*, com a sua tripulação, avança lentamente empurrado por seis homens, e de cada vez que toca um dos pannos que fingem as ondas, é este puxado d'um e outro lado para deixar livre uma passagem igual á largura do vapor. Quando o carro está no prato *A B C D*, os homens empurram-no sobre a direita de modo que toda a massa gire em torno do eixo *A*, e o prato cubra a plataforma do elevador. N'este momento fazem-se estalar algumas bombas, accendem-se fogos



O QUE SE PASSA EM SCENA. O MOVIMENTO DO «AMAZONAS»

de Bengala, o elevador funciona, e o prato *A B C D*, levando consigo o *Amazonas*, desaparece completamente por detraz das ondas de panno.

FARINHA LACTEA NESTLÉ

Alimento completo para crianças e pessoas edosas.

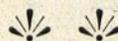
MUSICA

DOS

SERÖES



O MAESTRO ALBERTO SARTI NO SEU ATELIER



Sur un thème populaire

(SENHORA DO LIVRAMENTO - COIMBRA)

— Impromptu pour piano de —

ALBERTO SARTI

Stacc.

bien chanté

dolcis.

First system of musical notation, consisting of a treble staff and a bass staff. The key signature is three flats (B-flat, E-flat, A-flat). The music features a complex rhythmic pattern with many sixteenth and thirty-second notes.

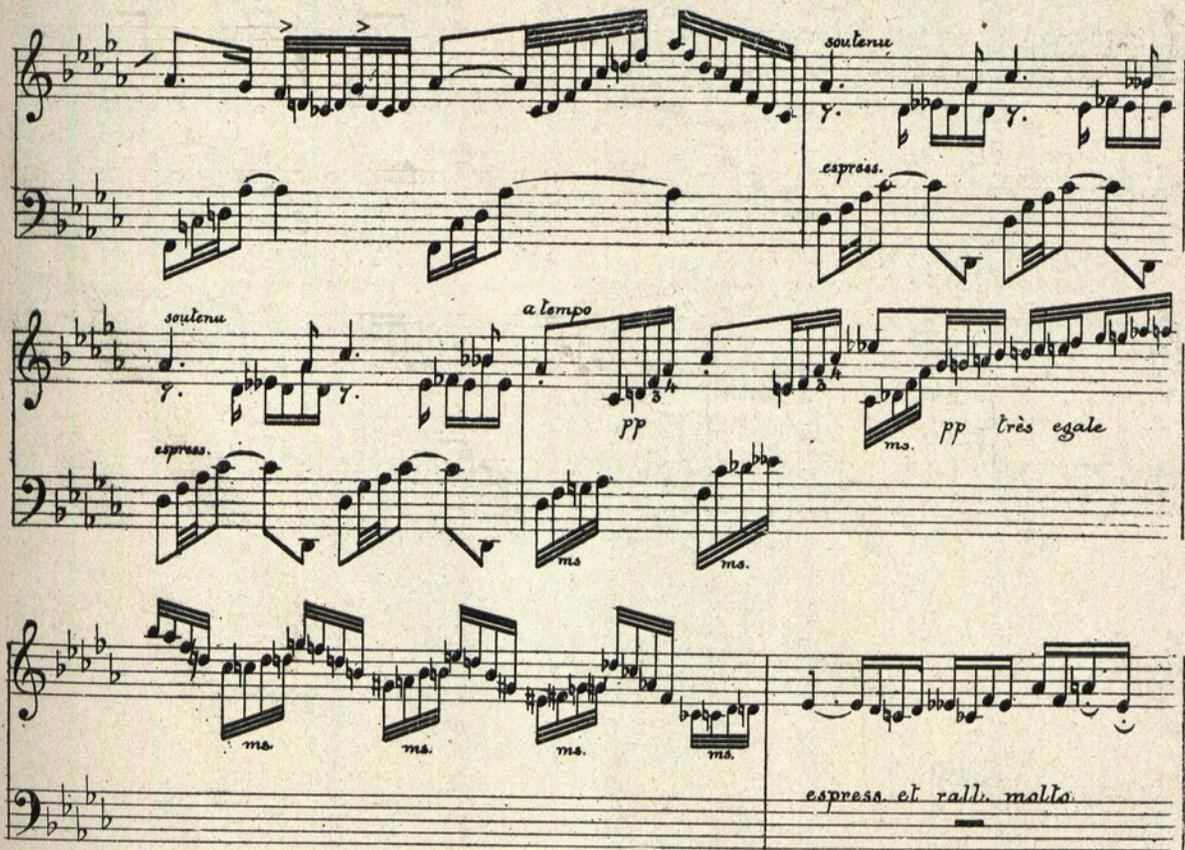
Second system of musical notation, consisting of a treble staff and a bass staff. The key signature remains three flats. The treble staff includes the instruction *espress.* above the first measure and *sonore et soutenu* above the second measure. The bass staff has a cross symbol (X) under the second measure.

Third system of musical notation, consisting of a treble staff and a bass staff. The key signature remains three flats. The treble staff has a cross symbol (X) under the second measure. The bass staff has cross symbols (X) under the second and third measures.

Fourth system of musical notation, consisting of a treble staff and a bass staff. The key signature remains three flats. The treble staff has the instruction *pp soutenu* above the first measure and *cresc.* above the third measure. The bass staff has a cross symbol (X) under the first measure.

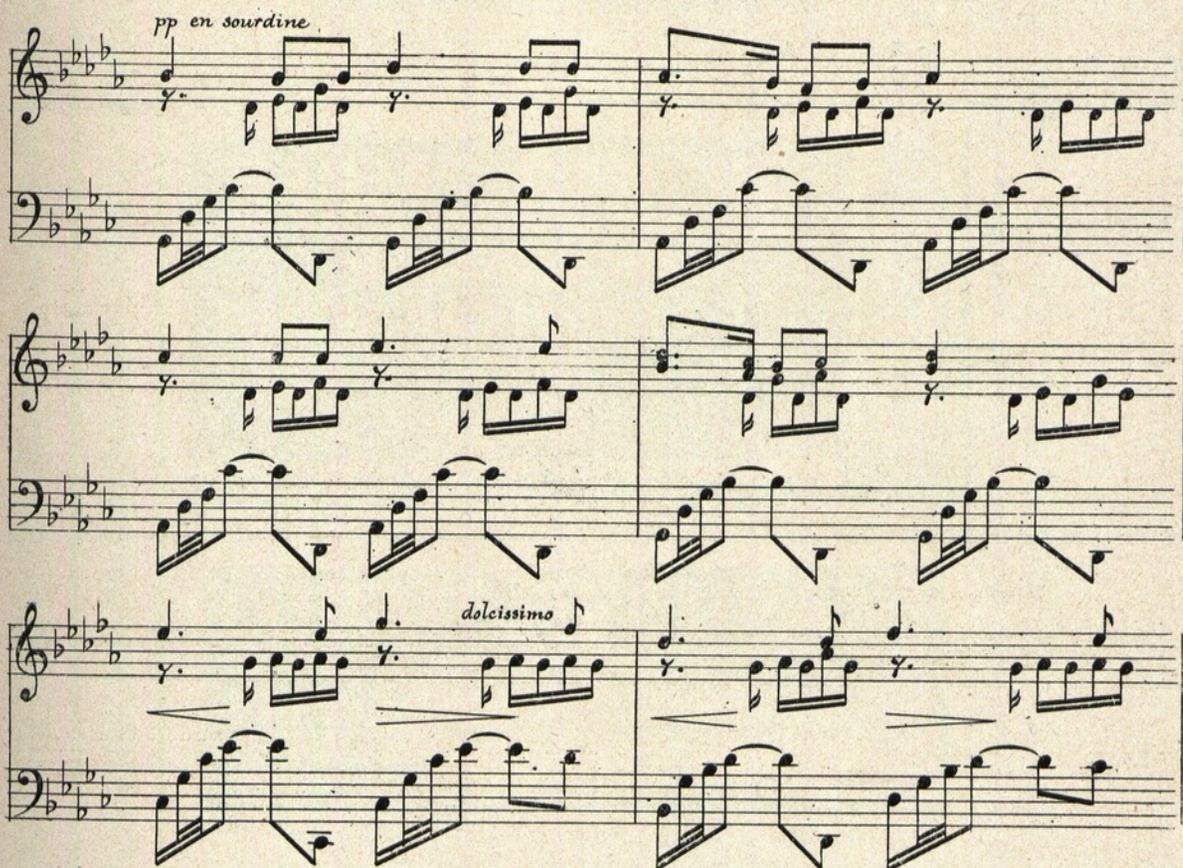
Fifth system of musical notation, consisting of a treble staff and a bass staff. The key signature remains three flats. The treble staff has the instruction *> a tempo* above the second measure and *pp* below the second measure. The bass staff has *mf* above the first measure and *md.* above the second and third measures. There are cross symbols (X) under the first and second measures of the bass staff.

Sixth system of musical notation, consisting of a treble staff and a bass staff. The key signature remains three flats. The treble staff has *mf* above the second measure. The bass staff has *bb* below the second measure. There are cross symbols (X) under the first and second measures of the bass staff.



musical score system 1, featuring treble and bass staves with various musical notations and performance instructions.

soutenu
espress.
soutenu
a tempo
pp
pp très égale
espress.
ms.
ms.
ms.
ms.
espress. et rall. molto



musical score system 2, featuring treble and bass staves with various musical notations and performance instructions.

pp en sourdine
dolcissimo

First system of musical notation, featuring treble and bass staves with complex rhythmic patterns and slurs.

Second system of musical notation, including dynamic markings such as *espress.* and *cresc.*

Third system of musical notation, marked with *f.* and containing fingerings (6, 5) and trills (*tr.*).

Fourth system of musical notation, showing chordal structures and dynamic markings like *f.*

Alfred Schnittke

AS GOTTAS CONCENTRADAS DE

FERRO BRAVAIS



São o mais eficaz
remedio contra

**DEBILIDADE, FALTA DE FORÇAS, ESGOTAMENTO
ANEMIA, CLOROSE, CORES PALLIDAS.**

Sem cheiro nem sabor o Ferro Bravais é recomendado por todos os Medicos do mundo
Não dá prisão de ventre. Não ennegrece os dentes. Dá em pouco tempo :

SAUDE - VIGOR - FORÇA - BELLEZA

Desconfiar das Imitações. — *Só se vende em Gottas e em Pilulas*

Em todas as Pharmacias ou Drogarias. Deposito : 130, r. Lafayette, PARIS

Os Agentes em Portugal
REEMBOLSAM o DINHEIRO
a quem não tiver tirado resultado

na **BRONCHITE**
TOSSE, ASTHMA
TISIS PULMONAR
empregando o
XAROPE FAMEL

PARIS
86, Rue de la Réunion
PREÇO : 800 REIS
Franco de porto em todo o Portugal por 2 frascos.

DEPOSITO GERAL : Rua dos Sapateiros, 15,
1.º, direito — LISBOA

BAUME BENGUÉ

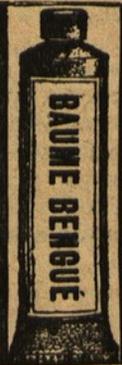
Cura Totalmente

RHEUMATISMO

GOTA

NEURALGIAS

Dr BENGUÉ, 47, rue Blanche, Paris, e em todas as Pharmacias.



LOÇÃO DEQUEANT

CABELLO
BARBA
PESTANAS
SOBRANCELHAS

Unico producto scientifico apresentado na **Academia de Medicina de Paris** contra o microbio da Calvicie e todas as affecções do couro cabeludo.
L. DEQUEANT, Pharmaceutico, 38, Rue Clignancourt, Paris.

A VENDA EM TODAS AS BOAS CASAS DO PORTUGAL.

Em LISBOA, Rua dos Sapateiros, 15, 1.º, direito,
a quem devem dirigir-se para todas as informações gratuitas.

CH. DENIS. — Agent exclusif pour les annonces étrangères, 128, Faubourg Poissonnière — PARIS.

Grandes vantagens

Aos assignantes dos

SERÕES

BRINDE: Uma viagem a Paris

(Ida e volta em 1.^a classe, partida de Lisboa), em epocha á escolha do favorecido pela sorte, ou o seu equivalente em moeda corrente.

BONUS

Desejosa a administração dos "SERÕES" por reunir o maior numero de assignantes, em uma publicação de tanto interesse e unica no seu genero em Portugal — revista profusamente illustrada, com escolhida e escrupulosa collaboração, que se publica no primeiro de cada mez — e querendo facilitar aos nossos assignantes o poderem completar esta publicação desde o seu inicio, offerece — a todos que assignarem a revista "SERÕES" por periodo não inferior a um semestre —, o poderem adquirir qualquer volume publicado ou todos os dez, com um desconto de 50 0/0, ou seja cada volume (que corresponde a um semestre) 600 réis ou, ainda, 1\$000 réis, lindamente encadernado.

O preço da assignatura dos "SERÕES" é

Portugal, ilhas, colonias e Hespanha.....	{ Anno.....	2\$200 réis
	{ Semestre ...	1\$200 »
	{ Trimestre... ..	600 »
Para o Brazil (Moeda fraca).....	- Anno.....	12\$000 »
Para outro qualquer paiz estrangeiro	- Anno.....	15 fr.

Pedidos á

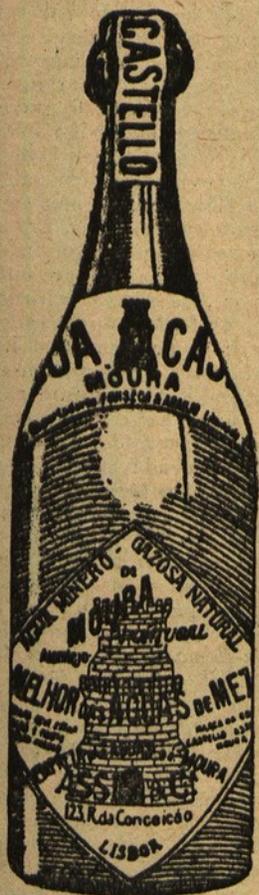
Administração dos "SERÕES"

30, PRAÇA DOS RESTAURADORES, 30 — LISBOA

Telephone n.º 805

Mais vantagens aos nossos assignantes e compradores dos SERÕES

A todos os nossos assignantes e compradores dos SERÕES offerecemos o **Bonus de 10 %**, sobre o preço da venda, de um exemplar do **ANNUARIO COMMERCIAL DE PORTUGAL**, edição 1909, para o que, bastará a apresentação d'este bilhete na administração do Anuario Commercial, Praça dos Restauradores, 30, (Palacio Foz).



AGUA CASTELLO

Minero-gazozza, lithinada natural

— DE —

MOUHA

Refrigera os sãos e cura os doentes

A melhor, a mais pura e a mais barata das aguas de meza do Paiz.

Agradabilissima ao paladar, tomada simples ou misturada com cognac, leite, wiskey, vinho, etc. — premiada na Exposição de S. Luiz e no Palacio Crystal do Porto.

ESCRITORIO E DEPOSITO

123, RUA DA CONCEIÇÃO

Telephone 880

Empreza das Aguas de MOUHA ASSIS & C.^a

LISBOA

Gravuras dos SERÕES

Alugam-se quaesquer clichés publicados n'este Magazine.

Para tratar, na Administração dos SERÕES, Praça dos Restauradores, 30.

SERÕES

LIVROS, REVISTAS E JORNAES

RECEBEMOS E AGRADECEMOS :

Passaros que fogem . . ., por *Veiga Miranda*. — São interessantes episodios da vida brasileira que o auctor descreve com vivacidade e côr. Não sabemos se é este o seu primeiro livro, mas demonstra n'elle facultades litterarias promettedoras de prospera carreira.

A Batalha da Asseiceira (16 de maio de 1834), por *F. Sá Chaves* capitão do Estado Maior de Cavallaria e major da 4.^a Brigada. — O sr. Chaves que ha muito trabalha n'um livro a que tenciona dar o titulo de *Campanhas de meu pae*, extrahiu d'elle um capitulo que publicou agora sob o titulo acima indicado. E' uma interessante monographia na qual, com documentos á vista, o auctor julga com imparcialidade e criterio. As illustrações que acompanham este trabalho valorisam-no muito.

A vida aos vinte annos, por *Alexandre Dumas*. — Da collecção *Horas de Leitura* acabam os editores Guimarães & C.^a de publicar o XIV volume. O que elle vale di-lo o nome do seu auctor.

Versos, por *M. Cardoso Martha*. — São simples e despretenciosos os versos d'este poeta coimbrão que promete largo futuro.

O momento litterario, por *João do Rio*. — São *palestras* segundo o termo do auctor, com varios e illustres escriptores. A elles submetteu João do Rio um questionario do qual a ultima pergunta é a seguinte. *O jornalismo, especialmente no Brazil, é um factor bom ou mau para a arte litteraria?* Sobre este interessante assumpto obteve quarenta respostas. E' um livro muito digno de lêr-se e que tanto em Portugal como no Brasil teve excellente acolhimento, não só pela maneira intelligente como está tratado, como pelas personagens illustres que ventilam varios problemas sobre a arte, litteratura, e mentalidade brasileira.

O paradoxo sobre o comediante, por *Diderot*. — E' um voluminho de 92 paginas 1.^o da Bibliotheca de vulgarisação artistica, que promete pelo seu inicio uma excelente e prospera carreira. O conhecido auctor da *Arte de dizer* ajuntou lhe um interessante e erudito capitulo da sua penna sobre uma phrase de Horacio, e os *Conselhos de Diderot a uma actriz*. Além d'um interessante retrato do notavel francez e do seu amigo Grimm, traz varias e curiosas gravuras.

A Sociedade moribunda e a Anarquia, por *J. Grave*: traducção de *T. Lobo*. — Este interessantissimo estudo é prefaciado por Octave Mirbeau e contém um largo desenvolvimento da idéa anar-

chista. Termina por estas convictas palavras n'um capitulo entitulado *Verdades em phrases*: «E esta propaganda, longe de affastar adeptos para a nossa causa, só contribuirá para lhe trazer todos os que têm sede de Justiça e Liberdade.» E' como se vê, propaganda de ideaes inatingiveis, mas sinceros, e portanto respeitaveis.

Photo-Revista, jornal mensal scientifico, pratico, noticioso e artistico, dirigido por *D. Alberto Bramão*. — E' magnifica no genero esta nova e interessante publicação ricamente illustrada que deve ter entre nós optima acceitação por tratar exclusivamente d'um assumpto que tem conseguido interessar quasi todo o paiz onde o numero de amadores photographicos augmenta diariamente. Este numero, que é o primeiro, traz 6 gravuras impressas a côres, um interessante artigo sobre a invenção da photographia e Niepce, seu inventor, e, além de noticiar varias novidades, ensina alguns processos photographicos. Traz tambem uma secção de echos e noticias e varias curiosidades. Era uma revista que faltava no nosso meio e a que indubitavelmente está preparado longo e prospero futuro.

Leituras Escolares, por *José Nunes da Graça e Fortunato Correia Pinto* professores primarios. — E' um interessante livrinho profusamente illustrado no qual estes professores colligiram prosa e verso de auctores consagrados e ajuntaram varios contos interessantes e uma parte manuscrita, muito util para o desenvolvimento dos pequeninos leitores: é uma obrinha recommendavel e attrahente.

Theatro de Camillo Castello Branco, 5.^o volume. — Termina com este livro a brilhante série das obras d'este tão querido auctor, publicadas pela Parceria A. M. Pereira que com pezar seu e do publico, não conseguiu chegar a accordo com os proprietarios dos volumes que lhes faltam. Traz duas comedias em 3 actos *A morgadinha de Val d'Andres* e o *Lubis-Homem* com um prefacio de Alberto Pimentel. Só os que nunca leram Camillo, e esses não contam, deixarão de lamentar a paragem de tão interessante publicação.

Survivances du regime communitaire en Portugal, Abrégé d'une monographie inédite, por *A. A. de Rocha Peixoto*. — E' muito erudita e curiosa esta obra do distincto professor que tem encontrado no norte do paiz, restos do regimen communal agrario. Cita casos interessantissimos que tornam a leitura da sua monographia agradavel e proveitosa.

Poeira de Paris

POR

JUSTINO DE MONTALVÃO

1 volume, com prefacio de Guerra Junqueiro — 500 réis

LIVRARIA FERREIRA, Rua do Ouro, 132 a 138 — LISBOA